



PARIS

PEDAGOGIA CONTEMPORÂNEA:
RESPONSABILIDADE E FORMAÇÃO DO
JOVEM PARA A SOCIEDADE DO FUTURO

PEDAGOGIA CONTEMPORÂNEA:

RESPONSABILIDADE E FORMAÇÃO DO
JOVEM PARA A SOCIEDADE DO FUTURO

PEDAGOGIA CONTEMPORÂNEA:
RESPONSABILIDADE E FORMAÇÃO DO
JOVEM PARA A SOCIEDADE DO FUTURO



Fundação Antonio Meneghetti
Recanto Maestro - RS
2017

F979 Fundação Antonio Meneghetti

Pedagogia Contemporânea: responsabilidade e formação do jovem para a sociedade do futuro / Fundação Antonio Meneghetti – Recanto Maestro: São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

368 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-68901-10-6

1. Ontopsicologia. 2. Pedagogia Ontopsicológica. 3. Pedagogia funcional. 4. Educação do homem. 5. Desenvolvimento Sustentável. 6. UNESCO. 7. Antonio Meneghetti. II. Título.

CDU: 37:111

Catalogado na publicação: Biblioteca Humanitas da AMF.

Realização



Apoio



Ontopsicológica
Editora Universitária

© 2017 Todos os direitos reservados à Fundação Antonio Meneghetti
Rua Recanto Maestro, nº 26 | Distrito Recanto Maestro
97230-000 | São João do Polêsine | RS | Brasil
(55) 3289-1136 | contato@fundacaoam.org.br
www.fundacaoam.org.br | www.ontopsicologia.com.br

Sumário

Prefácio	9
Apresentação	11

SEÇÃO 1 PEDAGOGIA CONTEMPORÂNEA: RESPONSABILIDADE E FORMAÇÃO DO LÍDER PARA A SOCIEDADE FUTURA

Pedagogia contemporânea: responsabilidade e formação do líder para a sociedade futura	23
<i>Acad. Prof. Antonio Meneghetti</i>	

SEÇÃO 2 CONFERÊNCIA UNESCO 2007: DESDOBRAMENTOS HISTÓRICOS 10 ANOS DEPOIS

Aumento do <i>déficit</i> de atenção e da hiperatividade nas crianças e nos adolescentes, sob o viés médico e ontopsicológico	45
<i>Horácio Chikota</i>	

A potência do telefone móvel,
sob o viés ontológico, ontopsicológico e social
(da pessoa e da sociedade) 53

Rafael Padilha dos Santos

Pedagogia Ontopsicológica
para pais e educadores 59

Estela Maris Giordani

A gratificação na educação 67

Alécio Vidor

Juventude: um momento para ser preciso 69

Josemar Soares

A vida e o mundo dentro de uma *fiction* 75

Patrícia Wazlawick

Fazer a Pedagogia Ontopsicológica..... 83

Patrícia Wazlawick

SEÇÃO 3

OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E A BUSCA POR UMA NOVA EDUCAÇÃO PARA A SOCIEDADE FUTURA: CONTRIBUIÇÃO DA PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA

Um plano global para o
progresso sustentável 91

Clarissa Miranda

Os objetivos de desenvolvimento sustentável aplicados no projeto Recanto Maestro: uma bem-sucedida experiência brasileira voltada para a formação humanista	105
<i>Clarissa Miranda</i>	

SEÇÃO 4

PEDAGOGIA EMPRESARIAL: A EMPRESA COMO GRANDE ESCOLA PARA O JOVEM

Um novo humanismo do trabalho	113
<i>Juliane Fiorezi</i>	

Empresário e jovem: a recíproca relação de vantagem.....	119
<i>Ari Fernando Foletto</i>	

Formação do jovem e atitude ao sucesso	125
<i>Edna Da Silva</i>	

A dialética do mérito e a dinâmica do capaz ...	133
<i>Wesley Lacerda</i>	

Formação como garantia de sucesso.....	141
<i>Roberto Argenta</i>	

Formação para a vida e para a sociedade: diretivas práticas de evidência concreta.....	147
<i>Any Regina Rothmann</i>	

SEÇÃO 5
O MUNDO CONTEMPORÂNEO
E O PAPEL DOS JOVENS:
A VISÃO ONTOPSICOLÓGICA ATRAVÉS DOS
ALUNOS DE GRADUAÇÃO DA AMF

A crise do humano: o jovem como combustível ou solução?.....	157
<i>Wilian Mauri Friedrich Neu</i>	
Juventude “fora de fase”	163
<i>Augusto Roberto Gehrke</i>	
A recuperação da informação-base da vida	169
<i>Natalia dos Santos Conceição</i>	
Da construção de si mesmo à contribuição com a sociedade	175
<i>Mireila Vieira Fagundes</i>	
“Responder” às ocasiões da escola, da sociedade, da vida	181
<i>Ricardo Schaefer</i>	

Prefácio

Esta obra reúne os conteúdos apresentados e debatidos no Symposium Internacional realizado em seis de setembro de 2017, em comemoração ao aniversário de 10 anos da Antonio Meneghetti Faculdade (AMF) na sede da Unesco, em Paris, 10 anos após a famosa conferência realizada pelo Acad. Prof. Antonio Meneghetti, patrono da instituição, na França: “Pedagogia Contemporânea: responsabilidade e formação do líder para a sociedade futura”.

O evento marcou tanto os 10 anos da AMF como da histórica série de seminários internacionais realizados pelo Prof. Antonio Meneghetti nas sedes da Unesco e Nações Unidas.

Trata-se de uma iniciativa privada brasileira que procura contribuir para a evolução e o desenvolvimento humano e social mundial.

Apresentação

Fundação Antonio Meneghetti

O conhecimento ontopsicológico, hoje, é uma realidade em diversas partes do mundo. No Brasil, é vivenciado, principalmente, no Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro, por meio do trabalho científico, cultural e educacional de referência e de grande valor humano realizado pela Fundação Antonio Meneghetti de Pesquisa Científica Humanista Cultural Educacional; pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF), nas atividades de ensino, pesquisa e extensão dos cursos de Graduação e Pós-graduação (MBA e Especialização); pelas atividades e cursos de formação da Associação Brasileira de Ontopsicologia (ABO) e da Associação OntoArte. Atividades de formação científica, culturais e educacionais também são desenvolvidas na Rússia (Moscou, São Petersburgo, Ecaterimburgo, e nos Centros Ecobiológicos de Formação construídos por Antonio Meneghetti em Bernia, Niotan, Diostan); na Ucrânia, no Centro Ecobiológico Vitolga (próximo à capital Kiev); na Letônia, no Centro Ecobiológico Lizari (próximo à capital Riga); na Itália, em Lizori (na Úmbria) e Marudo (próximo a Milão).

O escopo e objetivo maior da Fundação Antonio Meneghetti é a Ontopsicologia, que analisa o valor positivo e criativo presente em cada ser humano. Ela é o estudo da lógica do

homem real, sadio, responsável e artífice positivo de bem-estar e socialidade – desde a compreensão e o estudo teórico, racional e científico, passando por todas as suas aplicações e a confirmação de resultados práticos e de valor ao ser humano no contexto social. A Ontopsicologia afirma a filosofia humanista da vida, que compreende a saúde psíquica, a tensão ao aperfeiçoamento, ao êxito, os valores existenciais, o potencial natural do homem no *aqui* e *agora* e em seu grande futuro. Dessa forma, a Ontopsicologia inaugura um novo paradigma em prol do desenvolvimento de uma ciência autenticamente humana.

A Fundação Antonio Meneghetti de Pesquisa Científica Humanista Educacional Cultural é uma entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos, com personalidade jurídica própria, situada no Distrito Recanto Maestro, que iniciou as suas atividades em 29 de janeiro de 2010 e foi aprovada pela Portaria nº 21/2010 da Procuradoria de Fundações do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

A entidade foi criada pela intenção, em vida, do seu Patrono Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, definindo a educação e a pesquisa como prioridade lógica e razão de ser dessa Fundação.

Entre os objetivos da Fundação Antonio Meneghetti, estão:

- Promover a Cultura Humanista, seguindo os preceitos da Organização das Nações Unidas (ONU);
- Divulgar, promover e garantir a exatidão do estudo e da aplicação das três descobertas feitas pelo seu Patrono, bem como a Ciência Ontopsicológica;
- Promover e garantir a exatidão da realização de pesquisas científicas nessa área e todos os projetos de autoria, executados ou apoiados por ela, que contemplam a função e o valor do homem para si, para a sociedade, para a ciência, para a economia, para a arte e para a cultura.

Nessa mesma ideia, a Fundação Antonio Meneghetti apoia instituições que se dedicam ao desenvolvimento humano, à qualificação profissional de jovens e adultos, atuando junto com as autoridades, os estabelecimentos de ensino, as empresas e os órgãos formadores de opinião pública para criar uma Cultura Humanista em sentido integral.

A Fundação Antonio Meneghetti, ao tratar da promoção de atividades educacionais, culturais, científicas e de fomento à ciência, vem crescendo exponencialmente, tendo reconhecimento pelos projetos que realiza, que evidenciam essa grande iniciativa. Dentre seus projetos, estão: “Bolsa de Estudo Identidade Jovem Inclusiva”, “Orquestra Jovem Recanto Maestro”, “Despertando a Formação Inteligente por meio da Leitura”, “Bola Pra Frente”, “OIKOS”, “Jovem & Tecnologia”, “Kung Fu”, “Coral Recanto Maestro”, “Benefício ao Transporte de Alunos”, “Casa do Estudante”, “Invernada Adulta Recanto Maestro”, “Núcleo de Esportes”, “Congresso Internacional Uma Nova Pedagogia Para a Sociedade Futura”, “Recanto Maestro – Preservar para Perpetuar”, além dos projetos científicos “Pesquisa e Difusão da Ontopsicologia” e os livros “Ontopsicologia: Ciência Interdisciplinar” e a coleção “Antonio Meneghetti Sobre...”. Todos os projetos vão ao encontro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU.

Na área da pesquisa científica, lançou, em 2015 e 2016, o livro “Ontopsicologia: Ciência Interdisciplinar – Vol. I e II”, reunindo artigos sobre a aplicação da Ciência Ontopsicológica em diferentes áreas profissionais (tais como Medicina, Pedagogia, Gestão do Conhecimento, Jornalismo, entre outras). Em 2017, o livro tem continuidade com o III volume, para o qual são recebidos artigos submetidos por meio de edital com chamada pública. A Fundação Antonio Meneghetti promove, ainda,

seminários, cursos e congressos nacionais e internacionais abertos à comunidade, visando à ampliação do conhecimento humano e o desenvolvimento intelectual.

Entre as principais ações nesse campo, estiveram o I Congresso Internacional “*Responsabilidade & Reciprocidade*” (2011), o I Congresso Internacional “*Uma Nova Pedagogia Para a Sociedade Futura*” (2014) e o II Congresso Internacional “*Uma nova Pedagogia para a Sociedade Futura: Protagonismo Responsável*” (2016). Os eventos foram acompanhados do Concurso Cultural “*Uma Nova Pedagogia Para a Sociedade Futura: Protagonismo Responsável*”, premiando trabalhos na área de pedagogia/educação de todo o país.

Para conhecer os projetos e atividades da Fundação Antonio Meneghetti de Pesquisa Científica Humanista Cultural Educacional, acesse a página: www.fundacaoam.org.br.

O valor do pensamento e da obra de Antonio Meneghetti na ONU e UNESCO

Pela relação acadêmico-científica entre o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti com a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o cientista proferiu, nas sedes dessas instituições, conferências relativas à pedagogia e à formação do jovem e do líder para a construção de uma sociedade mais funcional ao humano, considerando os momentos históricos de cada uma das conferências e, sobremaneira, as situações futuras da sociedade e do mundo.

A primeira conferência internacional realizada na sede da UNESCO foi no dia 20 de junho de 2000, em Paris, França. Na oportunidade, o Professor Meneghetti traçou uma nova

análise da problemática internacional, propondo também novos instrumentos de intervenção sobre os problemas que a maior parte da humanidade sofre, dando diretivas funcionais aos sistemas de intervenção pedagógicos, econômicos, políticos e sociais.

Em 2001, foi realizada, na ONU, a conferência intitulada “*Os líderes intelectuais se empenham para o desenvolvimento estável da humanidade*”, no Palácio de Vidro, sede da ONU, em Nova Iorque, Estados Unidos da América.

A terceira conferência trouxe o tema “*A nova pedagogia para a sociedade do futuro*”, na Sede da UNESCO em Paris, na data de 30 de maio de 2006. Naquele momento, o Professor Meneghetti questionou principalmente: “qual é a arte, qual é a técnica para colaborar com o grande projeto da vida que existe em cada criança que aparece neste planeta através das nossas mãos?”.

Um ano depois, no dia 13 de junho de 2007, há exatamente 10 anos, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti realizava a conferência intitulada “*Pedagogia Contemporânea: responsabilidade e formação do líder para a sociedade futura*”, com a presença de autoridades da ONU, de pesquisadores e cientistas de diversos países do mundo, docentes, empresários e profissionais liberais da Itália, Brasil, Rússia, Ucrânia, Países Bálticos, China, dentre outros. Essa última conferência foi proferida poucos meses antes da inauguração da Faculdade Antonio Meneghetti.

Ainda, no dia 20 de junho de 2011, um importante encontro intitulado “*The new BRIC’s youth generation and their future social responsibility in globalised world*” foi realizado no Palácio das Nações, na sede da ONU, em Genebra, na Suíça. O encontro reuniu professores, pesquisadores, cientistas, empresários e, principalmente, jovens dos países do BRICS, como China, Itália, Rússia, Brasil, Índia, África do

Sul, Ucrânia, Letônia. No encontro, foram apresentados os percursos de formação dos jovens e sua atuação com base na Ciência Ontopsicológica.

Essas conferências são exemplos, assim como tantas outras atividades científicas, culturais e educacionais, que ilustram a abrangência de atuação do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti e a significância da Ciência Ontopsicológica no mundo, e mais o reconhecimento do valor de seu pensamento e de sua obra por essas grandes organizações mundiais que são ONU e UNESCO.

Faculdade Antonio Meneghetti

No ano de 2017, a Faculdade Antonio Meneghetti (AMF) completa, em 05 de dezembro, os seus 10 anos de existência. Para a data comemorativa, na qual realizamos diversas atividades memoráveis no ano de 2017, a instituição elegeu o mote: *“Comemoramos 10 anos dedicados ao futuro de milhares de pessoas!”*.

A Faculdade Antonio Meneghetti foi aprovada pelo Ministério da Educação Brasileiro em 2007 e iniciou as suas atividades em 2008, no Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro. Nesse período de 10 anos, construiu e edificou já cinco Cursos de Graduação (Bacharelado em Administração, Sistemas de Informação, Direito, Ontopsicologia e Licenciatura em Pedagogia) e dois Cursos de Pós-graduação *Lato Sensu* (MBA Identidade Empresarial e Especialização em Ontopsicologia), além de inúmeros Projetos de Extensão que abrangem e integram a comunidade da Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul e Projetos de Pesquisa Científica.

Nesses 10 anos, formaram-se seis turmas de novos administradores,

duas turmas de profissionais da área de Sistemas de Informação e uma turma de Direito, todos formados com reconhecido conhecimento técnico, com alinhamento entre teoria e prática, norteados pelo viés da Pedagogia Ontopsicológica – que, principalmente, desenvolve a responsabilidade em cada pessoa, fazendo-a conhecer o seu valor como ser humano para ser um excelente operador no contexto social, que sabe resolver. Formaram-se também oito turmas de Pós-graduação, atingindo alunos de diversos estados do Brasil e mais de 80 cidades do Rio Grande do Sul. Para todas essas atividades serem uma realidade crescente na AMF, em torno de 100 professores integram o Corpo Docente da Instituição, em todos os cursos, e quase 50 colaboradores compõem o Corpo Técnico-administrativo, dia a dia construindo qualidade e excelência na formação integral dos alunos.

Por essa realidade, mas também por tudo o que, sabe-se, pode ser realizado ainda em termos de melhoria e qualificação da educação, da formação do valor humano de cada pessoa e de melhoria contínua do contexto social, os primeiros 10 anos da AMF são comemorados com uma belíssima programação de alto conhecimento científico, cultural, de experiência e formação internacional com o Symposium Internacional *“Pedagogia Contemporânea: responsabilidade e formação do jovem para a sociedade futura”*, em setembro de 2017, na cidade de Paris, França.

Esse evento na sede da UNESCO, certamente, leva adiante, com muita honra, trabalho e responsabilidade, o percurso sério científico e de formação da sociedade atual e futura, realizado pelo Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, há muitos anos, junto a esses órgãos de máxima exposição mundial, que são ONU e UNESCO.

Acadêmico Professor Antonio Meneghetti

O Acadêmico Professor Antonio Meneghetti nasceu em 09 de março de 1936, em Avezzano (Itália). É fundador da Ciência Ontopsicológica, que nasce formalmente na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (*Angelicum*), em Roma – Itália, com a disciplina “Ontopsicologia do Homem”, que teve início entre os anos de 1970 e 1973. Possuía quatro doutorados: Doutorado Clássico em Ciências Sociais e Doutorado Clássico em Filosofia (Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino, Roma); Doutorado Clássico em Teologia (Pontifícia Universidade Lateranense, Roma); *Doktor Nauk* em Psicologia (da Suprema Comissão de Avaliação Interacadêmica da Federação Russa, 27 de abril de 1998, protocolo 0104). Possui também Láurea em Filosofia com abordagem Psicológica (Universidade Católica *Sacro Cuore*, Milão); e recebeu a Láurea *Honoris Causa* em Física pela descoberta do campo semântico (Universidade Pro Deo de Nova Iorque, 1994). Também foi empresário e consultor de economia e política em vários países do mundo (Itália, Brasil, Rússia, Letônia, Alemanha, Suíça, Ucrânia, China etc.).

Original intelectual internacional de nosso tempo, autor de mais de 50 obras, em grande parte traduzida para o inglês, português, russo, espanhol e chinês. Foi uma mente viva daqueles grandes do passado com excepcional formação em teologia, filosofia, sociologia, direito, psicologia e economia, com capacidade de formalizar um saber unitário por evidência racional e aplicação concreta.

O Professor Meneghetti sempre primou por uma educação superior que resgatasse os valores humanistas das primeiras universidades, através da formação de jovens para que sejam uma

evidência que o homem pode ter uma vida saudável, produtiva, realizada: jovens que sejam uma real semente da inteligência humana no mundo contemporâneo. Assim, principalmente com esse motivo, a Fundação Antonio Meneghetti e a Antonio Meneghetti Faculdade organizaram e realizaram este inigualável evento no período de seis a oito de setembro de 2017, em Paris, concretizando, com um passo grande e firme, mais uma ação no legado de Antonio Meneghetti com a Ontopsicologia no mundo.

Para Meneghetti, a Ontopsicologia, ciência que formalizou nos últimos 50 anos, é a capacidade de evidenciar-se no nexo ontológico. Será necessário algum tempo para compreender-se a causalidade operativa das suas descobertas, que consentirão familiaridade com o mundo-da-vida e a contínua reversibilidade entre consciência e causalidade real. Toda a sua atividade reside em ressaltar o valor do ser humano enquanto protagonista e responsável ao promover o bem e a evolução social.

No Brasil, é Patrono e Fundador da Fundação Antonio Meneghetti (www.fundacaoam.org.br), que visa garantir e perpetuar a obra e os resultados da Ciência Ontopsicológica no território nacional, e da Faculdade Antonio Meneghetti (www.faculdadeam.edu.br), instituição de ensino superior credenciada pelo Ministério da Educação Brasileiro. Para conhecer mais sobre a sua vida e obra, acesse: www.antonio-meneghetti.org.br.

SEÇÃO 1

PEDAGOGIA
CONTEMPORÂNEA:

responsabilidade e formação
do líder para a sociedade futura



*A verdadeira revolução estabelecida pelos avanços nos campos da tecnologia e da informação, a mudança na nossa noção de espaço e tempo e a relativização de valores antes considerados peremptórios impuseram a decadência de modelos e ideais que, por centenas de anos, conduziram a sociedade. Este é um fato da complexa sociedade contemporânea. É urgente a necessidade de novas propostas nos diversos campos de atuação do humano: da economia à sociologia; da política à física. Na educação, não poderia ser diferente. Os debates acerca de novas propostas educativas multiplicaram-se e ocorrem nos mais diversos espaços; quer seja nas mais altas entidades e instituições, quer nas escolas e comunidades. Resta-nos, então, uma questão fundamental: de quais fundamentos pedagógicos podemos lançar mão para elaborar uma nova proposta de formação funcional para o século XXI? Buscando respostas a questionamentos como esse, Antonio Meneghetti desenvolveu, a partir da década de 1980, uma nova visão de pedagogia, capaz de educar o sujeito a fazer e a saber a si mesmo, formando o homem-pessoa na função social. Um dos marcos desse percurso intelectual e pedagógico foi a conferência realizada pelo autor na sede da Unesco, em Paris, em 13 de junho de 2007, já publicada na obra *Pedagogia Ontopsicológica* e transcrita nas páginas a seguir.*

Pedagogia Contemporânea: responsabilidade e formação do líder para a sociedade futura¹

Acad. Prof. Antonio Meneghetti

Agradeço à Organização das Nações Unidas (ONU), que, não obstante as dificuldades, consegue consentir estes encontros de civilidade humanística; um admirado agradecimento é voltado a todos os colaboradores próximos, em particular à Academia Internacional de Informatização, à Universidade de São Petersburgo – que estruturaram este evento – e a todos nós, presentes, expoentes de várias nações, e agradeço também à Associação Internacional de Ontopsicologia (AIO) e à Associação Eslava de Ontopsicologia (ASO).

As nações mais avançadas do mundo, que afloram na cimeira do consumismo da tecnocracia e de mercado, como China, Japão, Estados Unidos, Itália, Espanha, Inglaterra, França, os países mais avançados do mundo árabe etc., apresentam, no campo pedagógico, grandes e graves problemas, que poluem a possibilidade de ter futuros líderes, que contaminam a possibilidade dos jovens serem protagonistas na história deste planeta. Hoje, por exemplo, os países que permaneceram indiferentes ou estranhos ao plágio comportamental e científico dos EUA, são recursos espontâneos da humanidade, visto que permaneceram bastante livres de

¹ Conferência realizada pelo autor em 13 de junho 2007 junto à sede da UNESCO em Paris, publicada na obra MENEGHETTI, A. *Pedagogia ontopsicológica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

um estereótipo que, há pelo menos cinquenta anos, dirige uma psicologia de massa, de mercado, e uma cultura de universidade discutível como investigação e como resultados. Esse tipo de psicologia ergue-se por consequência bélica, não digo por causa dos Estados Unidos, mas por adaptação à sua exclusividade do imaginário fílmico. De fato, em alguns filmes da velha América, por exemplo, naqueles interpretados pelo ator John Wayne, pode-se notar uma maravilhosa pedagogia, visto que são afrontados temas como: a relação adulto-jovem, o problema da família, da sociedade, da cultura, da economia e multirraciais. Era uma pedagogia, talvez, um pouco forte, mas certamente a alma era em nível responsável.

Esse estereótipo considerado como verdadeiro, unívoco, encobre as iniciativas, as novidades infinitas dos indivíduos e das nações, ocultando aquele instinto original à criatividade, segundo as possibilidades históricas, segundo as vocações espirituais que cada povo, no âmbito das constelações psíquicas, possui. Cada povo tem a sua diversidade, e é exatamente essa a ser uma contribuição dialética ao devir, à evolução, ao aperfeiçoamento daquelas responsabilidades que honram e dão dignidade ao homem no viver sobre este planeta.

Hoje chegamos a duas importantes conclusões que permitem aos especialistas reavaliar, rever e refundar a própria visão em âmbito pedagógico:

1. O aumento do déficit de atenção e da hiperatividade (ADHD: *Attention Deficit Hyperactivity Disorder*) nas crianças e nos adolescentes;

2. A futura potência do telefone móvel.

É sempre mais evidente, nas crianças e adolescentes de todo o mundo, um enorme déficit de atenção que os faz perder aquela inteligência ou aquela vontade em seguir os empenhos de

crescimento e os empenhos sociais: não têm mais interesse pela escola, pelo esporte e por tudo aquilo que é educação à civilização. Nota-se neles uma constante hiperatividade, quase histérica, ao movimento. Não sabendo como regular, como gerenciar essa ambivalência perigosa, depressão e obsessão à agressividade espontânea, em cerca de 27 países da União Europeia resolveu-se atuando com uma pesada intervenção com medicamentos, compostos químicos como o Prozac, Ritalina, Strattera, os principais psicofármacos impostos pela lei. Essa modalidade de intervenção já está em ato, de modo ainda mais pesado, nos Estados Unidos e nos estados conexos ao tipo de pedagogia psiquiátrica das universidades estadunidenses. Quando intervém a medicina, o psiquiatra, o neurologista, significa que é a última reserva, significa que os psicólogos, os filósofos, os politólogos, isto é, todo aquele componente de pensamento forte está falido. A psicologia científica contemporânea está completamente fora da estrada, perdeu a intencionalidade do homem, perdeu os rastros da identidade virtual do homem. Não se pode intervir com essa sabotagem diluída sobre a consciência, sobre a inteligência, sobre a responsabilidade, sobre o conceito de pessoa. Estão lançando soporíferos na psicologia dos jovens, de qualquer civilização, enquanto não se consegue compreendê-los, porque estão fora, vão contra o mundo dos adultos. Os adultos não conseguem compreender os próprios gerados, como se encontram em uma condição de deficiência no compreendê-los, portanto são postos fora do jogo e a culpa de tudo isso não é para atribuir-se aos jovens, mas é dos adultos: adultos como ONU, como sociedade, como universidade, como associações, como instituições. Na Europa, fala-se sempre mais fortemente de pedofilia e de droga, enquanto tende-se a esconder a pressão, a difusão ou a depressão suicida. O suicídio, considerado a máxima condenação que um cidadão

pode dar à própria sociedade, expande-se nos adolescentes: é a recusa mais cruel de um jovem nos confrontos da sociedade. Os jovens, na alvorada da própria vida, renunciam, eliminando a si mesmos.

As instituições de psicologia e de pedagogia estão extremando-se em uma convenção de psicopólicia: o sistema de intervenção médica é providencial, bom, mas é inútil intervir de modo pesado sobre a droga, sobre o suicídio, sobre o álcool, sobre o modo de dirigir, é indispensável intensificar antes de tudo a formação à dignidade de existir.

Recordo que, nos anos 1960, as crianças com melhor educação, sob confronto de estatísticas mundiais, eram as crianças árabes, sobretudo aquelas que derivavam do harém. Os maiores homens, de fato, não derivam de famílias perfeitas, unidas, mas de famílias erradas, uma condição que os leva a reagir, sendo abandonados a si mesmos: os grandes homens entram em uma forma de autogeração depois da ocasião da vida, isto é, experimentam o sacrifício, a vontade de tornar-se. A sua fortuna está no fato que, mesmo se não amados e abandonados ou rejeitados, não são contaminados pela afetividade colonialista dos adultos falidos. O problema da pesada intervenção psicofarmacêutica anuncia também a condenação dos estereótipos culturais baseados sobre comportamentalismo-cognitivista, ou seja, baseados sobre uma análise do comportamento externo, o qual é cifrado, analisado, segundo esquemas adaptados à sociedade. Tanto o cognitivismo quanto o comportamentalismo são uma projeção da exigência de um governo, de um sistema, de fazer o *identikit* do indivíduo, do homem. Portanto, essa análise não parte da originalidade do sujeito, do potencial daquele grupo de jovens, mas de precisas exigências sobre como reduzir por conta própria a espontaneidade do humano à função tecnocrática do sistema. Cognitivismo e

comportamentalismo, portanto, são dois módulos que avançam, procedem, tornando-se ao fim uma verdadeira pinça que destrói o élan vital, a intencionalidade, a coragem, a curiosidade, a irrepetibilidade de ser si mesmo.

Sobre essa base, os adultos, corresponsáveis ordinários no módulo geral, convencionaram, tornaram-se garantia de tantos sistemas pretensiosos e repressivos. Quando curava um jovem da droga, depois que não queria mais continuar a drogar-se, o meu real problema como psicoterapeuta não era aquele de curá-lo (para a técnica ontopsicológica isso é muito fácil), mas de onde inseri-lo novamente na sociedade. O interrogativo de um jovem drogado ou suicida é: “Agora, vocês me curaram, mas depois devo retornar novamente àquele lugar do qual, através da doença, eu queria escapar. Deem-me a possibilidade de um outro tipo de sociedade no qual posso fazer, construir, colaborar”.

Nesses 50 anos, não se soube dar uma alternativa de valor aos jovens: não se soube oferecer o prazer pelo qual existir. Com os psicofármacos por indução do cognitivismo comportamentalista, foram adequados majoritariamente os sistemas aos indivíduos: todo sistema está morto quando perde o original do vivente que constitui o título pelo qual ser homem, pelo qual ser democráticos, evolutivos etc. O constituinte de toda sociedade sadia é sempre o indivíduo sadio. Hoje, em alguns países, existem leis que constroem obrigatoriamente a tomar psicofármacos desde a idade dos três anos, em outros, em vez disso, desde a idade de oito anos: é uma providência derivada do âmbito médico, mas definitivamente anuncia a derrota daquela intelectualidade que a raça humana deveria sempre ter. A persistência desses psicofármacos constitui uma *caracterialidade* nos jovens a não se tornar, a não provar: já sabem que não são responsáveis, que são *autômatos, robôs, zumbis* de um sistema que os determina

tranquilamente a serem assim. Depois da última descoberta da penicilina, todas as ciências sofreram uma regressão. Sobre o DNA, não sabemos nem a sua precisa causalidade, nem do que é causado. E a cancerogênese está em aumento irrefreável. Ainda hoje, como humanos, nos gabamos dos grandes homens de Heisenberg àqueles vivos há dois ou três mil anos. Muitos países, de fato, fortalecem a sua espiritualidade de origem retornando ao antigo para reencontrar as fontes, por exemplo, a China redescobre o seu Confúcio, e fazem isso não tanto para criar um nacionalismo, mas para determinar um valor de seres humanos e para colaborar com estima acerca do humano².

O segundo aspecto que julgo preocupante no âmbito dos jovens é a futura potência do telefone móvel. Os jovens, da

² O panorama normativo europeu e italiano relativo ao uso de psicofármacos em idade evolutiva está profundamente mudado. Em 01 de março de 2007, a *Agencia Italiana del Farmaco* (AIFA – Agência Italiana do Fármaco), ao final de uma complexa tramitação de avaliação conduzida conjuntamente com o *Istituto Superiore di Sanità* (Instituto Superior de Saúde), autorizou a emissão em comércio de dois novos psicofármacos para uso pediátrico: o metilfenidato e a atomoxetina, considerados fármacos eleitos para a cura da *Attention Deficit Hyperactivity Disorder* (TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e/ou Hiperatividade). O metilfenidato ou Ritalina (nome do produto no comércio) pertence à classe dos psicoestimulantes ativos sobre o Sistema Nervoso Central: inibe a recaptação sináptica das monoaminas, em particular, os transportadores sinápticos para a dopamina (DAT) e a noradrenalina; além disso, como a cocaína, apresenta mínimos efeitos sobre a liberação sináptica de monoaminas; de fato, ao final de 2003, foi incluso na tabela I dos entorpecentes, junto com a heroína etc. A atomoxetina, conhecida como Strattera (nome do produto no comércio), é um inibidor seletivo da recaptação da noradrenalina em nível pré-sináptico, com mínima atividade sobre transportadores de outras monoaminas tais como dopamina e serotonina.

Notícias acuradas sobre a invenção da Síndrome TDAH por parte do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) e seus protocolos diagnósticos – que agora se tornaram lei no Estado Italiano – estão contidos na primeira parte da pesquisa (março de 2007).

Na *Gazzeta Ufficiale* (Diário Oficial) de 26 de março de 2007, foi publicado

idade de quatro anos a 16 anos, têm todo tempo para aculturar-se, para personalizar-se em um esquema de meme digital, por

um decreto da AIFA que autoriza a *utilização de antidepressivos a base de fluoxetina, também aos adolescentes e às crianças de oito anos em diante*. O produto no comércio chama-se Prozac é e um inibidor seletivo da recaptação da serotonina. A indicação terapêutica prevê o emprego “em crianças e adolescentes acima de oito anos de idade: episódio de depressão maior de grau moderado à grave, se a depressão não responde à psicoterapia depois de quatro a seis sessões”. No comunicado de 27 de março de 2007, a AIFA especifica que “a autorização ao emprego do Prozac nas crianças não é uma decisão italiana ou da AIFA, mas sim uma decisão assumida pela EMEA (*European Agency for the Evaluation of Medicinal Products*) e ratificada pela Comissão Europeia, que, como tal, é aplicada em todos os 27 países da comunidade”, segundo o quanto previsto pelo *Regolamento comunitário di Mutuo Riconoscimento* (Regulamento comunitário de Mútuo Reconhecimento). Tal procedimento foi ativado também para o Strattera. Geralmente os pedidos de reconhecimento partem da Grã Bretanha. De nada valeram, recentemente, as reservas apresentadas pela França. O aspecto mais preocupante revelado entre as contra-indicações do Prozac, e dos outros psicofármacos de uso pediátrico, consiste na *indução de comportamentos e ideias suicidas*. Por essa razão nos Estados Unidos, onde o Prozac foi autorizado para o uso pediátrico em 2003, tornou-se obrigatório, para as casas farmacêuticas, inserir no folheto ilustrativo a *black box* (como para o tabaco), na qual se evidencia o fato que a experimentação sobre pacientes em idade pediátrica evidenciaram um maior risco de eventos adversos (*suicidality*) durante os primeiros meses de tratamento com antidepressivos (SSRI e outros). *A black box tornou-se obrigatória nos Estados Unidos também para todos os outros psicofármacos de uso pediátrico*. Inquietante é também a grave carência de pesquisas em longo prazo sobre os efeitos da assunção desses psicofármacos em idade evolutiva. Em particular, no que diz respeito à fluoxetina (Prozac), não existem avaliações sistemáticas para tratamentos crônicos com duração superior a 19 semanas. No folheto ilustrativo do Prozac, no ponto 4.4, advertências especiais, especifica-se que “... nas crianças e nos adolescentes estão disponíveis somente dados limitados no que concerne aos efeitos de longo prazo sobre a segurança, incluindo os efeitos no crescimento, sobre a maturação sexual e sobre o desenvolvimento emotivo comportamental”. A Europa, portanto, do ponto de vista da segurança, da informação e da responsabilização está atrasada em relação aos Estados Unidos, não obstante as múltiplas Agências e Comitês que deveriam monitorar e defender a saúde dos cidadãos em nível nacional, europeu e mundial, aos quais delegamos a soberania no que diz respeito à nossa Saúde.

consequente, naquele imaginário falso, não real. A palavra e a cultura são funcionais quando consentem a reversibilidade entre imagem e causalidade natural, isto é física, química. O meme é uma *fiction* e as crianças estão todas imersas nessa grande mãe da ficção, articulando-se e computadorizando-se no interior dela: existe mais *software*, mais *hardware* nas mentes das crianças que em um computador. O nivelamento de Matrix é interativo no interior das relações solipsistas: as crianças podem comunicar-se através do computador, imagem mêmica, mas têm incapacidade de contato físico, orgânico, naturístico entre eles; fingem estar juntos, mas cada um está isolado e tem protagonismo somente se adéqua-se àquele cognitivismo comportamentalista igual aos processos digitais.

Dos bancos à política, dos amores a qualquer outra coisa, tudo passa através do *celular*. A própria palavra celular indica a função de tal objeto, ou seja, aquela de ser o substituto da célula orgânica. A célula orgânica da vida, portanto, é prevalecida por esse *hiperprodutor* de células dito *chip*. O *chip* impõe ao conhecimento do homem como quer ser usado, se o homem quer a satisfação, como ratos de laboratório que, batendo sobre uma alavanca, em uma determinada situação recebem ou não uma gratificação.

Em um recente congresso internacional sobre a comunicação, realizado em Praga³, falou-se dos muitos modos de locação

³ Praga, maio de 2007. *Horizonte de marketing do celular digital*. Com o ingresso da nova tecnologia celular, também a internet é relativa. Os novos celulares são dotados de dispositivos tecnológicos avançados que consentem desenvolver múltiplas funções, tais como:

1) *location based services*: podem-se revelar as coordenadas exatas do lugar onde se encontra o proprietário do celular; 2) mapa territorial via satélite: sobre a tela do celular pode-se revelar a posição do proprietário do celular e o mapa territorial da zona na qual se encontra, por conseguinte é assinalado cada deslocamento da pessoa; 3) *e-commerce*, *e-banking*: o celular substitui o

baseados sobre serviços que podem ser oferecidos por qualquer mediação digital. O celular superou qualquer dimensão, sobrepujando também a potência da televisão, do rádio, do computador: mas um jovem o que pode fazer com tal instrumento? Pode fazer qualquer programação de navegação, pode ir a qualquer lugar do planeta, pode localizar outros celulares, outras pessoas e, ele mesmo, pode ser visto e localizado por outros participantes. Pode-se ver a própria posição e os vários deslocamentos diretamente sobre a tela do celular. Intervém sobre tudo aquilo que é *commerce-banking*, sobre toda a atividade de mercado: torna-se o substituto de qualquer cartão de crédito, o próprio, de outro ou de quem quer que seja. O número do telefone transforma-se em *passe-partout*, em cédula de identidade, de navegação, de intervenção: por exemplo, se uma criança sabe qual é o código da conta corrente do avô, tendo em mãos esse celular, pode tranquilamente fazer qualquer operação sem o conhecimento do avô, o qual poderá descobrir a malfeitoria somente quando for

cartão de crédito em cada pagamento a efetuar (a compra, o estacionamento, os serviços etc.); 4) Internet e WAP: pode-se navegar na Internet, ler e enviar e-mail, baixar jogos, logomarcas, dispositivos acústicos etc.; 5) jogos *on-line*: com um só SMS pode-se receber o código de ingresso para jogar *on-line*, mesmo usando uma só vez o celular dos genitores (enviando um SMS); com esse código, pode-se jogar enquanto não se exaure o dinheiro da conta do proprietário; 6) *bluetooth*: cada celular é provido da tecnologia *bluetooth*, que consente comunicar-se com outros dispositivos habilitados, tendo livre acesso às informações dos outros; ou permite enviar um comando ao celular do outro a fim de que o chame às escondidas de modo a poder espionar; 7) *chat* e *Second Life*: pode-se participar de chat *on-line* ou em jogos como *Second Life* (www.secondlife.com), ou seja, uma vida virtual, na qual se pode criar uma nova identidade, comprar uma casa, fazer dinheiro etc.; 8) vídeo *on-line*: pode-se fazer vídeo, trecho de filme, ou fazer fotos e baixar em rede através de duas simples teclas permanecendo anônimos (www.youtube.com); 9) IP-TV: pode-se ver os programas ou os filmes preferidos sem pagar com a condição de aceitar a publicidade durante a exibição.

conferir no banco. Portanto, os jovens podem substituir, com maior inteligência, no interior de todos os poderes, de todas as possibilidades, de todas as forças do adulto, que seja o avô, o ministro, o reitor ou qualquer outra pessoa. Ou pode acontecer que o filho possa sincronizar-se ao número da mãe, por exemplo, e descobrir se a mãe tem um amante, ou o que conversa com a amiga, ou quais são seus programas: torna-se o *Big Brother* no interior do sistema de comunicação de qualquer pessoa. Portanto, os jovens podem indagar totalmente a figura gerencial do adulto com um instrumento sem fios; podem fazer todo tipo de jogo, de encomenda ao qual o sistema internacional responde, obedece, porque o pagante não é a criança, mas quem tem o dinheiro. Além disso, podem escolher para si a cultura que querem. A preferida hoje, por eles, é a pedofilia, o mundo *blackout* dos adultos, aquele tipo de horror, aquele tipo de seita. Isto é, as crianças não correm em direção a uma cultura natural, mas vão nos substratos de um obscuro nunca evoluído do inconsciente coletivo, alimentam-se disso e, com isso, julgam-se superiores aos adultos: de fato, para eles, os adultos são crianças, enquanto eles se sentem os *gênios*. Os nossos jovens são a energia primária das máquinas que podem requisitar-se. Quanto mais a máquina é tecnicamente miraculosa, tanto mais exige maturidade intelectual. Os nossos filhos saltaram às premissas racionais, por isso, são eles mesmos objetos perigosos daquela instrumentação que creem prevaricar.

Esses poucos dados que eu reporteie foram colhidos da comercialização dos futuros telefones móveis e são somente algumas características da potência desse celular já em ato. É compreensível que, dando ainda mais poder a esses telefones móveis, os jovens aproveitar-se-ão disso e chegarão a ter uma capacidade de protagonistas ainda mais preocupante. O problema é que se observa neles uma adequação sistemática a uma memética

contra a sua natureza, isto é, desenvolvem os programas, os estereótipos antitéticos à sua origem, à sua fisiologia, à sua biologia. Além disso, os programas sobre arte baseados na espontaneidade, na casualidade, ao final, portam aquele extremo de defecação da sociedade: a arte que se vê onde quer que seja é um convite ao pior do homem. Também no âmbito da música, pode-se encontrar isso: todos os mitos da música não são nada mais que grandes curtos-circuitos no sistema mental. São todos humanos falimentares e suicidas: a pressa da agressividade, da droga, da autoeliminação como espetáculo ao mundo. Portanto, da música ao teatro, não existe a dimensão da ética estética ou da *estética como ética*. Nas crianças, prevalece, de qualquer maneira, a rápida superioridade: para elas é importante estar acima do outro, prevalecer sobre outro e essa tendência vai também contra eles mesmos, mas não o compreendem, porque estão muito inseridos na precocidade de uma gratificação irresponsável.

Eu sempre tive uma aguda observação sobre as crianças, sobre escolas, e é graças a essa que hoje me permito dizer estas coisas. *As crianças são flores da vida se são belos, se são verdadeiros.*

É inútil dizer que essa pedagogia de massa parece homologada aos interesses multinacionais que têm arregimentado a massa de pessoas dentro de um mercado com fim a si mesmo. Hoje, o mercado vende imagens, ficção e faz-se qualquer coisa. Por exemplo, como estilista, nunca aprovei o *jeans* ou o casual que invadem o mundo, *porque interrompem a possibilidade da pesquisa do belo individual, do belo protagonista*. Com o *jeans* ou com o casual, ensaca-se nos pacotes internacionais e, em seguida, se tem o direito de não ser ninguém e de não poder ser julgado por ninguém: é uma evasão da coragem de propor-se diferente.

Outro aspecto importante é a forma de hiperassistencialismo, de hiperprotecionismo presente nas nações supracitadas: telefone

azul [serviço telefônico de ajuda a crianças], telefone rosa [serviço telefônico de ajuda a mulheres], assistentes sociais etc. A criança tornou-se um superego perigoso para muitos adultos em alguns países: professores, genitores, parentes, todos têm medo de aproximar-se de uma criança porque se está, de imediato, em perigo de ser indiciado como perversos e sádicos. A pedofilia deve ser vista de outro modo. A prevenção não é o aspecto mais importante, enquanto significa substituir a força, a coragem da criança. Nós nascemos todos do ventre de nossa mãe, fomos bem-sucedidos em vir à tona sozinhos lá de dentro: temos uma força extraordinária. A criança é uma força incandescente, se é preservada a si mesma: a natureza a constituiu vencedora, é preciso esperá-la, compreendê-la e jamais substituí-la, jamais protegê-la contra si mesma.

Além disso, a maioria das crianças é curiosa à exposição erótica e, por si só, isso é gratificar o adulto para ter vantagens certas, ou também exposta armadilha para condicionar o adulto débil. Nenhuma criança, enquanto tal, é uma santa. Deve ser educada em tudo.

Com as descobertas feitas pela Escola Ontopsicológica, hoje, é possível reduzir em ciência as intuições perenes que toda a humanidade sempre teve sobre aquele profundo mundo do espírito humano. A Ontopsicologia descobriu a chave dessa natural metafísica que tem em cada homem e é indispensável saber isolá-la, racionalizar através de um processo científico. Pedagogia é capacidade de extrair o homem-pessoa na função social. Seria aconselhável que todas as ciências contemporâneas, de qualquer nação, fizessem uma integração com essa Escola, que tem, nos ombros, 30 anos de prática clínica bem-sucedida e aplicação em qualquer campo de interesse do homem, assim como 16 congressos internacionais (dos quais, um mundial). Talvez

seja o momento justo que a didática ontopsicológica venha a ser estudada junto a todas as outras disciplinas, integrando essa visão com todas as outras competências.

Quem é a criança?

A criança é um projeto virtual chamado Em Si ôntico, com capacidade de fazer autóctise histórica-social: isto é, uma semente que é capaz de desenvolver-se indivíduo maduro no húmus do tempo, do lugar, da sociedade daquele lugar. É um projeto que se desenvolve dentro desse húmus sócio-naturístico: autóctise, autoformação, autoindividação, depois do primeiro lançamento gratuito que a vida faz a cada um de nós.

O critério da Pedagogia Ontopsicológica é o *utilitarismo funcional*. É preciso encontrar, selecionar o que é útil e funcional, em modo biológico e psicológico, à identidade da natureza do sujeito: portanto, utilitarismo funcional à identidade de natureza da criança e à compreensão dos códigos sociais. Assim, é um utilitarismo funcional ao primeiro núcleo ôntico do sujeito e ao código de comportamento da sociedade: é indispensável saber fazer essa conjugação constante, enquanto ambos são, ao seu modo, complementares. A criança, portanto, deve ser ajudada, e não substituída, a saber si mesma e, através disso, deve aprender como se comunica com o corpo místico dos outros: os outros sou eu, e eu torno-me no interior da dialética com o tu. Por isso, a autóctise histórica da própria individualidade se constrói, progride através da *linguagem*.

Por *linguagem*, entendo o conjunto, a forma de um contexto biológico e civil. A nossa língua oral é a síntese extremada de todo um vasto orgânico de sensações, tais como frio, calor, fome, o outro, mais, menos etc., ou seja, extrema os significados últimos de um complexo imenso que foi evidenciado e exaltado por aquele povo, daquele lugar. *A linguagem é o módulo de interação entre*

indivíduo e ambiente, entre indivíduo e sociedade. Portanto, a criança tem necessidade da linguagem, que o adéqua a si mesmo e à sociedade: deve ser o *meio-termo* de encontro entre indivíduo e sociedade. A criança, enquanto ente inteligente e social, tem necessidade do *tu* da sociedade para fazer a dialética de valor e para alcançar, enfim, a própria realização. Três são, portanto, os momentos dialéticos: 1) *a própria individual natureza ou Em Si ôntico*; 2) *a própria consciência*; nós somos e depois pensamos, compreendemos, temos uma cultura; a consciência é uma faculdade do Em Si ôntico, é o modo no qual o Eu expõe-se, torna-se, age e como faz a síntese das próprias reflexões sobre tudo aquilo que é ação, vida e sociedade; 3) *a sociedade*; é a linguagem como conjunto de modelos funcionais e evolutivos àquele social, do qual o Eu é parte, enquanto a nossa natureza, o Em Si ôntico, é partícipe do universal transcendente, portanto, não é próprio da sociedade. A consciência de uma pessoa, em vez disso, é síncrona com a sociedade: eu me realizo na compreensão do corpo místico da sociedade.

O que é a Ontopsicologia, esse critério, essa pedagogia e como se exemplifica em termos concretos? A Ontopsicologia é um conhecimento que se integra com o critério do real histórico, com a realidade que está em torno a nós; é um conhecimento que nos informa sobre como estão as coisas em torno e dentro de nós, vê a sociedade. Além disso, esse conhecimento possui também a capacidade de reflexão sobre a intencionalidade de natureza. Por exemplo, ao sistema a criança é útil em uma determinada maneira, ou seja, deve compreender em um certo modo, deve compreender a família, deve compreender uma certa coisa e não uma outra, deve estudar o árabe se é árabe, ou o italiano se é italiano etc.: cada sistema programa as próprias crianças para os próprios escopos. Para ter a eficiência dos cidadãos, em vez

disso, é indispensável estar sempre atentos ao sinal da natureza: a natureza nesse corpo, nesse indivíduo, como está se projetando? *A intencionalidade de natureza ensina, impõe como o ser humano pode viver e desenvolver-se.* Trata-se de fazer esse conhecimento, esse entendimento em uma constante de *paralelismo sinóptico*; isto é, a pesquisa científica sobre o humano deve sempre ter o tandem sociedade e natureza. Tudo isso se pode fazer se a combinação, o sincretismo entre essas duas valências é possível. Quando uma destrói a outra, o homem está acabado. Lamentavelmente, o estereótipo, em particular aquele contemporâneo, formou nos jovens uma consciência sobre o estilo informático de *copia e cola* ou *copy and paste* em inglês. O copia e cola é um sistema que permite não reescrever textos ou documentos: através da digitação de uma tecla pode-se repetir ao infinito o protótipo daquele texto ou documento examinado, sem dever reescrevê-lo. Os sistemas de análise e de informação são tareados sobre esse copia e cola, portanto, não é mais possível ver se essas informações são verdadeiras. O original, substancialmente, não existe mais, posto que foi feita uma cópia que é, por sua vez, colada sob outro fato, sobre outra ação, sobre um outro processo, sobre um outro indivíduo, que deve agir conforme à informação colada, acrescida. As crianças são baseadas sobre essa cultura de copia e cola; nas suas consciências, há uma contínua, constante, recíproca dialética a quem sabe fazer mais rapidamente o copia e cola. Também o feminismo contribuiu para o desenvolvimento desse processo, posto que, sendo direcionado exclusivamente para a luta contra o homem, não ajudou o desenvolvimento de uma verdadeira e sadia pedagogia: de fato, hoje, é inconcludente sobre esse problema, as mães instrumentalizam os filhos ao único escopo de prevaricar sobre o homem e não no interesse real dos filhos ou de si mesmas. Substancialmente, a montagem da ficção

eliminou o projeto metafísico do Eu lógico na biogênese dos jovens, a chave de ingresso para chegar à vontade, ao intelecto, à mente, à responsabilidade, ao livre arbítrio foi assassinada neles a fonte do poder, do poder ser a si mesmos. Todos os tipos de somatização que se observam nas crianças e nos adolescentes, e sobre os quais se está constrangido a intervir em modo farmacêutico, não são outro que índices que atestam a falta de uma *mente*, de uma *psicologia de autoprovidência* que a natureza dá em dotação a todos.

Para entender a problemática dos jovens, para compreender como acontece o procedimento de perda da própria originalidade, é indispensável clarear alguns pontos-chaves desse processo

1. *Hipergratificação na infância*. As crianças, por meio da hipergratificação, são substituídas, impelidas a prazeres, a consumações, a pequenos vícios; habituadas a isso, não podem ser impedidas, não podem receber a bofetada terapêutica, portanto, não podem ser repreendidas em modo leal, mas é preciso sempre perguntar a *sua majestade* – a criança – o que decidiu, o que quer. Desse modo, aprende a astúcia da chantagem: fingindo inocência e incapacidade, usa manipulações sobre o adulto. Dessa estratégia, efetua-se sua impotência ou frustração: ao final autossabotagem existencial. A criança é colocada como um *deus sobre o altar* mesmo antes de ser uma criança *verdadeira*. Com essa hipergratificação, a criança perde a aprendizagem a realizar as próprias satisfações, como os brinquedos, os companheiros, o estudo, e objetifica-se totalmente: mais tem gratificações, mais tem objetos e mais ela julga-se objeto privilegiado. Os jovens foram objetificados no consumismo. Hoje, são objetos aos adultos que não os conhecem: sobretudo se sentem objetos extremos do pior social.

2. *Preguiça caracterial*. A hipergratificação na infância determina a preguiça caracterial. Os jovens dirigem-se à preguiça, à não reação, à passividade, não se empenham.

3. Essa preguiça caracterial gera a *frustração sucessiva* da vida.

4. Deslocamento de *agressividade e depressão*. A criança hipergratificada entra incapaz na dialética da vida, não sabe ganhar a estima para si, um verdadeiro sentimento, um amor, isto é, qualquer coisa de valor, de mérito, portanto, permanece derrotada, humilhada e, como compensação a essa frustração existencial, e não social, sente-se perdida: fora tem tudo, mas dentro de si está fechada dentro de uma lata. Reage enquanto está viva e externa-se contra os outros em modo agressivo, hiperativo, ou então cai em depressão, autossabotagem para acusar a sociedade.

5. Enquanto vive, a criança, o adolescente experimentará todas essas situações que suscitarão *medo* nele. Tem medo de não ser capaz de fazer, não estuda porque se sente incapaz e não porque não tem vontade. Escondendo essa incapacidade a aprender, após longos estereótipos de preguiça e hipergratificação social, torna-se um estúpido, um deficiente diante da vida. Escondendo o próprio medo de incapacidade com infinitos teatros, que os psicólogos, os médicos emblemarão em prontuários médicos. Ele descobre que também a sociedade é deficiente.

Cada tempo, cada sociedade tem necessidade de seus chefes, de líderes; os povos salvam-se através desses pontos de inteligência que sabem criar função, desenvolvimento, progresso e aprovação. São as sociedades-ponta que revelam carência de líderes em todos os campos, em todos os setores, enquanto não se tem o suporte de jovens preparados para poder aceder à função daquela gente, daquela nação pela qual querem ser admirados. É oportuno começar a não ter medo de dizer que se necessita retomar, desde

o princípio, a criança, usando uma pedagogia mais direta, mais explícita do que a atual.

É inútil hipergratificar os jovens, se, depois, continua-se a adotar modalidades sempre mais restritivas, como prisões, guerras, doenças, hospitais. As doenças clássicas crônicas aumentam assustadoramente: tuberculoses, câncer, suicídios etc. Na sociedade atual, existem provas extenuantes: multas, taxas, inquisições que não se pode esconder dos jovens. É melhor um tapa da mãe ou do professor hoje, do que a prisão amanhã. Deve-se procurar ser racionais, há um modo, há um estilo.

A criança tem necessidade de um contato físico, às vezes também violento, porque desse modo compreende. A única escola de vida eficaz para a criança é o *grupo de referência* dos companheiros, porque os companheiros não são bons, não hipergratificam, não mimam, pelo contrário são *malvados*, objetivos, reais e, desse modo, ensinam tantas coisas: você é alto, você é baixo, você é feio etc. A criança deve aprender a reagir: é escola de vida. O ambiente da criança é o grupo dos companheiros, da escola, dos coetâneos, portanto é necessário estar atentos a qual é o grupo de referência, o grupo de valores da criança: os genitores, a mamãe, o papai não são importantes. Cada um de nós tornou-se grande por outras experiências, por outras escolhas feitas, vividas externamente ao núcleo familiar.

É preciso insistir com a integração ontopsicológica, ou seja, integrar o saber com o entendimento da natureza em sentido biológico, porque é o primeiro direito. Fala-se dos direitos civis, dos direitos da criança, do feto, mas *o primeiro direito é poder ser a si mesmos, poder existir como se é*.

Disso, pode-se examinar todos os deveres da sociedade, com a condição de que seja garantido o espaço para poder existir como se é: esse é o primado nucleico ôntico de cada criança.

A sobreposição hiperprotecionista assassina esse primeiro direito absoluto, transcendente, de toda criança que vem a este mundo. Desse primeiro direito de poder existir, é preciso oferecer-lhe toda oportunidade de linguagem social, a escola, a experiência, a aprendizagem como estrada ao poder, ao serviço, à realização de viver por si mesmo e pelos outros: é belo ser admirado pelos outros, agrada a todos. Deve-se dar o instrumento a esse orgulho existencial de cada criança. É o sacrifício continuado, a lealdade do adulto, o confronto orgânico no ninho social, a aprendizagem daquilo que faz superior, a capacidade de enfrentar as contradições dos outros e da vida, a ambição ao secreto poder da alma (ou Em Si ôntico), o conhecimento dos campos semânticos e do monitor de deflexão, a autóctise cotidiana do próprio Eu lógico-histórico baseado sobre uma consciência sempre reversível entre imagem e realidade, saber a preciosa unicidade do próprio existir se confirmado pela progressiva realização interior: essa viagem é o líder virtual nos nossos jovens.

SEÇÃO 2

CONFERÊNCIA
UNESCO 2007:desdobramentos históricos
10 anos depois

O Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, com a sua inigualável formação e competência científica, unidas à evidência prática de adentrar nas situações humanas e, de fato, vivê-las, em 13 de junho de 2007, em sua última conferência realizada na sede da Unesco em Paris, denunciou as causas e apresentou as principais situações que, hoje, são realidades vividas no mundo. Meneghetti abriu toda a situação em que as sociedades mais evoluídas, as famílias, as instituições educacionais e sociais mais bem creditadas, e naturalmente as crianças, adolescentes e jovens integrantes desse contexto estariam envolvidos. Naquele momento, 10 anos atrás, antecipou fatos e crônicas que talvez não conseguíamos entender. E, ainda hoje, parece estarmos anestesiados, com a sedução da tecnologia da informação e com o mundo virtual, que, sutilmente, nos leva a viver de modo intenso a ditadura de uma fiction, em todos os aspectos da vida. Imersos nessa grande web, estamos simplesmente seguindo, constituindo e formando, de modo muito irresponsável, o que ainda podemos chamar de pessoas. Esta sessão aborda, dessa forma, os desdobramentos históricos sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, a potência do telefone celular, os principais pontos da problemática dos jovens e a possibilidade de solução.

Aumento do *déficit* de atenção e da hiperatividade nas crianças e nos adolescentes sob o viés médico e ontopsicológico

Horácio Chikota¹

Há um decênio, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti fazia duas importantes conclusões em sua Conferência na sede da UNESCO, em Paris (MENEGHETTI, 2014, p. 216):

1. O aumento do déficit de atenção e da hiperatividade (ADHD: *Attention Deficit Hyperactivity Disorder*) nas crianças e nos adolescentes;
2. A futura potência do telefone móvel.

Hoje, dez anos após, pode-se constatar que essa realidade é cotidiana e intrínseca ao mundo tecnocrata.

A humanidade vive um período de transição muito delicado que envolve o ponto de contato com a existência: a consciência, que se encontra mergulhada no fascínio da evolução tecnológica nunca antes experimentada de modo tão radical.

David Rose (2006) recorre à filosofia para narrar seu livro sobre “*Consciência*” e inclui a ontologia, a semântica, a epistemologia e a metafísica para explicá-la.

O Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) tem como principal tríade: hiperatividade, desatenção e

¹ Médico, Especialista em Patologia e Citopatologia (UFSC), Especialista em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia (Universidade Estatal de São Petersburgo), Diretor da IMP Laboratório Médico (Florianópolis, SC), professor da Graduação e Pós-graduação da AMF.

impulsividade. Nessa tríade, podemos observar duas vertentes: uma constituída pela desatenção que está coligada com a falta ou a ausência de concentração. Outra apresenta o movimento que a vida deseja, porém descontrolado, a hiperatividade e a impulsividade. Notamos, portanto, que, em ambas, falta o ponto de contato com a existência, seja com a própria individuação como com a socialização, resultado de uma cisão na consciência. A consciência é um espelho, um monitor de reflexão, necessária ao processo perceptivo-cognitivo (MENEGETTI, 2010). A criança e o adolescente estão em pleno período do desenvolvimento psiconeuromotor, isto é, na fase de determinação do “Eu”, que necessita do processo perceptivo-cognitivo para o fato do conhecimento. Conforme Meneghetti (2003), o “Eu” é determinado por três instâncias:

- a) Tecido orgânico;
- b) Imediatismo de interação corpo-ambiente;
- c) Incidência diretiva organizada do social.

Na incidência diretiva e organizada do social, é fundamental a atuação da pedagogia na determinação do “Eu”, em especial a Pedagogia Ontopsicológica (MENEGETTI, 2014), pois a Ontopsicologia tem o método para atuar na evolução da criança, bem como nessa cisão observada na consciência e que decorre de um mecanismo deformante das informações sensitivas no processo perceptivo-cognitivo. A atuação exacerbada desse mecanismo deformante das informações no TDAH é evidenciada. Esse mecanismo é psicoplástico e foi denominado como Monitor de Deflexão, uma das grandes descobertas da Ontopsicologia (MENEGETTI, 2010).

A Revolução Industrial (séculos XVIII e XIX) e a sua evolução

têm gerado um enorme aumento do bem-estar para os seres humanos, de fato, não há como negar. Estamos já na terceira etapa dessa Revolução que inclui os avanços tecnológicos dos séculos XX e XXI.

O período de transição que envolve o ponto de contato com a existência referido anteriormente está relacionado com uma quarta etapa da Revolução Industrial (SCHWAB, 2016). Ele tem uma nuance quase que imperceptível, invisível, pois se trata de uma ação intelectual, isto é, quando o humano autoriza por um ato de vontade que a máquina (*hardware*) reconheça através de um programa (*software*) a sua própria veracidade, significa que, nesse ato, ao mesmo tempo em que esta máquina destaca o protagonismo humano, simultaneamente, ela assume esse protagonismo para si com o seu *software*.

A próxima etapa da Revolução Industrial atinge, envolve e massifica a rotina cotidiana do ser humano, a qual poderá ser ditada por programas inseridos nas máquinas ou até mesmo nos próprios seres humanos, quando, então, o ato de vontade do humano poderá ser substituído pelas regras dos *softwares* das máquinas.

E isso, em parte, é já cotidiano com a realidade dos *smartphones* (o iPhone foi lançado em junho de 2007) e os seus numerosos programas, assim como com a *internet* e os *videogames*.

Desse modo distancia-se da consciência o próprio *elã vital* que dá a identidade virtual ao ser humano. Meneghetti (2015) designa Em Si ôntico a esse *elã vital*, outra grande descoberta da Ontopsicologia. O autor ainda esclarece que o intelecto e a vontade são duas faculdades do Em Si ôntico, são as primeiras fenomenologias de ação histórica existencial feita pela alma, pela mente (MENEGHETTI, 2011).

O TDAH está intrinsecamente relacionado a essa ruptura e as

comorbidades e situações de risco no TDAH são preocupantes e podem apresentar-se como situação de urgência. São descritos na literatura, conforme Reinhardt e Reinhardt (2012): a) risco de acidente; b) risco de suicídio e drogadição; c) transtorno bipolar; d) violência; e) adição à internet e videogames; f) abuso sexual; g) transtornos alimentares.

Meneghetti (2014) enfatiza a sua preocupação com os casos de suicídio no TDAH:

O suicídio, considerado a máxima condenação que um cidadão pode dar à própria sociedade, expande-se nos adolescentes: é a recusa mais cruel de um jovem nos confrontos da sociedade. Os jovens na alvorada da própria vida, renunciam, eliminando a si mesmos (MENEGETTI, 2014, p. 127).

Para atuar nesse cenário é necessário, antes de tudo, retomar o conceito de pessoa e, para isso, é indispensável intensificar a formação à dignidade de existir (MENEGETTI, 2014).

Chama atenção a alta prevalência do TDAH, podendo variar de 2,7% a 31,1%, com uma média de 11,26%, do ocidente ao oriente, principalmente na faixa etária de escolaridade da criança (WAZLAWICK, 2017; SIGNOR e SANTANA, 2016; HORA *et al.*, 2015; MATTOS, 2015; REINHARDT e REINHARDT, 2012).

Essa alta prevalência do TDAH na faixa etária de formação da criança de hoje deve ter a intervenção de uma nova pedagogia direcionada a formar o homem-pessoa na função social, se desejamos uma sociedade futura com adultos capazes de serem verdadeiros para si mesmos e funcionais para a sociedade (MENEGETTI, 2014), caso contrário poderá ser exponencial o aumento dessa prevalência pelo fato da intensificação da cisão na consciência humana, corroborada pela massificação tecnológica, a qual vivemos hoje e cuja tendência é aumentar consideravelmente.

O TDAH é um título contemporâneo que já teve diversos outros títulos controversos correlacionados na história da literatura: defeito no controle moral, distúrbio comportamental pós-encefalítico, criança com lesão cerebral, lesão cerebral mínima, disfunção cerebral mínima, dislexia, transtornos da linguagem, dificuldades de aprendizagem, hiperatividade, transtorno hipercinético, transtorno de *déficit* de atenção (SIGNOR e SANTANA, 2016; MATTOS, 2015; BARKLEY, 2011).

Reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) e pelo DSM-5 (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, 2013), o TDAH continua, nos dias atuais, com divergências no mundo acadêmico, principalmente na relação causa-efeito e condutas de tratamento (WAZLAWICK, 2017; SIGNOR e SANTANA, 2016; CRUZ *et al.*, 2016; SIGNOR *et al.*, 2016; BIANCHI e FARAONE, 2015; MATTOS, 2015; FARAONE *et al.*, 2010; BARKLEY, 2011; PHELAN, 2005).

Duas principais correntes divergem (WAZLAWICK, 2017; SIGNOR e SANTANA, 2016; CRUZ *et al.*, 2016; SIGNOR *et al.*, 2016; BIANCHI e FARAONE, 2015; MATTOS, 2015; FARAONE *et al.*, 2010; BARKLEY, 2011; PHELAN, 2005):

- a) Uma das correntes considera o TDAH como uma condição biológica, genética, hereditária, que apresenta um aporte insuficiente de determinados neurotransmissores ao cérebro, principalmente por um hipofuncionamento dos circuitos dopaminérgicos, corrente esta designada como organicista (SIGNOR e SANTANA, 2016);
- b) Outra corrente designada histórico-cultural abrange, na compreensão e conduta do TDAH, os aspectos interativos e sociais como fatores diretamente relacionados à organização cerebral. Esta corrente faz a contrapartida de oposição à medicalização do TDAH (SIGNOR e SANTANA, 2016).

Essa situação expõe a dificuldade da ciência contemporânea na compreensão da realidade psicossomática no conceito hilemórfico de que é constituído o ser humano.

O problema da medicalização, como último recurso, denuncia a falta de compreensão e atuação na subjetividade da criança pelos modelos que utilizam os estereótipos culturais, destruindo os impulsos vitais da irrepetibilidade de ser a si mesmo (MENEGHETTI, 2014). A subjetividade da criança deve ser avaliada dentro do contexto de interação diádica com o adulto mãe de máxima referência afetiva e, pedagogicamente, ser restituído o contato com o próprio Em Si ôntico ao Eu em formação, pressupondo a realidade do Campo Semântico, outra grande descoberta da Ciência Ontopsicológica (MENEGHETTI, 2010).

A Pedagogia Ontopsicológica está em grau auxiliar nesse grande problema de saúde pública por atuar na arte sobre como coadjuvar ou evolver uma criança à realização, isto é, fazer uma pedagogia de si mesmo como pessoa líder no mundo, educar um Eu lógico-histórico com capacidades e condutas vencedoras (MENEGHETTI, 2014).

Referências bibliográficas

BARKLEY, R. A.; BENTON, C. M. *Vencendo o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade adulto*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BIANCHI, E.; FARAONE, S. El Trastorno por Déficit de Atención e Hiperactividad (TODA/H). Tecnologías, actores sociales e indústria farmacéutica. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 75-98, 2015.

CRUZ, M.; OKAMOTO, M.; FERRAZA, D. O caso Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a medicalização da educação: uma análise a partir do relato de pais e professores. *Interface* (Botucatu), v. 20, n. 58, p. 703-714, 2016.

FARAONE, S.; BARCALA, A.; TORRICELLI, F.; BIANCHI, E.; TAMBURRINO, M. Medical discourse and marketing strategies of the pharmaceutical industry in the processo f medicalization of childhood in Argentina. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 14, n. 34, p. 485-497, 2010.

HORA, A.; SILVA, S.; RAMOS, M.; PONTES, F.; NOBRE, J. A prevalência do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): uma revisão de literatura. *Revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, v. 29, n. 2, p. 47-62, 2015.

MATTOS, P. *No mundo da lua – perguntas e respostas sobre Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos*. 16. ed. Associação Brasileira do Déficit de Atenção. Imprensa da Fé, 2015.

MENEGHETTI, A. *O Nascimento do Eu*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2003.

MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. *Conhecimento ontológico e consciência*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, A. *Pedagogia ontopsicológica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. *O Em Si do homem*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

PHELAN, T. W. *TODA/TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2005.

REINHARDT, M. C.; REINHARDT, C. A. Attention deficit-hyperactivity disorder, comorbidities, and risk situations. *J Pediatr*, n. 89, p. 124–130, 2013.

ROSE, D. *Consciousness: Philosophical, Psychological and Neural Theories*. Nova York: Oxford University Press, 2006.

SCHWAB, K. *A quarta revolução industrial*. São Paulo: Edipro, 2016.

SIGNOR, R.; BERBERIAN, A.; SANTANA, A. A medicalização da educação: implicações para a constituição do sujeito/aprendiz. *Educação Pesquisa*, v. 42, n. 3, p. 1-21; 2016.

SIGNOR, R.; SANTANA, A. *TDAH e medicalização: implicações neurolinguísticas e educacionais do Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade*. São Paulo: Plexus editora, 2016.

WAZLAWICK, P. *Desdobramentos histórico-sociais da Conferência da Unesco de 2007: análise ontopsicológica acerca da realidade de formação das novas gerações*. Recanto Maestro, 2017 (No Prelo).

A potência do telefone móvel, sob o viés ontológico, ontopsicológico e social (da pessoa e da sociedade)

*Rafael Padilha dos Santos*¹

Aqueles que sabem continuar na vida o ato da criação escolhem a via sadia que leva à origem de si mesmos, como o peixe salmão que, inevitavelmente, retorna à nascente de sua existência, ainda que enfrentando muitos e penosos desafios no caminho. Este ser humano que supera as dificuldades para desfrutar triunfante a chegada já foi, muitas vezes, exaltado na literatura humanista, como o gênio de um Ulisses que chega a sua terra natal em Ítaca, relatado por Homero; a perspicácia de um Enéias para alcançar o Lácio, como se lê na poesia de Virgílio; a viagem de Vasco da Gama em sua travessia para a Índia e o seu retorno de lá, cantado na poesia de Luís Vaz de Camões. É como um rio que escorre com a intencionalidade da vida para encontrar o seu braço de mar e que, depois, mergulha o seu corpo no corpo do oceano. Porém, a chegada somente ocorre mediante sacrifícios individuais, exige uma arte de viver, sendo importante uma pedagogia que ensine a arte de viver.

Uma pedagogia para o ser humano deve começar a interrogar-se:

¹ Doutor em Ciências Jurídicas (UNIVALI e Università degli Studi di Perugia), Mestre em Filosofia (UFSC), Especialista em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia (Universidade Estatal de São Petersburgo), Especialista em Direito Processual Civil (UNIVALI), Graduado em Direito (UNIVALI), advogado e empresário, professor da Graduação e Pós-graduação da AMF.

o que é o humano? A palavra “humano”, etimologicamente, é a junção de dois radicais: *húmus* (terra) e *nous* (mente). O ser humano tem ingênitamente *húmus* e *nous*: pelo *nous*, é o mensurante das coordenadas do real; pelo *húmus*, tem a matéria para a encarnação histórica das coordenadas do real. Ser humano, assim, é poder fertilizar a terra com o seu intelecto para semear projetos de vida em conformidade à própria identidade, fazendo, assim, fenomenologia divina. Toda a filosofia ocidental e oriental exorta-nos a cuidar da própria alma, a sermos humanos.

Então, é preciso alcançar uma purificação das pulsões removidas ou desviantes, para realizar o máximo da própria humanidade. A pedagogia contemporânea deve assumir o compromisso de ensinar instrumentos para uma autarquia espiritual que dá dignidade com a sumidade do ser: um ensino de dedicação de humanismo ontológico racional, laico e responsável. Isso é feito sem jamais substituir o critério ôntico elementar do educando, sem tirania.

No mundo contemporâneo, a pedagogia enfrenta o desafio de lidar com o crescimento de uma sociedade de massa, robótica, memética, obsessiva, a sociedade do *homo homini lupus* (do homem que é o lobo do próprio homem) e não do *homo homini sacra res* (do homem que é algo de sacro ao próprio homem). A democracia, como está sendo feita, não ajuda a evitar esse cenário, mas reforça essa condição inóspita de vida humana.

O celular, em si mesmo, não é um problema, é uma tecnologia do mundo globalizado que gera muitas facilidades: é mais fácil comunicar-se à distância usando um celular do que sinais de fumaça ou um pombo-correio. O poder tecnológico transfere um poder. O problema é se quem recebe esse poder não desenvolveu uma educação de maturidade, pois, neste caso, aumenta-se o vício.

O vício mental no uso do celular gera uma dependência

psíquica e chega a um ponto em que, sem o celular na mão, é como se não existisse a mediação para comunicar-se, para olhar as paisagens, para saber a própria localização e o próprio horário, para ter autonomia, paralisa-se como um navegador sem bússola, como se a vida não fosse possível sem esse instrumento mecânico. A distração no uso do celular ausenta o pensamento da realidade e gera torpor mental, ou seja, o intelecto não se converte em reflexão consciente; a vontade não é mais guiada pelo real, mas sim pelas convicções, pelos dogmas, pelas opiniões, pelas ideologias, pelos memes, pelo complexo, perdendo-se a unidade ôntica. O ser humano perde assim a própria humanidade, o *nous* (mente) que é seu constituinte natural, reduzindo-se a pó, ao pó da máquina. A empresa Apple tem uma marca que se faz de metáfora a isso tudo: a maçã mordida, como o símbolo, tomado da religião, que designa a mordida tentadora que expulsa da vida no paraíso edênico. Através de uma distração vã, perde-se a coparticipação com o ser. Por isso, para fazer de si mesmo o mais organizado é preciso ser mais inteligente, mais racional, mais responsável.

Há dois problemas aqui:

a) primeiro, o problema da alienação mental, que é bastante antigo, pois, por exemplo, Platão denuncia a alienação pelo mito da caverna; a mitologia grega através da caixa de Pandora; Parmênides, na sua poesia, recomendava afastar-se da via das opiniões: “vagueiam os mortais que nada sabem, cabeças duplas” e diz ainda Parmênides: “Deixam-se levar, surdos e cegos, mentes obtusas, massa indecisa, para a qual o ser e o não-ser é considerado o mesmo”;

b) segundo, é o problema da relação entre o homem e a máquina; o homem e a tecnologia, também muito antigo, como nos mostra o interessante mito de Ícaro e Dédalo; o anel de Gíges relatado por Platão; o asno de ouro de Apuleio. Vê-se o fatalismo

da magia tecnológica instalado para ditar o ritmo frenético da existência em adulteração ao sentido último da vida, em que o ser humano é coisificado (reduzido à coisa), pois quanto mais o indivíduo depende da coisa, mais a coisa domina-o. O homem, reduzido a um mero meio, perde a própria finalidade e segue como um autômato, dentro de uma relação entre predador e presa, entre metrópole e colônia, entre senhor e escravo. Espalham-se indivíduos errantes, “caçadores de *pokemons*”, sem o mapa de retorno à cidade natal. Falta-nos o Ulisses de hoje.

A um povo que quer o consumismo preguiçoso e infantil, a pedagogia é essencial. Por isso, a ciência e a educação devem ter cientistas, intelectuais e mestres capacitados a educar esse povo, já que a base de todo mal reside na ignorância e reduzindo-se a ignorância coletiva gera-se melhor funcionalidade. É um problema que envolve a todos e a formação de lideranças torna-se de fundamental importância para construir a coerência humanista que, do íntimo do ser, é constituinte do belo, verdadeiro, bom e útil.

A tecnificação da vida humana reflete-se na educação, cada vez mais enfocada na formação técnica e prática e mais distanciada de uma formação humanista. Como lidar com isso quando os educandos e os próprios educadores estão “entijolados” dentro dessa parede tecnológica?

Primeiro, metanoia e autenticação dos pedagogos, educadores, líderes. Precisamos de menos pseudo-humanos e de mais autênticos humanos! A crise gravíssima da sociedade contemporânea, que é antes de tudo uma crise espiritual e ética, envolve a recuperação da plenitude da racionalidade ontológica, o intelecto e a vontade exercitados naturalmente como faculdades do Em Si ôntico.

Segundo, o estudo da ontologia e da Ontopsicologia.

Precisamos de menos devotos e de mais cientistas! O homem que perde a dimensão metafísica entra no niilismo, substitui o ser pelo ter, vive a Idade do Ferro e perde a beatitude da Idade do Ouro. Deve-se desenvolver o conhecimento ontológico, estimular uma cultura ontológica que demonstre a possibilidade do exercício de atuação da capacidade crítica intelectual de individuar o ser e atuar o ser em fenomenologia histórica, distinguindo a via do ser da via opinativa, ideológica ou memética, realizando mais valor no mundo.

Terceiro, fazer e viver genuinamente o humanismo ontológico. Precisamos de menos papagaios faladores, menos falsos profetas e mais agentes humanistas verdadeiros de ação da vida! Além disso, é importante a superioridade de mestres que não fujam da própria função social, que se acordem a esse compromisso, a assumir a liderança intelectual para operar socialmente mais funcionalidade para dar a estrada de passagem à alma de mais pessoas, pois quando uma parte da humanidade está mal, também o mais inteligente sofre, como afirma Terêncio (1994): “Sou humano e nada do que é humano é estranho a mim”.

A pedagogia tem o desafio de contribuir com meios de cultura e sociedade para que o ser humano torne-se o mais organizado como pessoa, para que, assim, esse ser humano possa aprender a operar e tomar vantagem para si dos meios que a sociedade dispõe, exercendo o seu intelecto e a vontade para encarnação histórica das virtualidades de si mesmo.

É possível utilizar o celular sem mimetizar-se com a máquina, é plenamente possível utilizar a máquina sem transformar-se em máquina. Não se abebera da artificialidade de curiosidades que geram aprisionamento psíquico e hipnose cerebral aquele que passa a viver o genuíno mundo da vida com liberdade e entra na dimensão imaculada do conhecimento.

Com a Ontopsicologia, o percurso torna-se mais simples, mais alegre, mais natural, tem-se a técnica e o método para a autenticação pessoal e a ação social. Como afirmava o Professor Antonio Meneghetti sobre a Ontopsicologia: “Se a semente é válida, se é como o carvalho, primeiro ele desce no fundo, depois com os séculos faz seu campo no céu e sucessivamente a história faz dele símbolos arcaicos, testemunhos do que aconteceu” (MENEGETTI, 2015, p. 11).

O ser humano é capaz de construir a própria vida através de suas próprias escolhas, pelas quais pode embrutecer-se a uma condição abaixo a de um animal ou construir-se a algo de divino. É possível, é realizável, e assim alcança-se o conceito do homem cosmoteândrico, a unidade do ser, saber e fazer. O ser, como assinala Parmênides “O ser é”; Saber, como o sábio grego exortou: “Conhece-te a ti mesmo”; Fazer, no significado humanista de vida ativa e expresso na sabedoria grega “Nada em excesso”. Como exortava o filósofo Pico della Mirandola (2010, p. 61): “Que a nossa alma seja invadida por uma sagrada ambição de não nos contentarmos com as coisas medíocres, mas de anelarmos às mais altas, de nos esforçarmos por atingi-las, com todas as nossas energias, desde o momento em que, querendo-o, isso é possível”.

Referências bibliográficas

MENEGETTI, Antonio. *Arte, sonho e sociedade*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MIRANDOLA, Giovanni Pico della. In: *Discurso sobre a dignidade do homem*. 6. ed. Lisboa: Edições 70, 2010. p. 61.

TERENZIO, Publio. *Il punitore di se stesso (heautontimorumenos)*. Milão: RCS Libri, 1994.

Pedagogia Ontopsicológica para pais e educadores

Estela Maris Giordani¹

A Pedagogia Ontopsicológica constitui-se um divisor de águas em relação aos fundamentos e práticas do que se entende e de como se faz pedagogia em todos os âmbitos, em especial, na família, escola e sociedade. É uma pedagogia que transcende os estereótipos histórico-culturais conservados ao longo do tempo em relação à arte de educar, sem desconsiderar o legado dos grandes educadores e autores da pedagogia.

A obra do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti e o seu legado são o que existe de mais avançado hoje no mundo sobre a arte do como desenvolver um ser humano à realização do seu potencial no âmbito da globalidade integral sobre si mesmo. Diante de sua obra, é preciso modificar os cânones de leitura porque: a) ele possui uma rara formação acadêmica; b) o seu modo de fazer pedagogia vem da realidade dos fatos e do confronto que fez com vários países e culturas e, sobretudo, c) realizou tudo com liberdade, pois financiou a sua própria pesquisa.

Meneghetti evidenciou três grandes condicionamentos que a pedagogia sofreu ao longo do tempo até os dias atuais. O **primeiro** condicionamento é que, historicamente, os pedagogos, educadores, pais, professores, fazem pedagogia como forma de

¹ Doutora em educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

compensar as suas frustrações em função da remoção inconsciente devido aos problemas sofridos na sua infância. Verifica-se, por meio da análise da obra (teoria e prática) dos grandes pedagogos da humanidade, que, por meio da pedagogia, exercitavam uma espécie de vingança ou também atacavam o sistema social de sua época. Com isso, não elaboraram uma pedagogia direcionada para a vida-criança.

Os segundos condicionamentos dos grandes pedagogos, não obstante os seus contributos, vieram sempre de sistemas religiosos, cuja matriz original é o cristianismo. O cristianismo é uma realidade histórica poderosa e inclui os católicos, os ortodoxos, os protestantes. É poderosa porque possui dogmas acreditados e vividos que condicionam o pensamento pedagógico, como é o caso do dogma da predestinação e do pecado original. Por exemplo, o dogma do pecado original compreende que nós, filhos de Adão e de Eva, temos uma mancha por natureza, somos maus e estamos condenados a viver uma vida pecadora e com culpa. E isso implica que o homem em sua vida não seja capaz de escolher e fazer o bem porque originariamente é mau e, se alguma ação boa é realizada pelo homem, é apenas pela graça divina, por sua concessão, mas não pela escolha voluntária humana.

O **terceiro** condicionamento é que muitos conceitos elementares da compreensão do humano, tendo sido mal entendidos ou violados, impossibilitaram a análise objetiva que evidencia não apenas a crise da pedagogia, mas, sobretudo, que ela continua a ser fermento de uma contradição oculta e aberração contra o simples do instinto-criança (CAROTENUTO, 2014, contra-capá).

Para fazer a pedagogia fundada no dado real sobre como a vida minuto a minuto expressa a sua volição é preciso retornar a uma liberdade em antecipação a todas as ideologias, que comoveram todo o mundo, toda a Europa e também motivaram as guerras que ocorreram. A Pedagogia Ontopsicológica refunda a lógica pedagógica de cada tempo e visa superar as contradições

históricas e da pedagogia contemporânea. Deriva da experiência prática e didática formalizada por Antonio Meneghetti, que, aplicando durante anos de modo infalível as suas descobertas em campo científico – Campo Semântico, Em Si ôntico e Monitor de Deflexão na psique humana –, desenvolveu um método de intervenção que se demonstrou resolutivo ao problema da exatidão da consciência humana.

Para Meneghetti, a ciência deve estabelecer a conexão racional humilde com a lógica da vida que é idêntica àquela ordem intrínseca que nos funda no aqui, agora e assim. Em âmbito pedagógico, a aplicação desse método foi realizada com sucesso não apenas da educação básica à educação superior, mas, sobretudo, em culturas com psicologia e comportamentos diversos – Europa, Ásia, Leste Europeu, América Latina e do Norte e África. Devido à rara formação acadêmico-científica, a pesquisa mantida com recursos próprios e a demonstração da infalibilidade de seu método com resultados reversíveis ao nexo causal do real, Antonio Meneghetti (1936) atingiu notoriedade e reconhecimento mundial de sua obra científica e pedagógica. Essa pedagogia, cujas bases são fundadas no Humanismo Perene, propicia a formação de pessoas capazes de assumir responsavelmente os seus papéis sociais e ainda contribuir para preencher o vazio moral e minimizar a crise existencial que angustia os jovens.

A Pedagogia Ontopsicológica é fundada sobre o critério ético do humano, o Em Si ôntico, que é o núcleo vital da atividade psíquica. Esse critério orienta como se faz a pedagogia para que o instinto-criança não seja desviado de sua originária força vital e evolua aprendendo a fazer e saber a si mesmo, de

modo congruente e eficiente, no composto social. Eis o conceito de pedagogia: *a arte de formar o homem pessoa na função social*. A tarefa da pedagogia é *redescobrir e isolar a* informação da simplicidade nativa da criança a fim de auxiliá-la a discriminar, do contexto memético informático, aquelas informações que são idênticas ao seu Em Si ôntico. Nessa pedagogia, também se encontra a resposta à problemática pedagógica da relação indivíduo-sociedade. Consiste concretamente em realizar existencialmente o potencial humano individual, com identidade ao núcleo da inteligência vital de cada um, Em Si ôntico. E, da responsabilidade de realizar o melhor si, nasce a resposta ao saber servir bem o outro, que também é parte intrínseca do existir individual, *eu sou o outro e o outro sou eu*. Assim, sociedade significa que *somos sócios*, pertencentes a um mesmo corpo social em movimento dialético contínuo.

Indico três princípios práticos essenciais, que podem auxiliar-nos, os adultos, sobre como proceder a uma reta educação dos filhos para que sejam felizes, realizados, criativos e, sobretudo, verdadeiros para si e úteis e funcionais para a sociedade.

Primeiro: adultos felizes e realizados são os melhores pais. Observando a natureza, podemos notar que uma árvore saudável produz frutos bons, se existir algum fruto que não é bom, intervém-se sobre a árvore e nunca sobre os frutos. Para Meneghetti (2015, p. 58)

antes de tudo, uma criança deve nascer da abundância de prazer da mãe. Não pode nascer de um programa, de um dever. Nasce triste, está mal. Cresce-se mal dentro de um universo em que se é constricto a obedecer. [...] A criança deve nascer de uma fertilidade madura do adulto.

Trata-se de uma pedagogia que se faz sobre aquele que educa a criança e o jovem, porque as crianças e os jovens são

dependentes afetivos, manifestam as distorções inconscientes dos adultos que estão vinculados. Desde o seu nascimento até os dezesseis anos, quando existe um problema não se intervém sobre a criança (colocar no psicólogo, levar ao psiquiatra e ministrar medicamentos pesados), mas se intervém naquela dinâmica psíquica daquele adulto que formaliza aquele problema que “aparece” na criança. Por consequência, para fazer uma adequada pedagogia, é preciso autenticar a consciência do operador, ou seja, deve-se fazer metanoia, conectar a sua consciência ao nexos causal do real, isto é, é preciso que aquele que faz pedagogia esteja coligado com o seu princípio vital para não fazer pedagogia por compensação.

Para poder fazer pedagogia, o adulto deve, em primeiro lugar, buscar o seu próprio egoísmo sadio e vital, pois isso impede-o de fazer pedagogia por projeção ou por compensação de seus impulsos reprimidos. “Os pequenos adultos da família – mãe, pai, tia, avós

– frequentemente não são adultos leais, sadios. O removido ou secretas vinganças compensativas dos genitores desencadeiam-se no Eu lógico-histórico dos filhos ou dependentes emocionais” (MENEGETTI, 2014, p. 198). Além disso, a criança e o jovem manipulam sempre o adulto exatamente quando colhem as suas frustrações inconscientes e, com isso, o adulto demonstra que também ele é um incapaz diante da vida, dessa forma, a criança e o jovem aprendem a jogar um perigoso jogo que depois danifica a possibilidade de realização histórica de seu potencial integral.

Segundo: o adulto deve entender e agir considerando que o seu filho é outro, não é o pai, não é a mãe, não é o vovô ou a vovó. A criança ou o jovem, o filho, é um ser único e não é igual à mãe ou ao pai. Ele nasceu do encontro feliz dos pais, por isso, o pai e a mãe foram o instrumento por meio do qual aquela vida veio ao mundo, mas a criança não é sua propriedade, é um outro ser, pertence a

si mesma. Toda a vez que o adulto, mãe, professor ou ainda responsável, projetar no outro a sua própria realidade vai impedir ou bloquear o natural instinto de posse que a criança ou o jovem possui e que necessita exercer para constituir-se como ser distinto, capaz de realizar as suas próprias escolhas, escolhas que sejam cômguas ao seu metabolismo vital. Conforme Meneghetti (2014, p. 204), duas são as posições educativas do social “a) responder às exigências vitais biológicas e comunicativas (nutrição, cuidado, ambiente humano); b) nenhuma interferência de colonizar (perverter) o virtual de sua identidade”. A criança necessita fazer as próprias escolhas, exercer o seu livre arbítrio para afirmar-se como pessoa, como ser capaz de responsavelmente arcar com as consequências dos seus atos. O adulto, pai, mãe, professor, no confronto com a criança ou com o jovem deve observar e intervir apenas quando está errando gravemente sobre si mesmo, alertando que o que está fazendo está destruindo o seu potencial, essencialmente dizer o que não deve fazer para não errar contra si mesmo.

Daí porque a premissa da Pedagogia Ontopsicológica é o Protagonismo Responsável. A criança e o jovem devem aprender a saber como construir a si mesmo como pessoa líder no mundo, “construir um Eu lógico-histórico com capacidades e condutas vencedoras” (MENEGETTI, 2014, p. 14).

Terceiro: nós, adultos, jamais devemos substituir a força da criança. Acompanhá-la, auxiliá-la, encorajá-la sim, mas nunca gratificar sem mérito ou substituir no que tem condições de realizar por si mesma. “A característica de cada criança é esta: capacidade, vontade de ajudar, de dar, de ser alguém de modo superior, por necessidade da vida. Capacidade em si mesmo e vontade de dar. Nenhuma criança quer ser pequena: todas querem ser mais, como a vida é mais” (MENEGETTI, 2014, p. 197).

Dessa prática, nasce a sua autoconfiança e construção positiva e criativa de si mesma na sua existência, no seu acontecimento histórico. Por isso, deve aprender a operar com as duas morais, a primeira é a moral da vida e a segunda é da sociedade.

A criança, o Eu, deve aprender a conjugar essa dupla moral: a moral profunda da vida em si mesmo, para si mesmo defronte da vida e a moral de um indivíduo cívico em relação aos outros, que observam as mesmas leis, os mesmos deveres que ela vive (MENEGETTI, 2014, p. 197).

Por fim, “cada criança que tem êxito conforme a mensagem ôntica da vida, depois ajuda a sociedade. Por que o faz? Não pode não fazer, porque os outros são a sua vida” (MENEGETTI, 2015, p. 73). Eis o porquê é indispensável para aqueles que reconhecem na pedagogia uma passagem para operar soluções evolutivas ao desenvolvimento da inteligência humana sobre esse planeta conhecer e aplicar a Pedagogia Ontopsicológica.

Referências bibliográficas

CAROTENUTO, M. *A paidiea ôntica: dos Sumérios a Meneghetti*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGETTI, A. *Pedagogia ontopsicológica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGETTI, A. Ontopsicologia e Pedagogia. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA. *Cultura & Educação: uma nova pedagogia para a sociedade futura*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015. p. 55-76.

A gratificação na educação

Alécio Vidor¹

Quando o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti escreve e remete, no livro “Pedagogia Ontopsicológica” (MENEGHETTI, 2014), à palavra “gratificação”, ele refere-se a um modo exagerado e compensatório no procedimento do educador. O educador não pode substituir o esforço e o empenho da criança, ele deve provocar o processo de crescimento e mérito da criança para ela afirmar-se com autonomia. Gratificar em excesso alimenta a dependência e frustra a ambição e necessidade de afirmação da pessoa em formação.

Alimentar a pretensão de revestir a criança de um esquema imposto pelo adulto é um modo de assassinar a sua inteligência e acomodá-la a uma alienação preguiçosa.

O Acadêmico Professor Antonio Meneghetti escreveu esse texto² para que os adultos educadores não reelaborem, nas crianças, as frustrações que eles próprios sofreram, porque isso não humaniza.

¹ Doutor em Filosofia e Mestre em Filosofia (Pontifícia Universidade Católica São Tomás de Aquino, Roma), Especialista em Psicoterapia (A.I.O), Especialista em Pedagogia (UPF), Graduado em Filosofia (UPF), professor dos cursos de Graduação e Pós-graduação da AMF.

² Conferência realizada pelo Acadêmico Professor Antonio Meneghetti na sede da UNESCO em 2007, intitulada: “Pedagogia Contemporânea: responsabilidade e formação do líder para a sociedade futura”, que se encontra transcrita nesta obra, p. 23-41.

A gratificação só é válida para confirmar o merecimento da criança e, especialmente, quando demonstra sacrifício ao superar dificuldades. A criança não pode ser manipulada, mas respeitada em seu valor e identidade distinta, isso é importante a partir do nome que a ela se dá. Às vezes, o Professor Meneghetti dava (sugeriu) outro nome próprio a alguns adultos, para que pudessem retomar o endereço e o caminho condizente à própria identidade. Nenhum ensinamento externo pode ser imposto, de modo absoluto, para possibilitar a criança a ver que pode errar e corrigir-se sem a agressão externa. A liberdade pode ser ajudada, mas não ensinada.

Referências bibliográficas

MENEGHETTI, A. *Pedagogia ontopsicológica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

Juventude: um momento para ser preciso

Josemar Soares¹

Depois de vinte anos trabalhando com a formação de jovens, seja no âmbito universitário como professor e coordenador de atividades pedagógicas, de pesquisa e extensão, seja como consultor empresarial, lidando com a problemática juvenil nas corporações diariamente, posso trazer alguns aspectos que tocam diretamente a dificuldade de inserção responsável do jovem na vida adulta.

De algumas décadas atrás, vem se consolidando certa cultura relativista e assistencialista ao redor do jovem, a ideia que o jovem pós-moderno, nascido na virada dos milênios é ágil, esperto, intuitivo, capaz de realizar multitarefas simultaneamente, que é mais apto a manusear as novas tecnologias e que, por isso, é mais capacitado a gerenciar o mundo hoje que as gerações anteriores. Existe esse culto ao jovem, um tipo de sacralização, mitificação da faixa etária que vai dos 15 aos 25 anos, de que esta

¹ Doutor em Filosofia (UFRGS); Mestre em Ciência Jurídica (UNIVALI); Mestre em Educação (UFSM); Especialista em Psicologia Social com abordagem em Ontopsicologia (Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia); Professor do Bacharelado em Direito, Bacharelado em Ontopsicologia, Pós-graduação MBA Identidade Empresarial e Especialização em Ontopsicologia da AMF; Professor dos cursos de Mestrado e Doutorado no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI), responsável pelas disciplinas Teoria Política, Ética, Direito e Sociedade e Produção do Direito; Consultor.

seria a época dourada da vida, e que, portanto, deve-se aproveitá-la intensamente porque, depois, viria o arrependimento, o não ter vivido *os melhores anos de sua vida*.

Esse culto à juventude instiga o sujeito a mergulhar nas mais variadas experiências afetivas, sexuais, de amizades, viagens, alcoolismo, drogas, porque, nessa época, a biologia está em seu ápice, então deve-se aproveitá-la.

O problema é que a mesma sociedade que enfatiza essa mensagem de *aproveitar a juventude*, depois, quando o jovem chega aos 30 anos, cobrará resultados dele, a autonomia financeira, uma carreira profissional encaminhada, etc. E como, o jovem viveu intensamente aquelas experiências, não estudou adequadamente, não trabalhou, não construiu as competências que precisava para tornar-se um profissional de destaque. O jovem chega aos 30 anos sem ter criado as condições mínimas para ser um adulto independente, seja do ponto de vista financeiro, seja existencial.

Observa-se ainda esse *culto à juventude* no fato que outras faixas etárias tentam adaptar os seus estilos de vida ao da juventude. As crianças são cada vez mais induzidas a viverem precoces dimensões da vida que seriam dos jovens e muitos adultos com mais de trinta e quarenta anos vestem-se e comportam-se como adolescentes de dezesseis. Todos parecem querer viver eternamente na faixa etária da juventude.

A partir de toda essa ênfase, culto à juventude, é possível compreender melhor porque o jovem, hoje, não consegue adequar-se ao mundo de trabalho, da razão de tantos empresários reclamarem dos recém formados em universidades. Em geral, nota-se que o jovem, quando no âmbito corporativo, tende a ser *arrogante e preguiçoso*.

Arrogante porque considera-se mais preparado, mais

inteligente, mais belo, mais moderno que o adulto, ainda que esse adulto seja um empregador com anos de vitórias no mundo empresarial. Além disso, é preguiçoso porque raramente foi cobrado até ali, chegou até a empresa atravessando inúmeras instituições que pouco ou nada exigiram dele. Ou que até exigiram, mas não o suficiente tendo em vista o potencial daquela pessoa. O jovem possui a força gratuita da natureza, é a época em que se aprende, faz-se tudo com maior facilidade, mas, muitas vezes, as instituições não exigem que o jovem externalize toda essa força.

Isto porque a família, a escola, os amigos, a universidade, a internet, que são os espaços em que o jovem interage até alcançar o mercado de trabalho, são cada vez mais relativistas e permissivos. A família tende a tolerar qualquer deslize, qualquer dificuldade do jovem, dizendo “é assim mesmo”, “um dia ele aprende”. Os amigos dizem que qualquer roupa vai bem, que dormir tantas horas por dia está ok, a escola diz que se o aluno não vai bem é culpa do professor, e mesmo a universidade já não oferece a dificuldade que uma vez representou. Basta observar a quantidade alarmante de jovens que conseguem obter um diploma universitário mesmo frequentando quase que diariamente baladas e bares. Se as nossas universidades fossem mais exigentes, os jovens se veriam obrigados a adaptar o estilo de vida para organizarem horário para os estudos, por exemplo.

Enfim, após tantas instituições que pouca dificuldade e cobrança oferecem é inevitável que o jovem chegue arrogante e preguiçoso ao mundo do trabalho.

Diante desse fenômeno, constata-se a crescente apatia e desinteresse dos jovens pelo amadurecimento. É alarmante como tantos jovens não demonstram nenhuma vontade de saírem da casa dos pais, de terem o próprio espaço físico, de terem a própria renda, com a qual podem pagar por aquilo que desejam, enfim, há

uma grande massa de jovens que se sente satisfeita em viver com os pais, nutrindo-se, parasitariamente, daquela estrutura.

Talvez a origem dessa problemática esteja em uma díade com determinados membros da família que vivem em frustração. Essa relação acaba criando um vínculo de ocupação, alienação e distração do jovem daquilo que realmente importa naquele período. A família induz o jovem a não crescer, a não ser autônomo, a continuar sempre vivendo dentro de suas paredes. Por outro lado, o jovem não quebra essa relação porque também se sente bem ao viver parasitariamente da instituição familiar, pois ali não paga despesas com aluguel, comida, internet, não precisa preocupar-se em organizar o próprio espaço, etc. Nesse jogo, não há desenvolvimento e todos perdem.

Depois, essa díade transfere-se à sociedade e às demais instituições. O jovem, que nunca deixou de ser apenas filho, verá a sociedade, e mesmo a empresa, como aquela mãe que deve agradá-lo, que deve dizer “maravilhoso”, “você é especial”, para qualquer tarefa desempenhada, ainda que de modo medíocre. Acostumado a ser elogiado gratuitamente, é lógico que o jovem não conseguirá adaptar-se facilmente a um espaço como a empresa, onde o resultado e o pragmatismo ditam o ritmo e os primados devem ser conquistados com esforço e produtividade, não com afeto.

No jovem, pulsa energia, há uma parte íntima que clama por uma estrada de valor, uma realização de vida distinta. Sobretudo, os jovens mais sensíveis, inteligentes, sentem isso através das crises de adolescência, na rebeldia, na dificuldade de inserirem-se nos meios sociais.

A tarefa da moderna pedagogia deveria ser o de responsabilizar-se e formar este jovem a ser protagonista da própria existência, a ser pessoa, e não apenas filho da família, da sociedade, a ser um

indivíduo em si mesmo, capaz de ingressar na empresa e reforçá-la com sua nova inteligência, como um novo vento que balança as estruturas velhas e a força a renovar-se, a atualizar-se e continuar sendo vitoriosa. Mas, para tudo isso, é preciso cortar os laços de dependência que finitiza o jovem nas instituições da infância.

A cada momento do dia, é necessário verificar a conexão da consciência, do Eu, com a pulsão, a vontade, do Em Si ôntico, da vida, do espírito, que se encarna em cada um de nós, assim, na medida em que se historiciza essa pulsão, tem-se, então, o grande prazer de viver e ser.

Referências bibliográficas

MENEGHETTI, A. *Antonio Meneghetti sobre... Jovens e Realidade Cotidiana*. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

MENEGHETTI, A. *Aprendiz Líder*. São Paulo: FOIL, 2011.

MENEGHETTI, A. *Do humanismo histórico ao humanismo perene*. Recanto Maestro, Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2010.

MENEGHETTI, A. *Os jovens e a ética ôntica*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. *Pedagogia ontopsiológica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2014.

A vida e o mundo dentro de uma *fiction*

Patrícia Wazlawick¹

Aprendemos com os filósofos e físicos mais atentos ao homem e ao mundo que, no grande tempo, tudo já está em acontecimento, pois “cada escolha condiciona a sucessiva e reflete-se no inteiro. Continuamente, experimentamos os efeitos das nossas causas e causamos nossos efeitos” (MENEGETTI, 2014a, p. 297). Basta nos determos um pouco para enxergar esse curso dos fatos e da vida. O Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, com a sua inigualável formação e competência científica, unidas à evidência prática de adentrar nas situações humanas e, de fato, vivê-las, em 13 de junho de 2007, em sua última conferência realizada na sede da Unesco em Paris, aqui nesta sala, já denunciou tudo. Há 10 anos, Meneghetti faz uma aguda análise acerca de tudo o que integrou o contexto sociológico no arco histórico do séc. XX e alvorecer do séc. XXI, apontando para onde caminharia a pedagogia contemporânea e a sociedade futura. Os aspectos debatidos nessa Mesa Redonda, a partir dessa conferência histórica, demonstram como uma mente responsável e sagaz pode

¹ Doutora em Psicologia (UFSC), Mestre em Psicologia (UFPR), Especialista em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia (Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia), Especialista em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico (AMF), Graduada em Musicoterapia (FAP-PR). Professora dos cursos de Graduação e Pós-graduação da AMF e Coordenadora do Bacharelado em Ontopsicologia (AMF).

colher a intencionalidade dos eventos, que, depois, define o curso da história.

Meneghetti abre toda a situação em que as sociedades mais evoluídas, a imensa maioria das famílias, as instituições educacionais e sociais mais bem creditadas e, naturalmente, as crianças, os adolescentes e os jovens integrantes desse contexto estariam envolvidos. Naquele momento, 10 anos atrás, antecipa fatos e crônicas que talvez não conseguíamos entender. E, ainda hoje, parece estarmos anestesiados, com a sedução da tecnologia da informação e com o mundo virtual, que, sutilmente, nos leva a viver de modo intenso a ditadura de uma *fiction*, em todos os aspectos da vida. Imersos nessa grande *web*, estamos simplesmente seguindo, constituindo e formando, de modo muito irresponsável, o que ainda podemos chamar de pessoas. Mas com qual pedagogia? Uma pedagogia que não tem responsabilidade nem para si mesma? Que não revê quem atua na formação? Que não questiona e verifica se funciona ou não? Com qual respaldo e com qual autoridade estamos decidindo a formação não apenas da sociedade, mas da humanidade futura? Ou ainda, o que dela restar?

No dia 25 de junho de 2017 – exatamente 10 anos e 12 dias após a realização da conferência que estamos estudando, ministrada por Meneghetti, aqui, em 13 de junho de 2007, – o jornal *El País*, principal jornal da Espanha, publicou uma matéria intitulada “*Quítale el móvil ao niño*”², traduzindo: ‘tire o celular da criança’, de autoria de Álvaro Bilbao. Essa matéria apresenta o seguinte texto de abertura:

² Acesse em:

<https://elpais.com/elpais/2017/06/23/ciencia/1498213275_166491.html?id_externo_rsoc=FB_CM>.

*O celular com desenhos para comer
Um jogo para esperar no pediatra
Um filme para colocar-lhe o pijama
O resultado?
Crianças com pouco autocontrole, distraídas e com falta de motivação
Muitos deles serão diagnosticados com Transtorno de Déficit de Atenção (TDA)
E nem sempre será correto
Os dados mais alarmistas dizem que 4% da população infantil poderia sofrer dele
Porém, 10% das crianças da Espanha receberão tratamento para esta desordem
A atenção é a janela através da qual o cérebro se inclina para fora, ao mundo
Serve para concentrarmo-nos no que desejamos
Detectar detalhes e matizes
Aprender idiomas melhor
Alcançar nossas metas
Ou reduzir o estresse
Educamos a crianças cada vez menos pacientes, porque damos menos valor a fazer as coisas lentas
O cérebro aprende que cada vez que tem que se esforçar, concentrar-se ou estar tranquilo
Tem permissão para distrair-se*

Nessa matéria, Bilbao (2017) tece uma narrativa exata do que estamos fazendo – nós, família, escola, sociedade, adultos de referência, instituições, autoridades – às novas gerações e aí entendam-se que se atingem crianças já com dois e três anos de idade. O autor sublinha que dominar a atenção e ser capaz de eliminar outros estímulos que desejam nos distrair é uma habilidade que oferece múltiplas vantagens à pessoa. Porém, há anos estamos vivendo o autêntico auge de um diagnóstico que provoca sofrimento aos pequenos: o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Desde os anos 1970 até 2010,

o número de crianças diagnosticadas nos Estados Unidos multiplicou-se por sete. Desde 2000 até 2012, o número de receitas expedidas no Reino Unido para tratar desse transtorno cognitivo multiplicou-se por quatro. E o diagnóstico já é possível a partir dos três anos de idade. Os dados comprovam que, na Espanha, 4% da população infantil poderiam sofrer desse transtorno e que 10% das crianças já tomaram medicação para TDAH em algum momento de sua vida escolar.

Apartir da análise de Bilbao (2017), cada vez que deve esforçar-se, concentrar-se, estar quieto, esperar, ao apresentar-se as imagens de um aplicativo no aparelho celular, a criança distrai-se e não presta atenção às suas atividades necessárias em um determinado momento. Aprende e repete esse modo de agir. Assim, futuramente, diante de qualquer nova situação, na qual deve esforçar-se e realizar uma tarefa de modo responsável, a criança não consegue, pois o que aprendeu é que, naquele momento, pode distrair-se. E assim recebem o diagnóstico: pouco autocontrole, distração ou falta de motivação, desde muito cedo na vida. Além disso, de modo geral, no que tange a aspectos histórico-sociais e culturais da questão, o transtorno de déficit de atenção é um estigma de uma sociedade que vai demasiado depressa e não educa para as atividades lentas e de maior atenção e que requerem concentração.

Meneghetti, em 2014, analisando a juventude desfasada, na obra *Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene*, continua verificando a situação do cenário de um futuro não muito distante de nós, dizendo que qualquer tecnologia será conhecida, será conhecido qualquer tipo de computador com digitação infinita, porém, a medicina permanecerá atrasada, a preguiça aumentará e quando o próprio fígado sofre muita bília, o olho não vê, a própria atividade erótica não funciona, serão criados *sex-symbols* ao infinito, mas faltará a naturalidade eficiente, a realidade com prazer nas próprias mãos: “permanecerá a convicção, a

confirmação psicodélica, isto é, a própria psique estará satisfeita nas imagens³, porém, o câncer e, sobretudo, a esquizofrenia patológica aumentarão” (MENEGETTI, 2014b, p. 11).

Deve ser bem entendida que essa não é uma postura radical contra as tecnologias digitais/da informação, mas uma tomada de consciência e uma postura crítico-reflexiva diante do que nossa sociedade vive e do que está se tornando, uma vez que:

é importante *entender e dominar o mundo digital*, porque é um enorme facilitador: maior é a informação utilizada, como é justamente a informação digital (porque se pode elaborá-la, escolhê-la etc.), maior é a utilidade que se pode obter, mas ao mesmo tempo é maior o perigo se se entra nesse mundo sem uma preparação adequada (MENEGETTI, 2013, p. 110).

Essa preparação diz respeito a tantos aspectos. Um deles é que o jovem, não tendo uma preparação global integral sobre como estão as coisas, de fato, de modo real, corre o risco de formar-se de modo superficial e fora da realidade. A imensa maioria de informações e imagens veiculadas e bombardeadas a cada milionésimo de segundo na *web* não possui *reversibilidade* com o real, isto é, “o sujeito crê, mas as coisas estão em outro lugar, ou então ele – como realidade – está em outro lugar” (MENEGETTI, 2013, p. 109). Além disso, o mundo informático é um instrumento muito potente, pois consente a *contemporaneidade da informação*, porém, precisa-se verificar que informação é essa. Em primeiro lugar: é real?

Freitas (2016) analisa a obra de um jornalista canadense, Michael Harris (2014), autor do livro “O fim da ausência” que aborda o que significa, para a maioria de nós, sermos a

³ Exatamente como quando uma pessoa vai ao cinema, o filme é de seu agrado (o seu herói vence, a sua princesa se casa etc.) e, portanto, está contente (MENEGETTI, 2014b, p. 11).

última geração que viveu o mundo analógico. Ela inicia o seu texto com a seguinte provocação: “você se lembra de quando se via sem nada para fazer e contemplava o ócio, sem sacar o celular do bolso?” Essa é uma reflexão que tende a acabar junto com aqueles que vivenciaram o mundo off-line. Hoje, nos minutos que poderiam ser para contemplar o ócio (sempre muito raros), nossa atenção é desviada para o celular.

Harris (2014) defende que “qualquer pessoa que tenha nascido antes de 1985 faz parte da última leva de seres humanos que sabe o que é a vida sem internet” (FREITAS, 2016, s/p), e eles estão fazendo a peregrinação do “antes” para o “depois”. O “antes” é um mundo em que a comunicação era mais lenta e acontecia de maneira completamente diferente, no qual havia menos tipos de entretenimento e os pensamentos e opiniões pessoais de um sujeito recebiam menos atenção pública.

Com a introdução da tecnologia da informação, o mundo mudou a maneira como as pessoas relacionam-se, como constroem a sua identidade, como vivem a sua intimidade/privacidade e como vivem a sua imaginação/criatividade – que passam a ser geridas pelas nuances do mundo digital (GARDNER e DAVIS, 2014).

Na visão de Harris (2014), o maior prejuízo que a ubiquidade da tecnologia causará às gerações futuras é a ausência da sensação de ausência. O estado de conexão permanente, com o celular ligado no bolso, impede-nos de estar definitivamente sozinhos (FREITAS, 2016). E a ausência de momentos solitários nos tempos pós-modernos mostra como nos ocupamos com a tecnologia para nos afastarmos de reflexões existenciais, por exemplo, que poderiam mostrar o quão frustrada está a humanidade. E aí, nem conseguimos nos dar conta que não estamos fazendo nada para mudarmos isso, pois, nem sequer contatamos essa evidência.

Logo ninguém vai lembrar da vida antes da internet. Os silêncios provenientes de ‘sonhar acordado’ nas nossas vidas

foram preenchidos: as solidões sufocantes foram extintas. Não há ‘tempo livre’ quando estamos com nossos celulares, salienta Freitas (2016). Porém, na medida em que adotamos os dons da tecnologia, afirma a autora, normalmente falhamos em considerar o que a tecnologia pede de nós em troca: os pagamentos sutis.

Para Harris (2014), faltará, no futuro, a capacidade de deixar a mente correr livremente, de sentir-se entediado e a importância das descobertas feitas nesses momentos. Porque essas foram situações que fizeram parte da experiência humana da geração que soube o que era a vida antes do aparelho celular – geração que está passando pela transição entre dois mundos.

Além disso, segundo Harris (2014), um dos aspectos preocupantes dessa conexão permanente é que perdemos a habilidade de decidir por nós mesmos e o que pensamos sobre quem somos. Porque tudo está sendo medido, inclusive o nosso valor como pessoas, pelo número/quanto estamos conectados em redes sociais, pelo número de curtidas em nossas fotos e pelos *reweets* de um *tweet* (se isso acontece, deve significar que os meus pensamentos valem alguma coisa) (FREITAS, 2016).

Essas e infinitas outras questões são mudanças sociológicas impulsionadas pela revolução digital. São observações, que não fazem uma classificação em relação ao “antes” e ao “depois” como melhor ou pior, mas que apenas apontam “como estão as coisas”. Se quisermos auxiliar a começar a mudar algo na direção da formação responsável de nossos jovens, de nossa sociedade de hoje, mas mais que isso, para garantirmos a nossa sociedade futura, esse é um viés muito interessante para começar-se a operar no cotidiano concreto da vida na educação de crianças, adolescentes e jovens. Mas ações com mudança radical de mente, que sejam encampadas por “nós” família, escola, instituições reguladoras da sociedade, professores, universidades e empresas. A responsabilidade é nossa e o momento de fazer é agora.

Referências bibliográficas

BILBAO, A. Quítale el móvil ao niño. El trastorno de déficit de atención afecta a un creciente número de niños, y abre el debate en torno a los sobrediagnósticos. *El País*, 25 de junho de 2017. Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2017/06/23/ciencia/1498213275_166491.html?id_externo_rsoc=FB_CM>. Acesso em: 25 jun. 2017.

FREITAS, A. *O que significa ser a última geração que viveu o mundo analógico*. Expresso. 05 set. 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso>>.

GARDNER, H.; DAVIS, K. *La generación APP*. Cómo los jóvenes gestionan su identidad, su privacidad y su imaginación en el mundo digital. Buenos Aires: Paidós, 2014.

HARRIS, M. *The End of Absence: Reclaiming What We've Lost in a World of Constant Connection*. Vancouver, Canadá, 2014. Sem tradução para a língua portuguesa.

MENEGHETTI, A. Conhecimento Ontológico e Consciência. In: MENEGHETTI, A. *Da consciência ao ser*. como impostar a filosofia do futuro. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014a. p. 185-333.

MENEGHETTI, A. A crise do humano. In: MENEGHETTI, A. *Do humanismo histórico ao humanismo Perene*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014b. p. 7-27.

MENEGHETTI, A. Superficialidade do poder digital. Os desvios da juventude mundial. In: MENEGHETTI, A. *Os jovens e a ética ôntica*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013. p. 101-111.

Fazer a Pedagogia Ontopsicológica

Patrícia Wazlawick¹

O quanto dito e apresentado, de modo sério pelos autores dos capítulos precedentes, aponta os desdobramentos históricos após uma década da realização da última conferência de Antonio Meneghetti na sede da UNESCO. E é preocupante! Os profissionais que aqui relataram são estudiosos da Ciência Ontopsicológica há muitos anos, mas, sobretudo, são pessoas e profissionais que estão na lida diária com adolescentes, jovens e adultos, seja em contextos de formação universitária, seja em contextos que envolvem a empresa, o trabalho, a saúde, enfim, em suas contribuições aqui conosco. A partir das urgências postas por Meneghetti, há 10 anos, esses profissionais analisam e encaram de dentro essas situações. Portanto, falamos de reais situações que nos tocam a todos. E nós (esse *nós* entendido como cada um de nós aqui presente e também o *nós* sociedade), na maioria das vezes, estamos inertes e anestesiados, parece, diante desse cenário.

Agora, é quase como que precisássemos ouvir a frase de

¹ Doutora em Psicologia (UFSC), Mestre em Psicologia (UFPR), Especialista em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia (Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia), Especialista em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico (AMF), Graduada em Musicoterapia (FAP-PR). Professora dos cursos de Graduação e Pós-graduação da AMF e Coordenadora do Bacharelado em Ontopsicologia (AMF).

Meneghetti, na “Juventude do iPod”², ao dizer: “E você? Onde vai acabar assim? (...) Você não pode fazer nada?” (MENEGETTI, 2013, p. 128). Essa frase não é apenas para os jovens, é para todos nós, aqui presentes.

Há exatamente 10 anos, quando Meneghetti proferiu esta conferência, a Faculdade Antonio Meneghetti não existia, ela seria ainda autorizada a existir e a funcionar pelo Ministério da Educação Brasileiro (MEC)³. Hoje, a partir das diretivas de Antonio Meneghetti – como ao final dessa conferência, quase clamando em relação a dizer-nos que a Pedagogia Ontopsicológica é uma solução para o nosso contexto – vemos a formação proposta por Meneghetti, ao longo de toda a sua vida e de seu percurso científico de quase 80 anos, acontecer *in vivo* na vida de muitos jovens.

Esses jovens, há 10 anos, eram ainda crianças e, aqui, estamos falando já dos nativos digitais. Esses jovens são hoje mais de 800 e estudam na Faculdade Antonio Meneghetti. Esses jovens começam a estudar na AMF sem quase, podemos dizer, o mínimo de estrutura como pessoas.

Portanto, a Pedagogia Ontopsicológica é sim um ponto de solução. Mas como? De que jeito?

Em primeiro lugar, esses jovens, mas também adultos (pois, os alunos possuem uma faixa de idade em sua maioria de 16 a 30 anos, e acima dessa faixa também), são desafiados a saírem da zona de conforto e começarem a trabalhar. Assim, a maioria dos alunos da AMF inicia arduamente (porque não é fácil) o percurso para construir a sua própria autonomia. Mas essa

² Texto do autor que apresenta de modo nu e cru nossos jovens em pleno século XXI. Vide: MENEGETTI, A. A juventude do iPod. p. 115-129. In: MENEGETTI, A. *Os jovens e a ética ôntica*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

³ A Faculdade Antonio Meneghetti foi credenciada pelo Ministério da Educação Brasileiro pela Portaria nº 1.170 de 05 de dezembro de 2007.

autonomia não pode ser apenas econômica, ela deve ser completa. Deve ser autonomia psicológica, autonomia de pensamento, legal e social. E eles começam a desenvolvê-la.

Para isso, o jovem trabalha, faz estágios, coloca a mão na massa e experimenta-se em primeira pessoa nas mais diversas atividades. E é fundamental que comece pelas mais simples que existem. Enquanto trabalha, aprende muitas coisas, aprende que deve saber fazer, aprende a servir e vai qualificando o trabalho cotidianamente. Mais de 90% dos alunos da AMF trabalham durante o dia e realizam os seus cursos de Graduação à noite.

Aprender uma profissão aprende-se fazendo, por isso, a AMF enfatiza o valor ontológico do trabalho. E um dos pontos também importantes é estar continuamente na ação, no fazer, continuamente em movimento, para não dar espaço para a preguiça (que se enquadra em um dos pontos da problemática dos jovens, como o Professor apresentou na conferência). Portanto, trabalhar e estudar. O estudo forma a nossa racionalidade e, à noite, na AMF, o aluno vai para as aulas, deve estudar, e deve estudar em casa, fazer todas as tarefas necessárias de cada disciplina. E vemos que precisam estudar muito mais ainda do que o fazem.

Assim, esses inúmeros alunos estão trilhando um caminho de construção da própria profissão, do próprio profissionalismo e da dignidade de si mesmos. Mas só isso não basta. A AMF incentiva e cobra, porque a formação deve ser integral – mas a escolha é sempre da pessoa –, que cada um olhe para si, ao invés de olhar apenas para fora, cuide de si mesmo, cuide da realidade de seu corpo, cuide de sua inteligência e aprimore esses elementos sempre na construção de um estilo de vida sadio ao próprio projeto de natureza que se é. Sobre o resultado do estilo de vida, teremos aulas vivas que instigam, na prática, logo mais aqui, na continuidade deste grande Symposium.

Porém, o estilo de vida – mas não só, e sim tudo o que quisermos fazer na vida exigem-nos escolha, tomada de decisão. Quando? Um único dia na vida? Não! Todos os dias, todos os dias! Em todos os momentos, temos que ser coerentes com nossa identidade e mantermos as posturas que nos qualificam como *peças vivas da vida*! E essa decisão e escolha são contínuas. Elas implicam a vontade!

A vontade é quando cada um de nós tem que encarar e dizer: “Eu vou! Faço!”. E imediatamente o que vem na sequência é ação. Ação que, sem dúvida, trará um resultado vencedor. Continuamente, Antonio Meneghetti nos instigava, assim como Duns Scotus instigava os seus alunos: *o que vale mais, a inteligência ou a vontade?*

Não havendo ambição, a inteligência é inútil. A vontade está no mesmo nível da inteligência, ou melhor, chega mais alto quem tem maior vontade do que quem é mais inteligente. Frequentemente, o inteligente não tem vontade e ambição (MENEGETTI, 2008, p. 70).

Portanto, além de tudo o quanto apresentado aqui, em todas as disciplinas de formação empreendedora e liderança, as disciplinas FOIL⁴, em todos os cursos de Graduação da AMF, os alunos são instigados cotidianamente a saberem a si mesmos, a terem atitude e ação condizente com o próprio projeto de inteligência em tudo o que fazem, a terem vontade e agirem, entregarem resultados, aumentando, assim, a própria inteligência. E essa vontade, esse pagar o preço requer, por sua vez, muita responsabilidade.

Essa responsabilidade a AMF tem para com todos esses alunos, jovens de Graduação, em toda a proposta formativa que faz com eles. Responsabilidade que tem para com os próprios

⁴ Formação Ontopsicológica Interdisciplinar Liderística.

professores de seu corpo docente e seus colaboradores e que os instiga em formação também. Responsabilidade para com os professores das escolas de ensino infantil, fundamental e médio dos municípios da Região, pois, ao longo desses 10 anos, atua junto a eles e as suas escolas, investindo na formação dos formadores da sociedade. Responsabilidade para com os jovens que residem na Casa do Estudante e nos prédios residenciais e que reúne, cobra e age conjuntamente também com os pais desses alunos, pois eles entram junto também como responsáveis e como preocupação de formação em relação aos adultos e às famílias também de nossos alunos. Responsabilidade para com os empresários que geram negócios e empregos e o desenvolvimento econômico de nossa região. Responsabilidade que a AMF puxa para si e começa a enxergar como resultado em muitos, muitos alunos atuais, nos egressos, enfim, que é nossa tarefa e compromisso a cada novo dia.

Esses são alguns dos resultados de incremento vivo da Pedagogia Ontopsicológica de Antonio Meneghetti que a AMF, não existente há dez anos, quando da realização daquela conferência, e hoje, sendo uma realidade viva e fazendo uma grande diferença no contexto social em que se encontra inserida, está produzindo. E se dá conta que ainda há muito, muito, muito a fazer nessa estrada da vida! Do mundo-da-vida!

Meneghetti disse nessa conferência: “o constituinte de toda sociedade sadia é sempre o indivíduo sadio” (MENEGETTI, 2014, p. 218). Por aqui, passa a proposta e os resultados da AMF. Por aqui, passam as premissas da Pedagogia Ontopsicológica que diz que precisamos nos conectar, sim! Sabem com quem? Com a lógica do próprio Em Si ôntico, com a lógica do próprio potencial, da própria inteligência, com o simples de si mesmo a cada momento e fazermos uma história vencedora e de realização!

Essa é a Pedagogia Ontopsicológica viva de Antonio Meneghetti, que está viva na vida pulsante da instituição.

Referências bibliográficas

MENEGHETTI, A. *A psicologia do líder*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008.

MENEGHETTI, A. *Os jovens e a ética ôntica*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. *Pedagogia ontopsiológica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

SEÇÃO 3

Os objetivos de desenvolvimento sustentável e a busca por uma sociedade futura:



contribuição da pedagogia ontopsicológica

A pedagogia ontopsicológica tem sido o fundamento para os projetos desenvolvidos no Recanto Maestro (Brasil) em contribuição aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS,) estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), desde 2015, para serem vigentes até 2030. Esta sessão traz exemplos desse trabalho realizado, principalmente, mas não somente, em solo brasileiro, pela Fundação Antonio Meneghetti e a Antonio Meneghetti Faculdade. A base para as iniciativas do Recanto Maestro evidenciadas aqui são os pressupostos da pedagógica ontopsicológica, estabelecidos pelo Acadêmico Professor Antonio Meneghetti e perpetuados, nos últimos anos, por uma série de acadêmicos e profissionais que entendem os seus preceitos como diretrizes para uma atuação em busca de um novo humanismo.

Um plano global para o progresso sustentável¹

Clarissa Miranda¹

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são a nova visão comum da humanidade e um contrato social entre os líderes do mundo e suas pessoas. Tendo evoluído a partir dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), que findaram em 2015, os ODS guiarão o trabalho da ONU e suas 193 nações signatárias até 2030. Com o propósito de fazer uma abordagem integrada e holística de objetivos econômicos, sociais e ambientais, os ODS veem na educação uma ferramenta fundamental e transversal para o progresso sustentável possível de todos os povos².

Uma agenda é, costumeiramente, uma lista de compromissos com data para serem cumpridos, ou, ainda, um compromisso em si. Se uma agenda fosse acordada entre os chefes de Estado de 193 nações seria, sem dúvida, de relevância mundial. Baseada nessa ideia, a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou, na Cúpula das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, entre os dias 25 e 27 de setembro de 2015, um documento chamado “Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável”, adotada por seus 193 países membros. O documento elenca 17 Objetivos de Desenvolvimento

¹ Doutoranda em Letras (UFSM), Mestre em Comunicação Midiática (UFSM), Especialista em Ontopsicologia com dupla titulação (UESP e AMF), Jornalista (UFSC). Professora de Graduação da Antonio Meneghetti Faculdade.

² Este texto também foi publicado na 18ª edição da revista Performance Líder.

Sustentável (ODS), os quais são uma série de compromissos que os países assumem cumprir nos 15 anos entre 2015 e 2030, para que o mundo torne-se um local melhor em termos de desenvolvimento sustentável, não só para a população de nosso tempo, mas também para as gerações futuras. Passados dois anos desde a assinatura desse compromisso, cabe perguntar como andam os trabalhos em prol das metas e compreender o processo para a implantação delas.

A administração dessa ambiciosa agenda global fica a cargo do novo secretário-geral das Nações Unidas, o português António Guterres, ex-primeiro-ministro de Portugal e ex-chefe da Agência para os Refugiados da ONU, que assumiu o cargo no dia 1º de janeiro de 2017, exatamente um ano depois da data em que os ODS começaram a valer. Segundo ele, a dignidade humana está no centro de sua gestão e, entre os principais modos de atingir tal desafio, está o trabalho pelos ODS.

O ex-secretário-geral da ONU, o sul-coreano Ban Ki-moon, exerceu a liderança durante a elaboração e o lançamento da Agenda 2030, realizado no final do ano de 2015. Após nove anos na função, Ban Ki-moon considerou os 17 ODS como um dos pontos mais importantes de avanço da ONU. “São a nossa visão comum da humanidade e um contrato social entre os líderes do mundo e das pessoas. É uma lista de afazeres para as pessoas e o planeta, um projeto arquitetônico para o sucesso”, disse na ocasião do lançamento da Agenda 2030.

Os 17 enunciados dos ODS são uma derivação de um movimento anterior, de formato semelhante e bem-sucedido: os oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM). Lançados a partir da Declaração do Milênio, assinada em 2000 e com vigência por 15 anos, os ODM resultaram em melhorias significativas no bem-estar da humanidade. Segundo o Relatório

dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio, lançado em 2015 pela ONU, essas primeiras oito metas foram responsáveis pelo movimento antipobreza de maior sucesso na história da humanidade.

Os números desse relatório da ONU impressionam. Em 1990, as pessoas vivendo em extrema pobreza somavam 1,9 bilhão e, em 2015, tal número diminuía para 836 milhões, queda atribuída, em grande parte, à persecução das metas do milênio pelos governos. No alcance da educação primária universal, em 2000, eram 100 milhões de crianças em idade de educação primária fora da escola; em 2015, eram 57 milhões de crianças nessa faixa etária fora da escola. A mortalidade infantil diminuiu. Em 1997, 12,7 milhões de crianças morriam abaixo dos cinco anos de idade. Em 2015, esse número caiu para seis milhões de crianças. Em 90% dos países, houve aumento do número de mulheres no Parlamento entre 1995 e 2015. A saúde materna melhorou: os partos atendidos por profissionais de saúde preparados para a função cresceram de 59%, em 1990, para 71%, em 2014. O combate à aids, malária e outras doenças registrou avanços. A terapia antirretroviral teve uma distribuição crescente de 0,8 milhão, em 2003, para 13,6 milhões, em 2014. No tópico sustentabilidade ambiental, nota-se uma condição melhor para as populações. Por exemplo, em 1990, 2,3 bilhões de pessoas tinham acesso à água potável encanada e, em 2015, esse número subiu para 4,2 bilhões. A busca por parcerias para o desenvolvimento atingiu objetivos significativos: a ajuda financeira oficial de entidades sediadas em países desenvolvidos destinada ao desenvolvimento sustentável de outros povos foi ampliada em 66% entre 2000 e 2014, chegando a 135,2 bilhões de dólares. O acesso das pessoas à internet – que é outro critério para mensurar as parcerias mundiais pela sustentabilidade – subiu de 6%, em 2000, para 43%, em 2015.

Evolução em relação aos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

Os ODS são derivados dos ODM, trazendo maior detalhamento. A definição dos 17 novos objetivos foi consequência de um trabalho de consulta a milhares de entidades da sociedade civil, a diferentes governos e de realização de eventos para o debate do que seriam os novos enunciados. Fez parte desses debates, por exemplo, a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, também chamada de Rio+20, realizada em 2012, no Rio de Janeiro.

Dos 17 ODS, é possível traçar correlações com os antigos ODM. A partir do Objetivo de Desenvolvimento do Milênio número 7 (“qualidade de vida e respeito ao meio ambiente”), por exemplo, chega-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável números 6 (“água limpa e saneamento”), 12 (“consumo e produção responsáveis”), 13 (“combate às alterações climáticas”), 14 (“vida debaixo d’água”) e 15 (“vida sobre a terra”).

Uma novidade dos ODS em relação aos ODM foi a inclusão de um ODS especificamente correlacionado ao acesso à justiça, o 16 (“paz, justiça e instituições fortes”). Outra novidade é que há objetivos relacionados à prosperidade, os quais se tornam importantes após o alcance das necessidades básicas previstas pelos ODM. Tratam de prosperidade os ODS 8 (“emprego digno e crescimento econômico”), 9 (“indústria, inovação e infraestrutura”), 10 (“redução das desigualdades”) e 11 (“cidades e comunidades sustentáveis”). Cada um dos 17 novos objetivos é constituído por metas que especificam o seu significado. São, ao todo, 169 metas e é em relação a elas que os países fazem as suas promessas de números para as melhorias a serem alcançadas até o final do período acordado.

Analisando os anos de história entre os ODM e os ODS, percebe-se outro aspecto relevante que talvez tenha sido um grande resultado do lançamento dessas duas linhas de ação: dar publicidade ao desejo comum e mundial de ver crescer o desenvolvimento sustentável. Os porta-vozes dos ODS, por exemplo, são personalidades de renome internacional. O ex-secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, nomeou, em 2016, 17 *advocates* (expressão em inglês que pode ser traduzida com o sentido de “embaixadores” de uma causa) para fomentar a divulgação dos objetivos. Entre eles, está o ator norte-americano Forest Whitaker, ganhador de um Oscar como melhor ator, fundador e CEO da Iniciativa Whitaker para Paz e Desenvolvimento, cofundador e presidente do Instituto Internacional para a Paz e enviado da Unesco para a Paz e a Conciliação, cargo em que defende a causa das pessoas impactadas por conflitos e violência. Em coletiva de imprensa de 2016, após falar com líderes de Estado sobre os ODS, Whitaker abordou o esforço realizado para a divulgação dos ODS. “Tive a imensa honra esta manhã de endereçar-me aos presidentes e líderes mundiais para falar sobre os ODS e realmente tenho que trazer os pedidos que passei a esse grupo distinto. O primeiro é ser capaz de advogar, em suas nações, junto aos responsáveis pelas leis e líderes de seus países, garantindo que esses ODS possam tocar a todos. O segundo é fazer, de um modo inclusivo, com que as pessoas ajudem os ODS, passando essa visão de que elas precisam se empoderar, saber que podem fazer a diferença, a mudança. Criar multidões de pessoas ao redor do mundo que saibam que podem levar adiante uma agenda muito importante para nosso planeta, que lida com a fome, a eliminação da pobreza, a educação da nossa gente e permite às mulheres terem direitos de gênero iguais aos de todos. O que vemos é que, ao longo da história e do tempo, são os grupos que levam as

coisas adiante, conduzidos por líderes que apontam a direção e reúnem os outros para empurrar a agenda e criar os mecanismos que fazem as coisas funcionarem. Temos várias provas dos ODM de que as coisas podem acontecer e podem mudar. Nós partimos de bilhões de pessoas empobrecidas para tirá-las dessa situação e temos bem menos agora. É alcançável. Nós podemos fazer as coisas acontecerem”, concluiu.

Da ONU para o mundo

Em todos os países signatários, os ODS têm sido aplicados por governos nacionais e órgãos ligados à ONU, mas também por organizações da sociedade civil que inserem os objetivos em seus projetos. No Brasil, por exemplo, são responsáveis pela divulgação dos ODS, as entidades representantes dos diferentes órgãos da ONU com sede no país, tais como o Centro de Informações das Nações Unidas no Brasil (Unic), o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

Em julho deste ano, o governo brasileiro promoveu a primeira reunião da Comissão Nacional pelos ODS. O órgão é constituído por representantes dos ministérios do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, Meio Ambiente, Relações Exteriores, Desenvolvimento Social, Secretaria de Governo da Presidência da República e Casa Civil da Presidência da República. A esfera estadual é representada pela Associação Brasileira de Entidades Estaduais do Meio Ambiente e os governos municipais têm como porta-voz a Confederação Nacional de Municípios. A sociedade civil é representada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, Sociedade Brasileira

para o Progresso da Ciência, Confederação Nacional da Indústria, Instituto ETHOS de Empresas e Responsabilidade Social, Conselho Nacional das Populações Extrativistas, União Geral dos Trabalhadores, Visão Mundial e Fundação Abrinq pelos Direitos das Crianças e dos Adolescentes. O assessoramento técnico é feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A Secretaria Executiva da comissão será exercida pela Secretaria Nacional de Articulação Social da Secretaria de Governo da Presidência da República.

Também neste ano, coube à Secretaria de Governo da Presidência da República apresentar o primeiro *Relatório Nacional Voluntário sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. O documento traz, principalmente, a estratégia para adoção dos ODS nos próximos anos no País, elencando passos como planejamento da governança nacional, adequação das metas globais à realidade brasileira e a definição de indicadores nacionais que serão informados às Nações Unidas como o modo pragmático de mensurar no País o alcance dos objetivos.

A consecução dos ODS abrange ainda a elaboração de um diagnóstico brasileiro, mapeamento de políticas públicas, estabelecimento de políticas nacionais, análise da legislação tendo como referência os ODS e vinculação dos planos nacionais às metas dos ODS. Para interiorizar a Agenda 2030 no território, o relatório apresenta, por fim, as seguintes ações a serem realizadas: engajamento do setor privado, da academia e das organizações da sociedade civil, elaboração do Plano Plurianual com base na Agenda 2030, preparação de relatórios de monitoramento, criação de comissões subnacionais, disseminação da Agenda 2030, realização do Prêmio ODS Brasil, formação de parcerias institucionais e capacitação de gestores públicos.

O documento brasileiro *Relatório Nacional Voluntário sobre*

os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável foi um dos 44 relatórios voluntários nacionais apresentados no High-level Political Forum on Sustainable Development (HLPF) 2017 (Fórum Político de Alto Nível sobre Desenvolvimento Sustentável), realizado pela ONU, em julho deste ano, em sua sede em Nova York. Para o subsecretário-geral da ONU para Assuntos Econômicos e Sociais, Wu Hongbo, ao lançar o Relatório dos ODS de 2017 da ONU, no HLPF 2017, alguns números já mostram o avanço dos ODS. De 22 subiram para 44 os relatórios voluntários dos ODS apresentados pelas nações nesse evento anual de mensuração de resultados. No HLPF 2016, estiveram presentes 550 representantes da sociedade civil e, neste ano, foram 2,2 mil. O número de ministros e chefes de Estado subiu para mais de 70 representantes de diferentes ministérios.

Segundo Wu Hongbo, no HLPF 2017, ganhou prioridade a implantação de alguns dos ODS, incluindo os seus *links* com outras metas e objetivos. “O foco, este ano, são os ODS 1, 2, 3, 5, 9, 14 e, claro, 17, que são os meios de implantação. Essas metas estão focadas em pobreza, fome, saúde, igualdade de gêneros, infraestrutura, industrialização e inovação, o oceano, e modos de implantação”, diz.

Prioridades na Organização das Nações Unidas

Dentro da ONU, é possível dizer que cada um dos órgãos trabalha com mais afinco pelos ODS que lhe são correlatos. Um bom exemplo está na Unesco, que tem especial atenção ao ODS 4 (“educação de qualidade”), evocando os países a “garantir que todos os estudantes sejam providos com o conhecimento e as habilidades para promover o desenvolvimento sustentável, incluindo, entre outros, a educação para o desenvolvimento

sustentável e um estilo de vida sustentável, direitos humanos, igualdade de gêneros, promoção da cultura da paz e da não violência, cidadania global e apreciação da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável”. Nesse escopo, a Unesco especifica a sua ação com tópicos próprios de trabalho, como a “educação para a cidadania global”. Na base dessa ideia, está propor que todas as nações invistam em uma educação holística, transformativa, baseada em valores e em parte de um compromisso maior e está também o compromisso com a educação para o desenvolvimento sustentável.

Segundo a diretora-geral da Unesco, Irina Bokova, durante seu discurso no High Level SDG Action Event on Education (em tradução livre, Evento de Ação de Alto Nível dos ODS sobre Educação), realizado em junho de 2017, a educação pode ser vista como o coração dos ODS. “A educação é um direito humano básico, é a base para o desenvolvimento sustentável inclusivo, porque educação, fundamentalmente, tem a ver com paz e esperança. É por isso que a educação deve estar no coração da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Educação é uma ferramenta de transformação que é transversal a todos os outros ODS, tornando o progresso sustentável possível para além das fronteiras”, explica.

Para a diretora-geral da Unesco, é preciso que a educação torne-se uma prioridade em todos os governos. “Não somente qualquer educação, mas uma educação que alcance todos os garotos e garotas, que seja relevante para sociedades e economias de hoje e de amanhã, educação para habilidades, para *life long learning* [aprendizado ao longo da vida], educação para a sustentabilidade e, finalmente, por último, mas não menos importante, educação para a cidadania global”.

Exemplos práticos de resultados de sucesso

Fomentando a parceria com a sociedade civil, a ONU mantém uma plataforma on-line, chamada Sustainable Development Knowledge Platform (sustainabledevelopment.un.org) para divulgação dos objetivos e o registro de iniciativas em prol deles. O relatório de 2016 dessa plataforma registrou 2,1 mil iniciativas de suporte aos ODS distribuídas pelo mundo.

O movimento pelos ODS envolve ainda uma série de pesquisas e projetos de acadêmicos reconhecidos internacionalmente, focados em torno do tema do desenvolvimento sustentável. Para o conselheiro especial em ODS do secretário-geral da ONU e *advocate* dos ODS, professor Jeffrey Sachs, que é também diretor do Earth Institute (Instituto da Terra) da Universidade de Columbia e diretor da Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável, é importante notar que os novos objetivos trazem um foco mais abrangente para a desigualdade social por meio dos ODS 5 e 10, e os resultados atingidos em alguns países sobre esses temas são exemplos relevantes para o mundo. “As causas da desigualdade são complexas. Elas têm profundas raízes históricas, sociológicas. São efeitos diretos da distribuição de escolas e habilidades, as quais são elas próprias reflexos da história, da sociedade e da política. Alguns países fazem um trabalho muito bom em reduzir as desigualdades nascentes. Eu cumprimentaria os países da Escandinávia, em particular, os quais são países em que o sistema de transferência de impostos é notável em pegar o que é, às vezes, em um ponto de vista de mercado, um nível bastante alto de desigualdade e transformá-lo por meio de políticas fiscais, promovendo um acesso universal a serviços básicos. Nós sabemos que é possível ter sociedades que são muito prósperas, muito dinâmicas e com níveis baixos

de desigualdade. É bom termos esses exemplos. Não é só uma esperança de livros-textos, mas uma realidade prática em algumas partes do mundo”, explicou durante a coletiva de imprensa do Encontro Especial sobre Desigualdade, organizado pelas Nações Unidas em 2016.

O professor Jeffrey Sachs contou ainda a sua visão sobre os ODS: “Os objetivos abraçam três pilares fundamentais do desenvolvimento sustentável: o econômico, com a prosperidade, incluindo o fim da pobreza; o da inclusão social, no qual os ODS 5 (“igualdade de gêneros”) e 10 (“redução das desigualdades”) estão marcados muito proeminentemente; e o da sustentabilidade ambiental. O propósito dos ODS é fazer uma abordagem holística ou integrada desses três grandes objetivos: econômico, social e ambiental. Com base no fato de que eles são tão interconectados, sabemos que se falharmos em alcançar um ou dois dos três objetivos, então o terceiro está fadado a sofrer do mesmo modo. Tentamos promover uma agenda dos ODS, uma plataforma de trabalho, planos de trabalho em nível nacional e em níveis municipais – endereçar esses assuntos de um modo holístico”, concluiu.

Compromisso do setor privado

O trabalho pelos ODS abrange ainda a iniciativa privada. Para o membro da Câmara dos Lordes da Inglaterra, George Mark Malloch Brown, que já foi chefe de gabinete do secretário-geral da ONU, que presidiu o Grupo das Nações Unidas para o Desenvolvimento e foi vice-presidente do Banco Mundial, existe um abismo entre o que se quer realizar e o que se pode realizar. Hoje, como diretor da organização independente *Business and Sustainable Development Commission*, que trabalha com

CEOs de todo o mundo na busca pelos ODS, ele participou de uma coletiva de imprensa sobre o tema do engajamento das empresas nos ODS, organizada em julho de 2016 pela ONU. “O ponto é realmente achar modos em que as empresas possam ver o desenvolvimento tanto como oportunidade quanto como responsabilidade. É trazer para casa, nos negócios, nas decisões que tomamos, a noção de que o mundo está numa encruzilhada e os negócios estão numa encruzilhada também. Existe um futuro que é o de uma economia crescente global que endereça assuntos de sustentabilidade e de inclusão, que traz pessoas para o mercado como consumidores e trabalhadores, e existe outra visão da economia do futuro, em que a mudança de clima cresce e é deixada de lado, em que as pessoas são deixadas fora do mercado e, por consequência, da prosperidade, e grandes desafios como a pesca e a agricultura moderna são ignorados, em que não há esforço para colocar a economia em um caminho de sustentabilidade. Essa segunda economia é muito mais custosa, menor e menos lucrativa. Então, o nosso desafio é mais amplo para os homens de negócios: ‘Seja parte da construção de uma economia maior, mais justa, mais próspera e global’. Se não estivermos à altura desse desafio, acabamos com um futuro pequeno adiante. Nós, como líderes do empresariado, tentamos encontrar os modelos de negócios e financeiros que operacionalizarão essa ideia e a tornarão parte dos negócios”, explica.

Não deixando ninguém para trás

Tendo como um dos seus *slogans* mais divulgados a expressão “*leaving no one behind*” (em tradução livre, “não deixando ninguém para trás”), no fundo, os ODS representam um resgate

da Carta das Nações Unidas assinada em junho de 1945, quando das primeiras reuniões desse órgão. Na abertura do famoso texto, a carta traz a promessa de que os povos das Nações Unidas, resolutos em evitar novas grandes guerras, garantir os direitos fundamentais do homem e estabelecer as condições para o respeito à justiça e aos tratados do direito internacional, comprometiam-se a praticar a tolerância, viver em paz e unir forças para promover o progresso econômico e social de todos os povos. Trabalhando, portanto, por objetivos em comum. Em uma visão moderna, talvez seja possível dizer que trabalham por Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Cada país tem a sua autonomia e responsabilidade individual com seus cidadãos. Porém, em comum, os signatários da Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável carregam uma marca anotada em vermelho no calendário do longínquo ano de 2030. É a linha de chegada para o alcance das metas mundiais, um compromisso com o planeta, perpassando fronteiras e problemas nacionais. A torcida fica para que todos ganhem juntos essa corrida em nome da humanidade.

Os objetivos de desenvolvimento sustentável aplicados no projeto Recanto Maestro: uma bem-sucedida experiência brasileira voltada para a formação humanista

*Clarissa Miranda*¹

É uma ocasião única falar em um espaço tão especial quanto a sede da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, a UNESCO. Nestas salas de conferência onde tantos grandes homens já falaram antes de nós, sentimos a necessidade de discutir temas que são de preocupação de toda a humanidade e que podem ajudar a todos nós – independente de raça, cultura, gênero e idade – a trabalharmos em prol de uma comunidade global. Curiosamente, quando pensamos nessas temáticas, nos deparamos com perguntas basilares acerca não só de nossos direitos, mas também de nossos deveres como cidadãos globais comprometidos com a história de nosso tempo e com as gerações futuras. São perguntas como: de que modo podemos oferecer uma educação de qualidade a todos os jovens? Como abrir oportunidades de crescimento para que esses jovens encontrem o seu próprio caminho de realização? Como alcançar condições de saúde, bem-estar e um meio ambiente sustentável para toda a população, permitindo que os homens sejam os mais felizes que puderem ser? Como as nações podem crescer para tornarem parceiras-se, de modo pacífico, sempre respeitando as peculiaridades de cada cultura?

Essas são algumas das questões afrontadas pelos Objetivos de

¹ Doutoranda em Letras (UFSM), Mestre em Comunicação Midiática (UFSM), Especialista em Ontopsicologia com dupla titulação (UESP e AMF), Jornalista (UFSC). Professora de Graduação da Antonio Meneghetti Faculdade.

Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. São, naturalmente, perguntas importantes para toda a humanidade e devem ser discutidas a sério por todos. É por esse motivo que nos unimos neste painel, neste momento peculiar da história. O tema central é “Os jovens e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: a busca por uma nova educação para a sociedade futura”.

Em 2000, a ONU estabeleceu os oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio que tiveram a sua validade até 2015. Para dar continuidade a essa bem-sucedida iniciativa, foram criados, com a colaboração dos governos e da sociedade civil, os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os ODS, divididos em 169 metas, que devem ter vigência até 2030. É a chamada Agenda 2030, compromisso assinado por 193 países membros da ONU, entre os quais, o Brasil, significando que eles assumem essa responsabilidade. Em todo o mundo, governos, entidades de sociedade civil e pessoas com atuação local têm procurado contribuir com esses objetivos que são derivados diretamente da Carta das Nações Unidas.

A contribuição com os ODS tem acontecido também no Sul do Brasil na sede da Antonio Meneghetti Faculdade e da Fundação Antonio Meneghetti. O Acadêmico Professor Antonio Meneghetti procedeu não só a conferências sobre o tema da educação. Ele também deu início a projetos práticos, concretos, que vão além de palavras para ajudar diferentes regiões do mundo a melhorarem a educação que oferecem e, por tabela, auxiliam o alcance dos ODS.

A esses projetos o Acad. Prof. Antonio Meneghetti deu o nome de centros ecobiológicos, os quais estão situados em diferentes países, tais como Rússia, Itália, Ucrânia, Letônia e, naturalmente, o Brasil. São lugares abertos às comunidades locais, destinados a desenvolver socioeconomicamente essas regiões, especialmente

destinados a promover a educação e a formação de novos líderes. No Brasil, está o centro ecobiológico chamado Recanto Maestro, criado em 1988, e que se tornou um distrito entre as cidades de São João do Polêsine e Restinga Sêca, dois dos nove municípios da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul. O Recanto Maestro é o *campus* da Antonio Meneghetti Faculdade e a sede da Fundação Antonio Meneghetti no Brasil. No próprio estatuto da Fundação Antonio Meneghetti, está previsto que os objetivos dessa fundação estão centrados na pesquisa da ciência ontopsicológica, seguindo os preceitos definidos pela ONU.

O Recanto Maestro é um lugar de educação e de desenvolvimento sustentável que leva em todos os seus projetos uma proposta inovadora de formar jovens por meio de princípios como meritocracia, responsabilidade e amor ao saber servir com excelência. De certo modo, é um lugar de busca por um novo humanismo. Naquela localidade no coração do Brasil, a proposta é a de um desenvolvimento sustentável centrado no ser humano. Alinha-se, em nossa visão, ao que afirmou a Diretora Geral da UNESCO, Sra. Irina Bokova, em texto submetido ao Conselho Executivo da UNESCO na sua sessão 181, em abril de 2009, na qual a Sra. Irina Bokova candidatava-se à posição de Diretora Geral da UNESCO. Naquela ocasião, ela falou sobre a necessidade de um novo humanismo para o século XXI. Em suas palavras: “O maior desafio é levar o mundo a uma nova era de paz e humanismo, para criar sociedades mais inclusivas, justas e igualitárias por meio de desenvolvimento social e econômico baseado em ciência, inovação e novas tecnologias, que vão servir ao homem e preservem o meio ambiente”.

No Recanto Maestro, procuramos praticar um novo tipo de educação, uma pedagogia que tem vistas a formar um cidadão global, visando desenvolver as pessoas a serem conscientes de

todos os domínios do seu próprio ser, também em busca de um novo humanismo. Nas palavras do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, citando o seu livro “Do humanismo histórico ao humanismo perene”, poderíamos falar de um humanismo ontológico em que “primeiro o sujeito deve ser ontológico em si mesmo, depois pode ser italiano, brasileiro, russo, hebreu, cristão, etc. Cada um escolhe, mas na base, para ter capacidade de ação vital, é preciso demonstrar uma convivência consubstancial com o ser”.

Em termos práticos, além dos diferentes cursos da Antonio Meneghetti Faculdade, a Fundação Antonio Meneghetti mantém uma série de projetos em contribuição aos ODS que levam adiante os princípios da pedagogia ontopsicológica. Esses projetos são apoiados pela sociedade civil, prefeituras e escolas públicas das cidades da região. Entre essas iniciativas, podemos citar algumas que já perenizam há anos, como a Orquestra Jovem Recanto Maestro, ensinando a música clássica para mais de 200 crianças; o projeto OIKOS, que leva até as escolas a educação ambiental e a criação de hortas; o projeto Jovem e Tecnologia que promove a educação tecnológica gratuitamente para jovens e já atingiu 500 crianças nos últimos seis anos. Há ainda projetos de dança folclórica, promoção da literatura, formação para o mercado de trabalho, prevenção ao uso de drogas e álcool, empoderamento das mulheres; enfim, iniciativas que contribuem diretamente para formar cidadãos conscientes da necessidade de atuarem pelo bem da sociedade em que se inserem.

Todo o Recanto Maestro é, por si só, um local voltado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Ali, os jovens da região têm a oportunidade de acessar ao ensino superior sem sair da área rural. São ofertadas oportunidades de primeiro emprego nas diferentes empresas que escolheram o Recanto Maestro como

sede para as suas unidades. Os jovens podem ter acesso gratuito a apresentações de música clássica, galerias de arte, ensino da manufatura e do artesanato. Homens de negócios com renome internacional realizam palestras e aulas, ensinando os estudantes a terem os melhores resultados em qualquer campo de atuação que decidam seguir. O estudo da filosofia, dos valores éticos e o amor pela ciência são fomentados por meio dos valores propostos pela pedagogia ontopsicológica. O meio ambiente do Recanto Maestro tornou-se mais verde e bonito após o início desse projeto de urbanização iniciado pelo Acad. Prof. Antonio Meneghetti, em que se reflorestou as encostas do distrito e trouxe um novo uso para os espaços físicos que antes sofriam de forte erosão.

Todas essas iniciativas tornam-se possíveis por causa de muitas das pessoas que, hoje, estão envolvidas com esse grande projeto. Pessoas que usam o seu tempo para investir em um ideal, em um projeto. Um lugar, localizado no meio do Brasil, que trabalha para trazer uma proposta prática de valor ao mundo, agindo localmente, mas impactando globalmente.

Acreditamos que a riqueza do trabalho que pode ser feito por cada ser humano para ajudar os ODS tem, em sua base, o respeito à diversidade das iniciativas realizadas em tão diferentes rincões do mundo. Para nós, o que, hoje, trazemos é uma experiência de sucesso em que os ODS foram traduzidos em ações no Recanto Maestro por meio de valores humanos apoiados na pedagogia ontopsicológica, iniciativas que apresentaremos agora e que têm o seu firme princípio no legado deixado pelo Acadêmico Professor Antonio Meneghetti. Para ele, o Recanto Maestro é “um ponto do Brasil com diálogo e competência para todo o mundo. Um ponto sobre o planeta Terra de civilidade humanística para produzir ciência e arte”.

SEÇÃO 4

PEDAGOGIA
EMPRESARIAL:

a empresa como grande
escola para o jovem



“É necessário criar um novo humanismo do trabalho, que exalte a liberdade do homem, a sua criatividade, e os seus dotes intelectuais e morais” (Antonio Meneghetti).

Sob essa diretiva, reúnem-se, nesta sessão, autores que fundamentam o seu trabalho de condução empresarial e formação de pessoas na perspectiva humanista do trabalho e abrem os princípios, a metodologia e o resultado da formação de jovens em suas empresas. Os temas abordados são: Empresário e jovem: a recíproca relação de vantagem; Formação do jovem e atitude ao sucesso; A dialética do mérito e a dinâmica do capaz; Formação como garantia de sucesso; e Formação para a vida e sociedade: diretivas práticas de evidência concreta.

Um novo humanismo do trabalho

Juliane Fiorezi¹

É necessário criar um novo humanismo do trabalho, que exalte a liberdade do homem, a sua criatividade, e os seus dotes intelectuais e morais (MENEGHETTI, 2011, p. 11).

Há 10 anos, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti evidenciou um contexto que ainda é presente na perspectiva de formação dos jovens. Toda nossa educação formal está fundamentada em um ensino a partir do externo, uma pedagogia que não vislumbra o valor da diversidade do jovem. Não tem como cerne a originalidade do sujeito, o potencial de um grupo de jovens, mas aquilo que mais gratifica e serve aos adultos do momento, portanto, não os forma para serem autônomos e ativos contribuintes da qualificação social.

¹ Musicoterapeuta formada pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP-PR), Mestranda em Promoção da Saúde pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC-RS), Especialista em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico pela Antonio Meneghetti Faculdade (AMF-RS), Especialista em Ontopsicologia Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia (UESP-RU), Especialista em Produção e Gestão Cultural pela Universidade Tuiuti do Paraná (TUIUTI-PR), MBA *Business Intuition* - Identidade Empresarial pela Antonio Meneghetti Faculdade. É docente dos cursos de Graduação da AMF e gestora de projetos no Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro.

De um lado, existe uma educação que ensina a passar nos testes elaborados pelos próprios sistemas de ensino e, de outro, uma efervescente economia que carece de jovens capazes, que possuam competências adequadas à continuidade da evolução contextual, sobretudo, autonomia e resolução de problemas. Portanto, nossa sociedade, por anos, não ofereceu a possibilidade ao jovem de adquirir competências que garantam a sua inserção com vantagem no contexto social.

A tecnocracia, a droga, a preguiça, o idealismo crítico são os resultados de comportamentos juvenis que cerceiam a possibilidade de construir a própria capacidade de ação. Isso se dá, em parte, por responsabilidade própria e, em parte pela educação assistencialista que nós, adultos, ofertamos no percurso de décadas aos jovens.

Como consequência, o jovem torna-se massa de um mercado consumista, antes mesmo de colocar realmente à prova suas habilidades, suas capacidades naturais e sua ambição, e, quando tem a oportunidade, não sabe como agir.

Aquilo tudo que a nossa sociedade soube dar desde então, foi um modo de educar partindo do externo, da obediência às regras criadas pelos adultos, adultos que pós-desviados de si mesmos pretendem ensinar aos outros como ser o mais adaptado socialmente. Reduzir os extremos desse estereótipo – encobre as iniciativas, as novidades infinitas dos indivíduos, instinto original da criatividade. Uma tenacidade que destrói o élan vital, a intencionalidade, a coragem, a curiosidade (MENEGETTI, 2007, s/p).

Entretanto, quando o jovem ingressa no contexto ativo de produção e confronta as suas capacidades junto ao social, compreende que atitudes como criticar, mentir ou burlar os

sacrifícios da vida não funcionam, pois elas não o conduzem ao resultado previsto, assim, é o próprio jovem que passa a observar-se, revendo a utilidade e funcionalidade dos próprios comportamentos.

O jovem sente e começa a perceber que o entulho de informações dado à consciência pouco ajuda na construção da competência que realize a própria pessoa e lhe dê o ganho necessário para prover sua vida e tornar-se autônomo. Ele intui que se aprende mais e melhor mediante o fazer, o agir, o produzir (VIDOR, 2015, p. 78).

Quando, por força intrínseca da natureza, esse jovem chega à idade legalmente prevista para a produção social – considerando que essa, por maturação biológica, inicia muito antes dos 18 anos de idade (MENEGETTI, 2013c) – deve, muitas vezes, reaprender do início alguns princípios pelos quais guiar-se existencialmente: quem sou, para que sirvo, o que devo aprender, o quê e como devo fazer... em suma, pergunta-se quais são os comportamentos que geram resultado e afirmam a própria individualidade como primado social.

Na ação empresarial, esse jovem pode confrontar e rever todas as suas competências, suas habilidades e também suas incapacidades, essas que não são decorrentes da ausência de potencial, mas, pelo contrário, falta-lhe a técnica, não conhece a exata psicologia managerial (MENEGETTI, 2013a).

Nesse aspecto, a empresa tem uma oportunidade de formar os jovens para a vida, auxiliando-os em seu desenvolvimento. O princípio da pedagogia é educar o sujeito a saber e a fazer a si mesmo: fazer uma pedagogia de si mesmo como pessoa líder no mundo, educar um Eu lógico-histórico com capacidades e condutas vencedoras (MENEGETTI, 2014).

Portanto, de fato, a grande importância é do Eu lógico-histórico, porque é por meio dele que o homem aprende como ser pessoa, protagonista, como ser uma identidade histórica. Com o Em Si ôntico, tem-se a identidade de natureza, a identidade ôntica: por meio do Eu lógico-histórico, da consciência, aprende-se a *identidade histórica*, social, a identidade que também é conveniente, cônica no jogo do sistema (MENEGETTI, 2006, p. 56).

Na ação prática da Pedagogia Empresarial, trata-se, então, de conjugar a formação do jovem ao escopo econômico da empresa. Deve-se ensinar por meio da ação empresarial – operacional, tática ou estratégica – aquela posição existencial, o modo, a atitude, o posicionamento, os pontos elementares sem os quais o dinheiro não chega (MENEGETTI, 2013b).

Portanto, “é inútil intervir fortemente sobre a droga, sobre o suicídio, sobre o álcool, sobre o modo de dirigir”. Devemos intensificar a formação, a **dignidade de existir**. Por meio da performance empresarial, dar resposta aos jovens que solicitam “deem-me a possibilidade de outro tipo de sociedade, onde eu posso fazer, posso construir, posso colaborar” (MENEGETTI, 2007).

Nessa perspectiva, unem-se à mesa “*Pedagogia Empresarial: a empresa como grande escola para o jovem*” líderes e gestores que fundamentam o seu trabalho de condução empresarial e formação de pessoas na perspectiva humanista do trabalho.

Referências bibliográficas

MENEGHETTI, A. *Aprendiz Líder*. São Paulo: FOIL, 2011.

MENEGHETTI, A. Inserção competitiva no mundo do trabalho. In: MENEGHETTI, A. *Psicologia Empresarial*. São Paulo: FOIL, 2013a.

MENEGHETTI, A. *Nova Fronda Virescit: em busca da Alma*. V. 3. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006.

MENEGHETTI, A. O escopo econômico da empresa. In: MENEGHETTI, A. *Psicologia Empresarial*. São Paulo: FOIL, 2013b.

MENEGHETTI, A. *Os jovens e a ética ôntica*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013c.

MENEGHETTI, A. *Pedagogia contemporânea: responsabilidade e formação do líder para a sociedade do futuro*. Transcrição de conferência realizada na UNESCO em 2007. Recanto Maestro: Acervo audiovisual da Fundação Antonio Meneghetti. Acesso em 27 ago. 2017.

MENEGHETTI, A. *Pedagogia ontopsicológica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

VIDOR, A. O conflito das gerações. In: ABO. *Cultura & Educação: uma nova pedagogia para a sociedade futura*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

Empresário e jovem: a recíproca relação de vantagem

*Ari Fernando Foletto*¹

O verdadeiro líder é o momento providencial do espírito no mundo, como mão de auxílio para muitos. Ele é o homem que, por meio do próprio egoísmo, realiza também o interesse público. Um grande líder, quando desenvolve os seus negócios, desloca bens, interesses, propicia trabalho a centenas de pessoas, estimula a sociedade, revitaliza-a, impõe uma dialética que dá impulso de progresso (MENEGETTI, 2008, p. 21).

O Professor Meneghetti define o líder como um **momento providencial² do espírito no mundo**. O que isso significa? Que o líder é aquela pessoa com a qual está ligada a providência de evolução de um contexto. Vou falar em âmbito empresarial e, nesse espaço, o líder é aquele que, ao realizar a própria ambição e a própria empresa, possibilita que as novas gerações conheçam, experimentem e deem história ao seu propósito de vida.

Desse aspecto, nasce a responsabilidade do líder. Para

¹ Presidente da Foletto Alimentos, Presidente da Associação Brasileira de Ontopsicologia, Conselheiro do Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro e professor convidado dos cursos de MBA da Antonio Meneghetti Faculdade.

² Providência do latim *providentia* = *providência, prudência*. *O ser providente, o saber prever e prover, com sabedoria e perspicácia, as necessidades próprias e dos outros.*

garantir que nossas empresas sejam também escolas para o desenvolvimento do jovem, como empresários, devemos realizar a cada momento o todo possível do nosso projeto natural, o nosso projeto ôntico.

O Professor Meneghetti (2008, p. 22) afirma:

a ideia, o projeto, no início, é virtualidade, uma possibilidade que, uma vez realizada por homens superiores, pode realizar também uma sociedade superior. Não para dominar, mas para elevar todo o social. Uma pessoa deve sempre mover-se na sua interioridade, na sua individualidade, tendo uma referência cultural que ela mesma escolhe, segundo o critério de máxima eficiência. [...] O líder é alguém que constrói a função, repara-a quando necessário e a aperfeiçoa, portanto, é um artesão. É alguém que sabe fazer a relação com vantagem, com ganho (MENEGHETTI, 2008, p. 22).

Somos uma função ao humano e a vida de um empresário é feita de constantes relações recíprocas de vantagem. Nesse sentido, assim como o empresário precisa do jovem para dar continuidade ao seu projeto, o jovem também precisa do líder para aprender a lógica sobre como fazer o seu negócio, aprender a si mesmo e aprender como ser alguém de valor. Então, devemos achar a forma de estabelecer uma dialética de desenvolvimento e progresso à sociedade.

Em uma das definições do líder, o Professor Meneghetti afirma que

o líder é exatamente aquele que, por meio da inteligência, sabe garantir a função a todos. Não é alguém que sufoca, que inquire, que destrói. O líder é aquele que sabe servir, que sabe fazer funcionar, que sabe construir a harmonia das relações entre todos, para que exista um nível máximo de produção de valores e de coisas. É alguém

capaz, que sabe salvar e sabe ser funcional a todas as partes, para que estejam harmonizadas a uma produção (MENEGETTI, 2008, p. 23-24).

Assim, nossa responsabilidade, como empresários e empresárias, é fazer do nosso *core business* também uma escola de superioridade, em que seja possível ensinar como ser vencedor. Assim, nos tornarmos construtores do bem social e econômico.

O problema da nossa sociedade atual é que a maioria dos jovens está imersa nas informações da mídia. Estão perdidos. Não sabem aonde ir. Eles têm muitas informações, mas não têm a capacidade de filtrá-las, ficam aquém do conhecimento verdadeiro, da ação, do fazer. Não sabem qual é a informação vital e também não sabem como agir. Hoje, um jovem tem mais informações do que Luís XV, que assumiu o reinado na França e governou por 59 anos. E os nossos jovens? O que fazem com toda essa informação?

O jovem que quer ser e ter mais, com inteligência e vontade, deve estar junto das pessoas de valor para aprender como esses grandes construíram a própria estrada, para aprender o ofício e as regras fundamentais de vantagem social e econômica. Mas não pode ser sacrifício, tem que ser alegria de colaborar, trabalhar junto com o líder para ser e ter mais. Quando o jovem permite-se e quer deve fazê-lo, se não ele paga um preço muito mais alto por não ter aproveitado a oportunidade.

É natural que, no jovem, exista a distância entre o potencial de fazer e o conhecimento do ofício, porque não basta a força, é preciso também a técnica, a experiência, o saber fazer, a burocracia, e isso se aprende na empresa, fazendo (MENEGETTI, 2013).

O caminho de vantagem para o jovem é sair da música de massa, da informação que o faz medíocre e buscar a realidade

com que a vida toca-o cotidianamente, tem que aprender como gerir as próprias oportunidades em vantagem para a empresa e para si mesmo. A empresa é a grande escola para aprender a responsabilidade de ser contribuinte da ação e da qualificação civil. A quem a vida deu mais, deve trabalhar mais.

O empresário humanista, por meio do próprio egoísmo, da direção do próprio Em Si ôntico, faz para si e para a humanidade e, por isso, precisa de pessoas capazes que continuarão o seu projeto. Assim como uma vez investimos nossas escolhas para estar junto ao Professor Meneghetti, os nossos jovens devem ter a coragem de estar juntos de quem sabe fazer, para aprender os diversos ofícios, na medicina, na engenharia, na tecnologia, na construção etc.

Como afirma o Professor Meneghetti: “os líderes são sempre formados por um outro líder. Sempre. Talvez os modos e as linguagens sejam diversos, mas um líder se ilumina sempre com outro líder para prosseguir depois a própria liderança. Ele sabe usá-los, não precisa copiá-los” (MENEGETTI, 2003).

No contato entre empresa, empresário e jovem acontece a formação viva. É a ação, a relação, o impacto organísmico. É por meio do campo semântico com os outros que reforçamos a intencionalidade e a manutenção do escopo. É o modo da comunicação que estabelece uma díade de evolução e que dá o resultado integral.

Dessas passagens bem realizadas, existe também a resposta *da vida*, que gratifica o líder com carisma, vontade, plenitude e ação sempre em crescimento. Tem-se a alegria de ser vencedor, de crescer e continuar sendo uma referência de valor para as novas gerações. Quando realizamos junto ao ser, exaltamos a coragem, a capacidade, a liberdade e a responsabilidade.

Como ressalta o Professor Meneghetti: “A fortuna de um

homem é sempre um outro homem” (MENEGETTI, 2011). Dessa relação de vantagem bem realizada, o empresário sente satisfação e realização, o jovem sente a alegria de ser colaborador do Ser na existência. Nasce, então, os frutos de uma nova sociedade que exalta o trabalho, a qualidade e a responsabilidade como importantes valores humanistas.

Referências bibliográficas

MENEGETTI, A. *A psicologia do líder*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008

MENEGETTI, A. *A feminilidade como sexo, poder, graça*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGETTI, A. *Personalidade empresarial*. Transcrição de conferência realizada na IBM – Milão em 2003. Recanto Maestro: Acervo audiovisual da Fundação Antonio Meneghetti. Acesso em 27 ago. 2017.

MENEGETTI, A. *Residência para Empresários*. Transcrição de conferência realizada no Recanto Maestro, em 2011. Recanto Maestro, 2011. Recanto Maestro: Acervo audiovisual da Fundação Antonio Meneghetti. Acesso em 27 ago. 2017.

Formação do jovem e atitude ao sucesso

*Edna Da Silva*¹

Abordarei o tema geral desta mesa redonda sob três aspectos: minha trajetória pessoal e empresarial, a situação do jovem hoje e a sua formação na empresa.

Trajetoária pessoal e empresarial

Ao longo da minha vida, três pontos sempre foram importantes, evidentemente que quando jovem ou criança não tinha clara essa sequência, mas, hoje, quando olho para a minha história, desde a infância, identifico esses três aspectos sempre presentes:

1. Saúde
2. Dinheiro
3. Estilo de Vida

1. Saúde:

Sempre fui atenta à saúde, sempre gostei de estar bem, de fazer atividade física, de comer bem e de forma saudável. Quando tinha algum problema de saúde, confesso que me sentia desvalorizada e envergonhada.

¹ Acionista, Conselheira e Diretora das Empresas do Grupo Empresarial TB, grupo com 51 anos e 10 mil trabalhadores, atuando nos segmentos de Uber, Facilities, Loguer e Alimentação Industrial. Formada em Administração de Empresas e Direito.

2. Dinheiro:

Sempre fui ligada ao trabalho e ao dinheiro, quando criança, aos seis ou sete, adorava ir à feira com a minha mãe, pois meus pais trabalhavam lá vendendo roupas. Sempre que podia, nas férias, queria ir à feira e, depois, acompanhar a minha mãe nas compras.

Acompanhava também a minha avó, que fazia compras em São Paulo para vender em Minas Gerais. Aos 12 anos, gostava de passar as férias no estado do Paraná, onde a minha prima tinha uma loja.

Vender algo a alguém, no meu entendimento, é como se estivesse em um jogo. Se conseguisse vender, eu vencia. Sempre considerei que o dinheiro era algo importante para realizar coisas. É como se eu tivesse uma **introspecção ambiciosa**. Quando queria vender, era como se quisesse **auxiliar alguém a fazer**, de algum modo, eu servia àquele propósito.

3. Estilo de Vida:

Tive uma formação rígida e com um princípio religioso muito rigoroso. Isso, de certa forma, contribuiu muito para a pessoa que sou hoje.

Estudar era a minha principal atividade e eu abria mão de qualquer coisa para isso. Eu era um “rato de biblioteca”. Passava em média duas a três horas por dia entre os livros.

Comecei a estudar aos seis anos e estudo até hoje. Aliás, o mundo está em constante transformação e, se não continuarmos estudando, não será possível acompanhar o desenvolvimento e sermos pessoas contemporâneas.

A introspecção ambiciosa, aliada à formação rigorosa, deu-me uma **seriedade** que, hoje, reconheço, foi fundamental na minha trajetória, pois, no mundo dos negócios, ou você é sério ou você

não terá a credibilidade dos seus pares, e sem credibilidade tudo é muito difícil, se não impossível.

As alianças sempre foram necessárias na minha construção pessoal, então, eu as tive com minha mãe, minha avó, minha tia, meu tio e, depois, com meu pai, meus irmãos e também sócios, meus clientes, diretores e profissionais que trabalham comigo (alguns há mais de 40 anos).

Essa busca que, entendo, foi algo natural da minha própria vida trouxe-me um grande benefício: reduzir a **perda de tempo** – que entendo ser um risco que todos nós corremos – e perder tempo é **perder vida**, não recuperamos. Evidentemente, que não acertei sempre, algumas vezes, tive que rever e começar novamente².

O jovem

Em todas as pessoas, existe uma tensão do que a vida quer – amor, dinheiro, beleza. Mas como mediar isso para que a história a ser vivida seja realmente bela?

Em sua vida, Alexandre teve **pessoas de referência**. O seu professor foi Aristóteles, o seu pai Filipe II, também Rei da Macedônia. Com a sua inteligência e ação, construiu um grande império. Isso sugere que este jovem, Alexandre, **não perdeu tempo**, tinha as guerras para batalhar e vencer.

² Por exemplo, tenho quatro filhos e, quando estava grávida, tinha uma convicção que não conseguiria fechar negócios e, algumas vezes, identifiquei certa discriminação. Creio que poderia ter aproveitado mais aquele período. Em outro momento, em uma difícil negociação, de muita tensão, quando fui falar sobre o que ocorreria se aquela decisão fosse mantida, me veio à mente a imagem exata dos empregados colocando fogo na empresa. Ao falar, as lágrimas vieram, controlei-me, mas elas rolaram. Para saberem o desfecho, conseguimos reverter, a decisão foi mudada e as dificuldades superadas.

Isso nos ensina que a relação dos jovens não pode ser somente com os amigos, com os colegas de trabalho ou de estudo, com a família biológica, mas precisa ser construída com pessoas de referência. O jovem precisa de mentores e essas pessoas escolhidas servem-lhe.

Ao começar a vida profissional, o jovem deve observar, abrir os olhos, escutar. Fazendo isso, quando chegar em um novo ambiente ou no próprio ambiente de trabalho, verificará o que funciona e o que não funciona. Deve dedicar-se a fazer o que precisa e aprender sobre tudo, afinal ainda não sabe nada. Aceitar a cultura do lugar é essencial. Assim, conseguirá identificar que precisa aprofundar-se nos assuntos e, ao aprofundar-se, identificará que precisa buscar mais conhecimento, mais ajuda. As chances de erro diminuem muito e o jovem torna-se mais competente.

O jovem não pode confundir ser sério com seriedade. A seriedade é dentro, com integridade, não é aparência, ser carrancudo, usar óculos etc. Em geral, vemos um discurso frequente: “sou jovem, posso ser como os jovens do mundo”, “vestir-me como jovem”, “um pouco de droga não faz mal”, “isso logo passa”... noitadas e baladas, além da preguiça. Como resultado, não chegará à vitória em um tempo razoável ou mais curto, como poderia, de acordo com o seu desejo. E, se conseguir chegar, demorará muito mais.

A Empresa sabe que o jovem pode ajudar muito na:

- Inovação
- Qualidade
- Agilidade
- Melhoria de Processos

Nos sistemas que travam a empresa, ele ajuda a destravar. O jovem pode ajudar muito, ajuda aumentando o ritmo. Mas quando

precisa ser empurrado é um desastre. Na verdade, somente quem está deficiente precisa ser empurrado. Quando precisa ser empurrado já é velho ou doente.

De modo geral, a nossa juventude quer sempre o primado, o protagonismo, mas de modo gratuito. Querem ser reconhecidos sem ter feito nada, sem ter pago o preço da formação, do ter construído uma carreira, uma empresa. Além disso, tendem a buscar sempre ou o primado biológico – ser o mais bonito, o mais atraente, caindo num ciclo biológico, erótico e de relações superficiais, que sempre leva a uma vida estereotipada dentro dos modelos familiares – ou o primado social – de ser reconhecido pelo sistema apenas – ou, no máximo, o primado financeiro.

O primado financeiro tem o seu valor porque instiga o jovem a trabalhar, a realizar, sair da preguiça e produzir. Mas apenas o *financeiro* abre o risco do jovem buscar sempre o atalho, o caminho mais fácil para o dinheiro – o concurso público, o emprego com o amigo, a vida de “rolos” – e não uma carreira séria, em uma empresa séria.

Com isso, nota-se a profunda **crise de responsabilidade no mundo juvenil**. Em resumo, o jovem não quer pagar o preço pela própria vida. Quer viver o instantâneo, aqui e agora, quer ter o reconhecimento hoje. Depois, quando estiver com 40, 50 anos, já será velho, sem projetos.

Isso sem adentrar na crise pedagógica, universitária e de valores nas famílias, porque, hoje, nem a família e nem a universidade formam os jovens para serem autônomos e realizadores, mas para serem aproveitadores do sistema.

A Empresa

A Empresa tem um produto a entregar, um serviço a prestar.

Ela já tem uma lógica, uma dinâmica. Uma empresa é tudo que os jovens precisam. Tem intrínseca aquela **direção para fazer mais, criar mais**. É o ambiente perfeito para despertar a ambição e a tensão do jovem para fazer mais. Se for um jovem que não canalizou essa tensão para o sexo, bebida, drogas e internet, é o ambiente perfeito. É o ambiente ideal para um jovem sadio.

Os dilemas, os problemas e as dificuldades, a empresa pode curar – até de alguns vícios é possível. O problema para as empresas é que as universidades e as escolas de base não preparam o jovem para o trabalho, por outro lado, as famílias, por diversas razões, também não o fazem, como consequência, o que temos são as empresas que precisam de profissionais e não os encontram. Resta, assim, como alternativa, a formação e o desenvolvimento dos profissionais dos quais se necessita dentro da própria empresa.

Então, a pergunta que podemos fazer é: **Como ser Pessoa e como ser disponível para o negócio?**

É necessário:

- Disposição ao trabalho;
- Disposição à mudança;
- Percepção de resultado;
- Coragem e criatividade: ver como funcionam as coisas e dar as vias sobre como resolver;
- Capacidade de gestão de si mesmo e da carreira: quais competências eu tenho e como posso desenvolver-me;
- Disposição para contribuir com a equipe: para realizar mais, não posso ser um peso, preciso amplificar as virtudes daquele lugar;
- Saber comunicar: saber transmitir ideias, realizar tarefas;
- Ser líder de si mesmo: sempre aumentar o lugar onde você trabalha;
- Melhorar as rotinas do setor e as próprias rotinas;

- Resultado: melhorar a cultura da empresa e o que ela gera;
- Estilo de vida: que permita cuidar da empresa e dos afazeres pessoais.

Agora, quais são, em geral, as relações que o jovem estabelece com a empresa?

- Arrogância
- Preguiça

Essas são as duas piores fenomenologias, estereótipos, modelos de comportamento nos quais o jovem permanece criança. Por outro lado, o empresário busca a vitória, o crescimento, a perpetuidade. E sabemos que é difícil – tão difícil quanto é para o jovem compreender o seu projeto de vida, o seu papel no mundo e na sociedade. Todos os dias são, efetivamente, um desafio.

Para falar dos empresários, recentemente, pude ver a imagem da Deusa Atena – Deusa da Sabedoria, da Guerra, da Estratégia, das Artes, da Justiça. Ela tem uma Medusa no peito (Medusa é uma criatura da mitologia grega, com cabelos formados por serpentes, capaz de petrificar qualquer um que olhe em seus olhos).

Portanto, nesse percurso, é preciso proteger-se; ter a Medusa é como contratar uma equipe com *personal trainer*, psicólogo, filósofo, professor, porque você precisa estar bem sempre: entender tudo do seu produto, ser competente e competitivo. Mas não é suficiente, precisa ser um humanista, entender do humano, porque precisa das pessoas para realizar o seu projeto.

A empresa exige sempre do empresário. Um homem de 93 anos pode ser jovem se se entende como empresário. Não há outro trabalho ou atividade que faça alguém ser tão vivo e contemporâneo.

Portanto, temos que cuidar do nosso projeto da vida. O objetivo

da formação e desenvolvimento deve ser a fenomenologia do espírito. Como Hegel afirmava: “O espírito do mundo” e a vida é a fenomenologia do espírito.

Segundo Hegel, transformar o jovem em protagonista e ensiná-lo a desenvolver as suas potencialidades, toda pessoa tem potencial aberto ao infinito, desde que saiba historicizar no mundo, através da ação concreta, e responsável a ideia da própria liberdade.

Quanto mais se desenvolve, mais vence, mais é livre.

Referências bibliográficas

MENEGHETTI, A. *Antonio Meneghetti sobre... A Riqueza como Arte de Ser*. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2016.

MENEGHETTI, A. *A psicologia do líder*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008.

MENEGHETTI, A. *Os jovens e a ética ôntica*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. *Pedagogia ontopsicológica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

A dialética do mérito e a dinâmica do capaz

Wesley Lacerda¹

Toda ação humana em sociedade é sempre fundamentada em uma visão de homem. Sob essa visão, apoiam-se as políticas econômicas, a pesquisa científica, os modelos de educação, as políticas de trabalho e assistência social, enfim, todas as estruturas de desenvolvimento, evolução ou involução do ser humano em operar a própria realidade existencial em sociedade. Se, por acaso, essa visão está apoiada na compreensão que o homem deve ser ajudado porque tem necessidades as quais não consegue prover sozinho, tem-se uma sociedade baseada no entendimento que a maioria dos homens pouco pode apoiar a evolução do seu ambiente, uma vez que é incapaz de prover o necessário para si mesmo. Nesse caso, o homem precisará constantemente ser suportado pelo Estado, por sistemas e estruturas de ordem social centralizados que devem prover o bem-estar do indivíduo, assumindo parte significativa da responsabilidade do próprio indivíduo pelo seu sucesso (MENEGETTI, 2014a).

Por outro lado, se essa visão tem como pilar a premissa de que o homem é capaz de chegar à realização plena de si mesmo, vislumbra-se um outro tipo de sociedade. Tem-se como base uma dinâmica humana que deriva dessa natural capacidade e, por isso,

¹ Sócio e Vice-Presidente de Operações e Pessoas da Meta, Conselheiro do Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro e docente dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Antonio Meneghetti Faculdade.

Imediatamente, recai sobre o próprio indivíduo a responsabilidade inevitável de construir a si mesmo (MENEGETTI, 2014b). Com essa visão, o Estado e as estruturas da ordem social assumem um papel diferente, o de garantidor do espaço do indivíduo e de moderador das regras de convivência em sociedade, mantendo o seu foco no desenvolvimento e abertura de novos espaços para que todos possam construir melhor a si mesmos, assim como responsável somente por aqueles poucos que, efetivamente, não podem prover para si mesmos. A Ontopsicologia, assim como algumas ciências humanistas-existenciais, assume essa compreensão do humano e, em sua visão, tem o homem como “protagonista responsável baseado em uma virtualidade capaz de atuação pessoal no ser” (MENEGETTI, 2010, p. 130).

São visões de homem completamente opostas, em que a primeira tira do indivíduo o orgulho de construir algo grande para si mesmo, condiciona o indivíduo ao padrão acordado socialmente e praticamente elimina a possibilidade do gênio de propor uma evolução, de ser criativo. Ao contrário, se entendemos o homem como um capaz, temos o estímulo para que o indivíduo construa o melhor de si mesmo em sociedade e que tenha orgulho disso, temos a possibilidade de crescimento para todos, segundo a própria medida e, como sociedade, teremos uma contínua busca por evolução baseada nos sucessos de tantos indivíduos criativos que, a partir da própria grandeza, abrem espaço para a grandeza de tantos outros.

De onde deriva a evidência *de que* o homem é capaz e, sobre tudo, *do que* ele é capaz? Ao discorrer sobre o assunto, é importante ter presente que a Ontopsicologia “é a análise do evento homem no seu fato existencial e histórico” (MENEGETTI, 2015, p. 107), portanto, analisa-o como enquanto existente, pois a primeira evi

dência² que se apresenta é: eu **existo!** Existo, como projeto do ser, mas de todo modo sou existente. Se existo, sou pertencente a uma ordem maior, sou um projeto da própria vida, portanto **sou**. Se sou um projeto da própria vida, do ser, **sou capaz** da minha própria vida. Enquanto sou e sou capaz, sou **responsável** pelo projeto de natureza que o ser colocou existente em mim.

Daqui, abre-se o fundamento da pedagogia para o futuro líder: a responsabilidade em saber e fazer a si mesmo como líder no contexto social. *Saber entregar historicamente a ação complementar perfeita à própria intencionalidade* ôntica. Essa autóctise histórica, essa autoconstrução histórica inicia a partir do acontecimento do átimo existencial de cada um.

Uma vez que a natureza dá a capacidade, a vocação para ser de um modo superior, é necessário responder. O líder, tendo recebido mais da vida, quando é jovem (até os 30, 35 anos), habitualmente sofre muito, porque ainda está construindo a si mesmo, está construindo, em um plano superior, a própria personalidade, a própria capacidade técnica de ser mente de diversas funções. O líder é posto pela natureza para ser uma função para muitos. É uma necessidade da natureza, não é uma construção social (MENEGETTI, 2008, p. 23).

Após passar pelo período de desenvolvimento pleno físico-biológico-psíquico, que acontece até os seis anos de idade, e pela maturação *psicorracional*, em média até os 14 anos de idade, o jovem entra no período de plenitude, da abundância e da maturidade da vida. Nessa fase, que compreende dos 14 aos 24 anos, entra no período mais rico da vida: aprende, compreende, produz qualquer coisa. “Tem uma inteligência, uma vontade,

² Do lat. *ex. Vidente* = o que resulta da experiência daquele que vê. Implica uma exata relação de coincidência entre o objeto aberto e o íntimo de quem vê.

uma força (capacidade) de realizar qualquer processo, novidade, metabolização, aprendizagem, enriquecimento” (MENEGETTI, 2013, p. 32).

Nesse momento rico, sob todos os aspectos, o jovem entra na capacidade total da dialética social e empresarial, ao mesmo tempo em que, nessa fase, encontram-se os maiores perigos. Da autoridade conquistada em resolver as próprias responsabilidades de modo perfeito, inicialmente, as mais simples e cotidianas e, evolutivamente, as mais complexas e articuladas, deriva a construção da própria personalidade dentro de uma dialética de mérito. Nesse contexto, “resolver” significa saber dar **autonomamente** as adequadas passagens lógicas e históricas para o contexto em que o jovem encontra-se para as situações que enfrenta.

No entanto, a nossa sociedade empurra o jovem a uma discussão não prevista em seu projeto de natureza, onde ele vive contemporaneamente a experiência de perceber-se em início de maturidade psico-biológica-racional e considera-se poderoso e capaz. Ao mesmo tempo, frente a nossa estrutura social, é estimulado a permanecer dependente da família afetiva e economicamente, e suscetível à psicologia dos grupos em que está como mais um no meio de tantos e não como indivíduo, nascido para a excelência de si mesmo.

Portanto, em base a essa visão de homem e de líder, que pedagogia cabe-nos oferecer? Acreditamos que a sua habilidade deve ser estimulada no sentido de reconhecimento daquelas atitudes do jovem que resolvem com perfeição a situação e, ao mesmo tempo, desaprovação daquelas atitudes que tornam o jovem lento e dependente. Esse é o papel dos educadores, pais, chefes e demais adultos de referência, pois da grandeza desses personagens adultos, abrem-se os espaços para um novo grande

e capaz que está sendo formado. Essa pedagogia é feita com passagens simples, como ensinar que, para a construção da sua personalidade de forma livre, é necessário conquistar a própria autonomia econômica.

Ao jovem que aprendeu o orgulho de resolver as próprias pequenas coisas autonomamente, torna-se natural ensinar que o seu valor no contexto social e das organizações profissionais tem a mesma lógica. É natural para ele entender que, para impostar a própria vida em vantagem, deve, por sua vez, produzir a solução eficiente para o contexto em que está inserido. Essa pedagogia baseia a evolução da sociedade na responsabilização do jovem em construir o seu protagonismo em base ao seu saber-fazer, sobretudo, no nosso mundo globalizado, onde as possibilidades podem ser infinitas, o jovem terá tanto mais valor social quanto mais situações ele conseguir resolver de forma autônoma dentro das organizações.

A responsabilidade individual dos resultados está voltando a ser um fator de mérito e ganho, depois de ter sido abolida por anos dos contratos que garantiam lugar e retribuição, independentemente da quantidade ou da qualidade do trabalho produzido. Nesta nova fase, quem não contribui mais ou menos ativamente à produção de riqueza em cada nível do tecido econômico, corre o sério risco de ficar de fora da possibilidade do dinheiro e autonomia, e de entrar em um estado de dependência total da assistência do grupo parental, de associações de caridade, ou do estado, isto é, em uma condição de morte social (CRISTIANO, 2009, p. 4).

Àqueles que investem na própria competência, abrem-se infinitas possibilidades. Em um contexto de produção econômica, no qual cada ente ou agente é o único responsável por sua obra, àqueles que investem na preparação individual, tem-se trabalho

e crescimento em superabundância, passa-se gradativamente de subordinado a autônomo. Da resposta técnica qualificada, tem-se oportunidade e ganho econômico proporcional.

Daqui nasce a exigência de uma preparação individual de mais amplo respiro, que seja complemento àquela formação especialista que dá os conhecimentos e a capacidade técnica para entrar no mundo do trabalho de modo qualificado. A especialização setorial, enquanto permanece um pré-requisito necessário, deve ser integrada com um tirocínio endereçado a formar aquela personalidade superior que hoje é indispensável para mover-se com segurança e operar como empreendedores de si mesmos no exercício da própria atividade (CRISTIANO, 2009, p. 5).

Portanto, aos nossos jovens de hoje deve ser ensinada a atitude de *autoprovidência*, pois somente essa atitude poderá torná-los os artesãos responsáveis pela construção do próprio mérito em base a capacidade que a natureza dá como dote a cada um. Esse é o passo inicial para que essa dinâmica seja também possível dentro das organizações.

Na Antonio Meneghetti Faculdade, no Recanto Maestro e nas nossas organizações, assumimos a visão de homem como protagonista responsável ensinada pela Escola Ontopsicológica de Antonio Meneghetti. Ensina-se aos jovens e a todos que a construção da própria vida é um dom maravilhoso e uma responsabilidade individual. Reconhecemos o mérito dos indivíduos e estimulamos a busca contínua pela excelência de si mesmos, pois essa poderosa dialética abre espaço de grandeza para o indivíduo e de evolução para a sociedade. Essa dinâmica, em que cada indivíduo é função para si e para o contexto em que está, é baseada na capacidade dos cidadãos de saberem fazer, de produzir, não somente riqueza com as próprias capacidades, mas,

Sobretudo, a sua vida em contexto histórico. Da segurança da própria capacidade, nasce no indivíduo o orgulho do mérito pelo resultado construído com inteligência, abre-se, então, uma nova face do projeto individual a cada dia, onde tanto os limites como as possibilidades estão nas mãos do próprio indivíduo.

Referências bibliográficas

CRISTIANO, L. *Ricchezza e valore per il giovane di oggi*. FOIL: Umbria, 2009.

MENEGHETTI, A. *A crise das democracias contemporâneas*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014a.

MENEGHETTI, A. *A psicologia do líder*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008.

MENEGHETTI, A. *Arte, sonho e sociedade*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. *Os jovens e a ética ôntica*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. *Pedagogia ontopsicológica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014b.

Formação como garantia de sucesso

*Roberto Argenta*¹

Lembro que o Professor Antonio Meneghetti me fez ver uma realidade que eu não percebia antes. Ele dizia que, na minha vida, eu tinha dois amores: um deles é a Calçados Beira Rio e o outro é o Recanto Maestro.

Dessa constatação, dedicar-me de modo prático a esses dois ideais foi uma consequência natural. Trabalhar e ver essas duas potências se desenvolverem faz parte do meu cotidiano e, sempre, me envolvi inteiramente para fazer crescerem esses dois amores.

Desde jovem, visualizei que o dinheiro podia construir coisas grandes, como o Professor Meneghetti afirma:

O dinheiro é um resultado que pertence àqueles que são capazes. É o dinheiro que produziu cada coisa bela que vemos na civilização do homem. Com o dinheiro se realizam também as descobertas mais avançadas da medicina, a tecnologia de superior serviço (MENEGETTI, 2016, p. 73).

Mas, além disso, o maior valor está nas pessoas, pois é de onde parte a solução de qualquer problemática, de onde surgem as

¹ Presidente da Calçados Beira Rio, Membro do Conselho Diretor da Fundação Antonio Meneghetti, Conselheiro do Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro e professor convidado dos cursos de MBA da Antonio Meneghetti Faculdade.

inovações, os avanços. É a capacidade e a inteligência das pessoas que constroem os grandes impérios, as grandes construções e que qualificam os serviços e produtos que ofertamos.

Nesse aspecto, a garantia de sucesso empresarial é resultado de uma formação continuada de pessoas, conforme o escopo da empresa. De modo simples, é a capacidade da empresa de tornar as pessoas competentes para realizar o trabalho e fazê-lo com entusiasmo. Os três elementos que fazem parte dessa formação são: **conhecimento do trabalho, meritocracia e entusiasmo de realizar** – o amor pelo que se faz, o amor pelo que a empresa produz.

Hoje, a tecnologia avança muito rapidamente, o mercado é muito ágil e devemos ter pessoas preparadas para operar o nosso negócio. Então, como formar as pessoas dentro de nossas empresas? Para vocês terem uma ideia, o projeto *Conquistando a Perfeição*, idealizou-se conforme a frase dita pelo Professor Meneghetti: “Dia a dia na fronteira da perfeição”.

O projeto *Conquistando a Perfeição* é aplicado em todos os níveis da empresa: pesquisa e produto, comercial-marketing, industrial e administrativo-financeiro. Em outro nível, existem os grupos de melhoria, junto às fábricas. Basicamente, o *Conquistando a Perfeição* é um momento de trocar experiências, ações bem-sucedidas e pontos de melhoria entre os próprios colegas, com o incentivo da diretoria para buscar novas oportunidades e desafios.

As melhores experiências são compartilhadas e implementadas na empresa como um todo, assim, construímos uma empresa vencedora. Cada indivíduo que contribui com a melhoria do seu próprio trabalho qualifica toda a empresa. De modo simples, quando o colaborador entende que ele é responsável pelo seu desempenho, ele se sente dono do próprio trabalho e se desafia

a realizá-lo melhor, mais rápido e com menos custo. Então, por meio do protagonismo de cada trabalhador, nossa empresa se torna competitiva.

Nesse programa, também é possível conhecer os talentos que temos dentro da empresa. À medida que as pessoas vão mostrando suas capacidades e seus resultados, vão sendo convidadas a participar das decisões mais estratégicas. Então, a meritocracia nasce a partir do exercício do protagonismo e da conquista do resultado.

Depois, toda a empresa respira alegria, conquista, desafio, crescimento. Isso estimula as pessoas a crescerem e contribuírem com o crescimento da empresa, pois se a empresa crescer, elas também serão parte dessa conquista. Crescimento e qualidade.

Quem dá a qualidade e a competitividade é cada um dos colaboradores, independente do cargo ou função que desempenham. Todos auxiliam a reduzir custos, a vender, a transmitir ao cliente essa alegria, que passa também pelo produto. Os nossos clientes também são envolvidos. Eles são a extensão da nossa empresa. Eles também amam o nosso produto, amam porque com o nosso produto eles também ganham: é um produto vencedor e todos querem ser vencedores. Ensinaamos como vender, ensinamos a arte de saber servir ao cliente.

Então, como síntese, o programa *Conquistando a Perfeição* é uma metodologia de capacitação de pessoas que utiliza a inteligência e a capacidade dos próprios colaboradores para qualificar todos os processos da empresa.

De outro lado, hoje, vejo que o Recanto Maestro é a evidência concreta da garantia do novo humanismo no mundo. Por quê? Temos uma ciência infalível, estamos em um espaço de belezas incomparáveis, organizadas pela mente de Antonio Meneghetti e operadas por nossas próprias mãos. E, por meio dos resultados,

vemos que é um projeto vencedor, é um projeto que está em constante crescimento.

A estrutura avança a passos largos, mas, como fundamento, existe uma metodologia de formação que sustenta esse crescimento. E quanto mais formos capazes de construir as pessoas que continuarão esse legado, contribuiremos para o futuro deste local. A transformação do Recanto Maestro, que todos conhecem hoje, aconteceu pela generosidade de grandes pessoas. A primeira delas foi Antonio Meneghetti, depois o professor Alécio Vidor. Na sequência, somamos nós: empresários, executivos, gestores, jovens. O *Core Business* do Recanto Maestro é a formação do humano, a formação da pessoa em todos os seus aspectos. Não formamos apenas para o trabalho, mas para a vida, para a própria vida.

O Recanto Maestro nos ensina como sermos humildes, ouvir a vida e trabalhar. Recanto é o nosso espaço de trabalho, onde colocamos todas as nossas capacidades em ação, em movimento, onde podemos afinar os instrumentos de operação e intervenção social em um nível de alta performance e excelência.

Recanto Maestro é beleza, é alegria, é expansão. Se olharmos bem, o Recanto Maestro personaliza as 15 características do Em Si ôntico e a Ontopsicologia é a ciência que possibilita encontrarmos a solução para a nossa vida e garantir a qualificação humana em nossa sociedade.

A maior tecnologia, a mais avançada, a mais precisa, a vida já nos deu de presente; a Ontopsicologia ensina a encontrá-la, a ouvi-la e a operá-la historicamente. Podemos dizer que, nesse projeto, somos os construtores do bem-estar humano e damos a possibilidade de cada pessoa saber a si mesma e fazer história do seu *projeto de vida*.

Enquanto nossa sociedade empurra o jovem para ser cada vez mais uma massa e tornar-se uma multidão, a nossa Faculdade é

a única no mundo que incentiva e ensina as pessoas a serem a si mesmas. Os jovens da AMF têm o brilho nos olhos, têm vontade, querem ser vencedores. Os nossos jovens trabalham, constroem-se todos os dias. A AMF é uma alternativa concreta para aqueles que querem mais da própria vida, que buscam a si mesmos, que não querem ser apenas mais um.

Os nossos professores trabalham com entusiasmo, pois também são apaixonados pelo humano. Ensinar, para eles e também para nós, empresários, não é uma profissão, mas é consequência de um amor profundo pelo ser humano e, depois, uma responsabilidade exercida com alegria, com competência de quem sabe fazer, de quem sabe servir. Ensinaamos aquilo que já aprendemos, ensinamos por abundância de vida, ensinamos para construir uma nova sociedade, mais humana, mais real, mas viva.

A garantia desse humanismo está na vida, que passa através das pessoas. Todos os dias, a vida e o Recanto Maestro nos dizem qual caminho seguir, qual obra iniciar, em qual curso investir. Se a vida nos indica, então, devemos ser capazes de compreendê-la e estar a serviço dela.

As obras e os desafios são cada vez maiores. Somos exemplo para o Brasil e para o mundo e, na medida em que cada um de nós se tornar mais competente, maiores serão as conquistas. O Em Si é criativo e se pensarmos no Professor Meneghetti, após uma obra bem realizada, já havia uma outra a ser iniciada, sempre maior, superior.

A Fundação Antonio Meneghetti e a Antonio Meneghetti Faculdade são os núcleos responsáveis por garantir e transmitir essa ciência às pessoas, sobretudo aos nossos jovens, que continuarão esse projeto para a eternidade. Portanto, temos um grande e contínuo desafio: fazer a nós mesmos e sermos contribuintes do humano nesse planeta.

Referências bibliográficas

MENEGHETTI, A. *Antonio Meneghetti sobre... A Riqueza como Arte de Ser*. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2016.

MENEGHETTI, A. *A psicologia do líder*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008.

MENEGHETTI, A. *Do humanismo histórico ao humanismo perene*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. *Psicologia Empresarial*. São Paulo: FOIL, 2013.

Formação para a vida e para a sociedade: diretivas práticas de evidência concreta

Any Regina Rothmann¹

A minha fala de hoje será, em especial, para os jovens!

A formação integral do jovem que Antonio Meneghetti falou, escreveu e que colocou em prática com milhares de jovens no mundo todo – alguns deles estão presentes aqui hoje, e me incluo entre eles – transcende a pedagogia clássica, aquela de sala de aula, ensinada nas escolas e universidades. É uma formação que, nas palavras do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, é **integral**, “porque estão conexos todos os valores do holístico humano (dinheiro, saúde, evolução intelectual, espiritual, responsável, societária etc.)” (MENEGETTI, 2010, p. 137).

Ela é muito simples na essência, porém, evidencia-se difícil no seu dia a dia. Mas, por que é difícil? Porque deve haver decisão! Devemos querer ser inteiros, não sermos “em partes” ou “por partes”. Não podemos viver sem buscar algumas respostas, pontos ou lógicas. Antes de tudo, deve-se relativizar os consensos, as convenções sociais, as opiniões. A decisão é e deve ser sempre pessoal, íntegra, para o indivíduo, não para outras pessoas.

Em suma, “você” deve ser inteiro para si mesmo! Ter a garantia, a consciência e a responsabilidade de saber que é você que conta,

¹ Membro do Conselho Diretor da Fundação Antonio Meneghetti, Conselheira do Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro e professora convidada dos cursos de Graduação da Antonio Meneghetti Faculdade.

e não os aplausos, a vitrine social, o reconhecimento provisório do grupo de referência. Pensar que – sim – você tem uma vida a construir, plena em aventuras para viver. Uma vida alicerçada na construção da sua integralidade de ser, fazer e saber. A partir dessa impostação, começar a ter a realização e, a partir disso, contribuir de forma responsável e saudável com a sociedade que nos circunda.

E quais são as premissas dessa grandiosa construção que é “você”, como único e exclusivo existente?

1) Aprender a amar-se. Amar o próprio jogo, a sua vida, o seu corpo, o seu espírito, as suas escolhas de vida, as suas experiências de trabalho, de existir;

2) Ter um ideal de vida. Dar um sentido à sua vida, encontrar o próprio valor existencial, querer fazer a diferença e ter orgulho de viver e fazer história de vida. Viver em um constante primado de capacidade, de ideia, de ciência para ajudar a construir um novo humanismo;

3) Buscar constantemente formação intelectual, profissional e existencial. Deixar a preguiça, as resistências de lado e estudar, ser um eterno curioso da existência e da vida, do *mundo-da-vida*. Usar o professor, o chefe, o homem ou a mulher de maturidade como instrumento de evolução;

4) Trabalhar. O trabalho deve ser árduo e contínuo. Por exemplo, quanto mais simples for seu primeiro trabalho, no sentido de ser extremamente prático, braçal, melhor será a construção da sua profissão. Na fase inicial da nossa formação, devemos, se queremos ser grandes como “**pessoa**”, aprender a servir. Em toda nossa existência, devemos constantemente aprimorar a nossa arte de servir, como dignidade e grandeza de nós mesmos, mas não como dependência afetiva ou econômica. O trabalho dá a base,

a segurança econômica e a liberdade de ser e fazer. Nas palavras de Antonio Meneghetti: “A base econômica não é a conta no banco, mas o local de trabalho, o lugar onde ganha, o lugar que dá renda contínua, a pequena mina da qual se extrai a própria riqueza cotidiana” (MENEGHETTI, 2013a, p. 208).

5) Conhecer culturas, modos de ser, de fazer, de construir para qualificar o seu modo de existir, fazer e criar. Viajar na sua terra, nas cidades vizinhas, no seu estado, no seu país e, sobremaneira, viajar ao exterior para conhecer outras culturas. Por exemplo, estar aqui, na Europa, pois aqui encontramos uma cultura milenar: o berço da Cultura Humanista, da valorização do homem-pessoa. Essa cultura está presente em quase todos os prédios, em cada ponte, em cada museu, em cada teatro que visitamos. Além de termos a oportunidade de impactarmos a diversidade de culturas, o modo de se comunicar, o comer, a diversidade de cada personalidade, o modo de se vestir, a elegância de falar, de cumprimentar. Assim, começa-se, de modo sério, a relativizar os estereótipos, os hábitos culturais cotidianos e o resultado é a qualificação pessoal. Poder viver essa experiência nos dá a evidência de que vale a pena o sacrifício que, em muitos momentos, fazemos.

6) Diariamente avaliar a sua ação cotidiana e a experiência adquirida. Conversar consigo mesmo. Fazer o exercício constante de sermos honestos conosco. A diplomacia somente serve para nossas relações sociais e profissionais, mas conosco jamais, porque valemos muito e temos somente uma vida, portanto, usá-la bem é nosso dever. A cada dia, devemos nos certificar de ter aprendido coisas novas sobre nós mesmos e sobre o nosso trabalho.

7) Ambicionar constantemente, mantendo a humildade, a coerência e a força da ação vivaz, criativa. Para isso, precisamos querer. Ter objetivos grandes e ambiciosos é maravilhoso, porém

devem ser amados, cuidados, preservados, não esquecidos, mas alimentados, nutridos com muita cura, estima e amor.

8) Consolidar a autonomia psicológica, afetiva, financeira, sistêmica legal, de pensamento e social. Começar a colher os frutos da sua construção é fantástico! A importância da autonomia foi sempre lembrada pelo Professor Antonio Meneghetti nas conferências que ele fazia aos jovens. A autonomia possibilita, de modo funcional, prático e direto, verificar a sua realidade na integralidade, de como estás e para onde estás indo. Se estás construindo a sua própria liberdade ou não. E as autonomias que mais devemos atentar são a psicológica e econômica.

9) Coerência e humildade com as escolhas, com o trabalho e consigo próprio. Fazer tudo bem, de modo exemplar, conforme acordado com o chefe e ainda encontrar um modo de surpreendê-lo. Enquanto aprende a fazer algo de novo para si mesmo, contribui com a empresa.

10) Encontrar um modo inteligente de gratificar-se, de quando em vez. Algumas vezes, após ter feito tudo bem, fazer algo que te dê vantagem profissional: comprar uma roupa que o qualifica socialmente, comprar um livro de interesse, fazer uma viagem para conhecer novas culturas, fazer um novo curso, ou seja, investir no seu “conhecimento ao longo da vida” (*life long learning*). Não gastar com festas ou comprar algo para aparecer, mas algo que qualifique a própria personalidade.

A partir dessas premissas, que são dez diretivas práticas para o jovem aprendiz líder, entra-se de modo forte e consistente na sala de comando da vida e da atividade profissional e/ou da empresa. Lembro que essas premissas são de estilo de vida, portanto, elas nunca deixam de existir, estão sempre ativas, é necessário suscitá-las e incrementá-las constantemente.

Tive, em minha vida, a grande fortuna, honra e responsabilidade de conhecer, estudar, aprender e trabalhar com o grande gênio e empresário de vida Antonio Meneghetti. Uma das coisas que fiz ao seu lado foi contribuir com meu trabalho simples e modesto, por mais de 15 anos, no desenvolvimento de Recanto Maestro. Por isso, é impossível falar de formação integral sem falar do Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro. Desde o seu nascimento, é um local de formação integral, é uma verdadeira Escola Viva.

O Recanto Maestro é hoje, e sempre será, uma grandeza observada e admirada pelo mundo. Sem dúvida, a sua magnitude foi idealizada, construída e motivada pelo Acadêmico Professor Antonio Meneghetti. Recanto Maestro é um resultado real da força, da ação viva e eficaz de tantos jovens que passaram, passam e, de modo particular, que hoje estão lá. Por meio de uma oportunidade de trabalho, esses jovens contribuem de modo digno e orgulhoso para a continuidade do grande e universal legado que é o Recanto Maestro.

Traduzindo essa realidade em números, hoje, temos mais de 100 jovens que trabalham nas empresas ou entidades sediadas no Recanto Maestro. Muitos estão em fase inicial de formação, outros já são profissionais ou executivos, outros, inclusive, ocupam importantes cargos de chefia. Na maioria, eles sabem instrumentalizar Recanto Maestro de modo respeitoso para construírem a si próprios e sabem ver o Recanto Maestro como um ideal de vida. Em suma, jovens que, hoje, amam a si mesmos, amam o próprio trabalho e dedicam-se ao projeto Ontopsicologia. Nas palavras do fundador do Recanto Maestro, podemos lembrar o que significa fazer algo por si para um bem maior:

o Em Si tende sempre à identidade funcional, no sentido de que deve realizar o próprio escopo. *Identidade funcional*

significa: “eu para mim”. Ele salva a identidade da própria existência, não luta pelo outro. Também quando ajuda, reforça sempre a própria identidade, coloca em evidência a glória do agente do projeto (MENEGETTI, 2008, p. 52).

E para um jovem trabalhar nas empresas de ponta do Recanto, do Brasil e do mundo, o que precisa?

É simples, basta fazer o percurso anteriormente citado. Em síntese: decidir, estudar, trabalhar, conhecer e colocar o melhor do seu potencial em tudo que faz e fazer bem feito! A solução e a garantia contínua moram na **decisão** diária de escrever a sua, a nossa história – uma história que tenha como linha mestra a identidade, a funcionalidade e a realização de si mesmo como princípios de existir no aqui, agora e no devir.

Para manter essa fidelidade e exclusividade sobre si mesmo, como garantia também de evolução do contexto em que estamos inseridos, é preciso o estudo constante na sua área de interesse, mas, sobretudo, o estudo da Ciência Ontopsicológica. Esse é um conhecimento que permite saber a si mesmo, através da aplicação prática dos seus instrumentos. Em especial, ensina como garantir a constante autenticidade e funcionalidade da sua identidade. É importante fazer um percurso humilde e sério de consultoria ontopsicológica de autenticação.

A formação integral e a Pedagogia Ontopsicológica transcendem a sala de aula, é uma Escola Viva. Ensina como ser eficiente e saudável em todos os valores humanos: na saúde, no trabalho, nos instintos. Essa formação passa pela prática, pelo fazer, pelo realizar, pelo resolver, pelo experimentar-se, com o único objetivo de chegar a realização de si mesmo, ser feliz. E ainda poder contribuir de modo saudável e eficaz com a sociedade.

E depois... Como manter essa dialética vencedora consigo próprio e com a vida?

Cada um de nós, seja como aprendiz líder, como gestor, empreendedor, operador de vida, líder, tem a exigência de exercitar a si mesmo, o seu valor, o seu potencial, sempre de modo maior e mais funcional, é um *progress* contínuo. E, em cada nova situação, temos, por intrínseca necessidade pessoal, que ser mais fortes, responsáveis, criativos, resolutivos, qualificativos. Consequentemente, esse percurso resulta em mais satisfação e alegria.

O “termômetro” constante dessa construção é a averiguação dos resultados que geramos. A busca constante de cada um é chegar a viver com prazer e orgulho o projeto que se é, o qual é o ser total, o ser em si.

Nossa vida é única, é irrepetível, é maravilhosa! E como dizia e escreveu Antonio Meneghetti (2003, p. 75): “A vida é de quem mais a compreende e ajuda”.

Um ótimo e prazeroso percurso de vida para cada um de nós!

Referências bibliográficas

MENEGHETTI, A. *A arte de viver dos sábios*. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2003.

MENEGHETTI, A. *A feminilidade como sexo, poder, graça*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013a.

MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. *Nova Fronda Virescit*: introdução à Ontopsicologia para jovens. v. 1. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2006.

MENEGHETTI, A. *Os jovens e a ética ôntica*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013b.

SEÇÃO 5

O MUNDO CONTEMPORÂNEO E O PAPEL DOS JOVENS:



a visão ontopsicológica através dos alunos
de graduação da AMF

Esta sessão trará a visão ontopsicológica da sociedade atual e a situação, responsabilidade e oportunidades dos jovens, apresentadas por alunos dos cursos de Graduação da Antonio Meneghetti Faculdade. Será discutida a crise do humano que presenciamos na sociedade contemporâneo e como os jovens se encontram-se e posicionam-se nela, o desenvolvimento de uma juventude “fora de fase” na atual “geração do iPod”, e a via de saída da ciência ontopsicológica por meio da recuperação da informação-base da vida, permitindo aos jovens a construção de si mesmos com consequente contribuição responsável à sociedade.

A crise do humano: o jovem como combustível ou solução?

*Wilian Mauri Friedrich Neu*¹

Dentro das mais diversas culturas em todo mundo, percebemos uma acentuada crise do humano. Em meio a isso, verificamos uma juventude que, embora esteja sempre em constante movimento, está cada vez mais distante dos grandes valores humanistas e, acima de tudo, de sua própria identidade. Não sabendo mais o caminho de construção do seu potencial, dado pela natureza, dado pela vida, constitui uma geração “robótica”, “virtual”, em que o modelo de comportamento estrutural é distorcido da própria inteligência natural, em que tudo que se faz necessário é facilmente buscado, trocado e consumido através da internet.

A nossa juventude, de certo modo, vive dentro de um modelo comportamental, em que suas bases, seus referenciais, são todos estereótipos programados, que fazem o jovem perder o contato com o próprio íntimo. Assim, utilizam como matriz para suas ações, diariamente, mecanismos como *Google*, *Wikipédia*, *WhatsApp*, *Facebook* etc., e não há mais uma construção séria do indivíduo em busca do conhecimento e da própria evolução pessoal, de modo sadio.

¹ Aluno do 6º semestre do Curso de Graduação em Direito da Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), estagiário no Ministério Público – Promotoria de Justiça de Agudo/RS como auxiliar de gabinete do Promotor de Justiça, participante do Grupo de Pesquisa e Extensão “Proteção Multinível dos Direitos Humanos” da AMF e membro fundador do Projeto Ambiental Plantando Vida.

Dito isso, percebemos que não há mais uma busca pelo crescimento através do estudo, por meio das grandes enciclopédias, das grandes literaturas, da arte e dos grandes pensadores, alinhado com a experiência do trabalho. Pelo contrário, o que se nota é uma estrutura de pensamento, um modo de ser e agir dos jovens totalmente baseado em mecanismos “facilitadores”, ilusórios, ou seja, são indivíduos que buscam tudo aquilo que não exige sacrifício, esforço, dedicação e que, naturalmente, vem criando ondas de jovens “wikipedianos”, ou baseados em qualquer outra ferramenta virtual, que é, hoje, utilizada como se fosse o “novo evangelho”, a “nova bíblia”.

Junto à globalização, ao avanço tecnológico, criou-se uma espécie de cultura digital, de validade virtual, na qual o jovem, por vezes, vivencia justamente o irreal, aquilo que não existe, que não é, mas que utiliza como um refúgio da sua própria existência, perdendo a consciência do que é o ser humano.

Nessa linha, verificamos que os jovens estão cada vez mais se distanciando de suas próprias realidades existenciais, da própria dimensão humana, pois, há uma inserção em um novo mundo comportamental tecnológico, onde o contato interpessoal está deixando de existir, sendo substituído pela interação virtual, através de blogs, programas, aplicativos de mensagens e outros tantos meios de comunicação.

Diante disso, temos uma juventude que condiciona o seu comportamento, em regra, fazendo referência aos preceitos estabelecidos no *Google*, sem nenhum questionamento, sem nenhuma restrição e sem verificar a autenticidade da informação. Evidentemente que isso conduz o jovem, por vezes, a um caminho de estupidez, sem preparação, sem conhecimento, tornando-o frágil para a complexa sociedade na qual está inserido.

Não bastasse isso, esses jovens condicionam, escrevem e

direcionam a sociedade contemporânea, na medida em que essa juventude está difundindo, através dos mais variados meios de comunicação, uma espécie de “vida alternativa” à vida real, ou seja, um refúgio na virtualidade, que compromete uma geração e põe em risco as próximas.

É de importância ressaltar, mesmo que de forma sucinta, que muito desse comportamento geracional anteriormente mencionado está intrinsecamente relacionado com uma cultura midiática estadunidense. O que movimenta o grande *business* estadunidense são as mídias – internet, produção cinematográfica, novas tecnologias de comunicação e difusão etc. –, as quais criam uma realidade de informação e consumo à qual estamos todos, de certo modo, condicionados.

Há, assim, uma propagação do consumismo exagerado por parte dos jovens, tanto no que tange a bens, quanto a si mesmos, causando uma distração fictícia, irreal, mas que, mesmo assim, ilusoriamente faz com que a juventude acredite estar vivendo satisfatoriamente. Dessa forma, há uma perda de consciência progressiva da realidade.

Além disso, em todos os períodos da humanidade, sempre foi difícil a passagem do jovem para a vida adulta, em que ele depara-se com uma nova realidade, com a responsabilidade de ter que responder em primeira pessoa pelos seus atos, de ter sua vida e assumir as consequências por si mesmo. Esses são desafios comuns a todos os jovens, nesse período de passagem existencial, em todas as culturas e épocas.

Nesse contexto, outra grande problemática que está afetando a juventude atual é o prolongamento do jovem residindo com os pais. Percebemos que os jovens estão permanecendo cada vez mais tempo morando com seus genitores e, por vezes, sem desenvolver nenhum tipo de autossustento. Desse modo, o jovem

deixou de construir a sua própria base econômica, passando a ficar dependente economicamente dos pais, além de perder a oportunidade de entrar no mercado de trabalho e começar a construir a sua vida profissional.

A juventude, de modo geral, está propensa a distrair-se de si mesma, distanciando-se, portanto, do real valor da sua potencialidade interior e da construção concreta de si mesma. Nesse norte, verificamos uma geração de jovens que chega ao mercado de trabalho despreparada, sem a dedicação necessária para uma construção sólida que permita desempenhar determinada atividade com excelência. Esses indivíduos, de modo geral, apresentam notório déficit de capacidade técnica, além de uma forma de mentalidade distorcida, a qual, evidentemente, não faz com que atendam as necessidades demandadas pelo mercado de trabalho e pela sociedade.

Destacamos também que, atualmente, estamos vivenciando um exagerado assistencialismo, em sentido *lato sensu*, por parte da família, dos educadores, do Estado e da sociedade. Em consequência disso, percebemos que o jovem, na primeira dificuldade apresentada, não realiza um esforço pessoal para superar a adversidade e, sim, uma reação de gerar dependência, muitas vezes, ligadas à doença, à delinquência, à agressão, ou seja, há uma “vitimização” desses indivíduos para que sejam “assistidos” pelos adultos.

Relatamos, assim, várias circunstâncias que delineiam o comportamento dos jovens em discordância com a sua própria potencialidade individual. Porém, afinal, como ajudá-los? Embora seja uma tarefa um tanto árdua responder a tal questionamento, podemos acenar, de modo breve, alguns modos que exemplificam, sem naturalmente esgotar, um horizonte de mudança, de um novo caminho, nessa fase inicial da vida que é a juventude.

Neste sentido, é necessário que a sociedade comece, acima de tudo, a responsabilizar os jovens pelas suas atitudes. Se ele errar, se cair, deve, primeiramente, buscar levantar-se sozinho, caso não consiga, aí sim, poderá ser ajudado, todavia, é fundamental que tenha essa obrigação de iniciativa para buscar solucionar os seus próprios problemas.

Ao tomar consciência que ainda não assumiu a própria vida nas suas mãos – e isso pode ocorrer ao entrar no mercado de trabalho e ver que não sabe entregar, ou ao perder uma oportunidade que sempre almejou por incapacidade, ou ainda porque entra em uma crise existencial, forte nessa época da vida – esse jovem deve, humildemente, recomeçar, mas a partir de si mesmo e começando com as coisas mais simples do cotidiano: a gestão de si mesmo, a construção do saber fazer, do saber servir, a base da disciplina, o cultivo da inteligência e a seriedade em aprender a construção da própria autonomia, por conta dos educadores, dos chefes e das oportunidades que ele deve em primeira pessoa e progressivamente conquistar.

É uma construção! “Cada um é de acordo como a si mesmo se construiu”. O jovem deve conquistar o seu próprio espaço de protagonismo, é preciso que o construa e não que simplesmente ganhe de outrem. E é necessário enfrentar alguns sacrifícios nessa fase para, no futuro, ter os frutos das sementes que são plantadas hoje.

Por fim, é de suma importância destacar que o jovem deve, constantemente, buscar uma convergência entre: aquilo que pensa e diz (*saber*), aquilo que faz e constrói (*fazer*) e aquilo que verdadeira é como identidade ou projeto de natureza (*ser*). Desse modo, pode trilhar uma formação verdadeiramente diferenciada, integral do ser humano, realizando-se como pessoa e também contribuindo com a evolução do seu contexto social.

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA.
Identidade Jovem: a formação humanista de jovens como garantia de sustentabilidade, identidade e protagonismo civil.
ABO: Recanto Maestro, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA.
Cultura & Educação: uma nova pedagogia para a sociedade futura. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, A. *Do humanismo histórico ao humanismo perene.* Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. *Os jovens e a ética ôntica.* Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. *Pedagogia ontopsiológica.* 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

Juventude “fora de fase”

*Augusto Roberto Gehrke*¹

O jovem da atualidade está incorporado diretamente nos mais variados processos da globalização. Estamos vivenciando a era digital, uma revolução tecnológica mundial, tudo está ao nosso alcance a poucos cliques, seja para conversar com alguém do outro lado do continente, receber notícias mundiais em tempo real, realizar compras dos mais diversificados produtos sem sair de casa ou efetuar pagamentos *online*. Começa também a fazer-se presente cada vez mais em nossas vidas a chamada *iot* – internet das coisas, que consiste em diversos dispositivos eletrônicos interligados entre si, trocando informações. Outro conceito em ascensão é a inteligência artificial e a criação de sistemas inteligentes capazes de executar tarefas que normalmente seriam destinadas ao ser humano.

A tecnologia, cada vez mais, vem otimizando processos, substituindo o trabalho humano, facilitando tarefas diárias, acelerando nosso modo de interação, estilo de vida, enfim, são diversas as vantagens ao ser humano. Porém, os jovens de hoje não sabem gerir em prol de si mesmos todos esses recursos tecnológicos e acabam sofrendo um bombardeio de conteúdo e informações (em grande parte sem funcionalidade), que os

¹ Aluno do 6º semestre do Curso de Sistemas de Informação da Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), estagiário na Meta como desenvolvedor JAVA/WEB, integrante do Núcleo de Esportes da AMF.

desviam e manipulam daquilo que é real, daquilo que é conexo com o seu projeto de vida.

Os jovens atuais não se dão conta que estão sendo moldados pela tecnologia e pela mídia, não estão segurando o próprio “volante” e fazendo o percurso que lhe foi dado pela vida. Entregaram-se a um padrão de ser que não é real e acabam se tornando objeto (dependente) de um sistema. Como resultado, fazem um mundo virtual de sua existência, tornam-se “zumbis digitais”, fato, inclusive, que pode ser evidenciado pelo seu modo de andar com a cabeça baixa, fazendo o uso do telefone celular. Criou-se, então, uma “juventude do iPod”, fechada em si mesma e sem conexão com o mundo real. A vida gira em torno de um dispositivo móvel, que, se lhe é tirado, faz com que o jovem fique perdido, sem referência, sem chão, por não saber o que fazer, por não ser capaz de perceber e reagir ao mundo real a sua volta, com autonomia.

Nesse contexto, não existe uma busca interior para conhecer-se de modo real como pessoa e o jovem não sabe mais responder a questões como “Quem sou eu?”, “Qual o motivo de eu estar aqui?”, “Para onde vou?”. Perdeu o conhecimento dos instintos primários, do próprio corpo, não demonstra mais um conhecimento de si mesmo, pois está baseado na internet, no mundo virtual e, com isso, a juventude acabou tornando-se “defasada”, ou seja, está fora de fase, fora do jogo, o jovem não conhece e não segue a própria informação base, de natureza, que o constitui.

Outro ponto a destacar é o fato de o jovem sentir-se superior a todos, mesmo sem preparo, estudo, trabalho e capacidade de produzir nada de modo concreto. A juventude cada vez mais acha que possui somente direitos, entra em um hiperassistencialismo de modo parasitário, como se fosse dever da sociedade ou dos

pais darem-lhe uma vida tranquila, um trabalho que lhe dê um bom retorno ao final do mês, sem qualquer contrapartida. O jovem acha-se superior simplesmente pelo fato de existir, de sentir a vitalidade própria da adolescência e juventude, de possuir beleza, mas é despreparado racionalmente, não consegue entender e compreender as coisas. É dever de todo ser humano buscar o seu desenvolvimento, criar a própria independência, não somente financeira, mas também de existência. Porém, para construir esse desenvolvimento, é necessário trabalhar, entregar o serviço que o mercado de trabalho demanda, sair do mundo virtual e dedicar-se, estudar a fim de tornar-se protagonista de sua própria história. Esse modelo de assistencialismo atual, junto a um mercado capitalista (tendo o jovem como principal alvo), faz do jovem um consumista excessivo. Isso torna-se preocupante devido ao fato que o jovem perdeu valores e princípios humanos, não sendo mais importante desenvolver-se profissionalmente e pessoalmente. Houve uma alternância entre os termos “ser” e “ter” e o jovem desenvolveu uma mentalidade que privilegia cada vez mais o “ter”. Desse modo, possuir o melhor telefone celular, a melhor roupa ou o melhor carro tornou-se mais importante que “ser” primeiramente uma pessoa autônoma, com cultura e valores éticos, capaz profissionalmente, útil à sociedade e, como consequência, realizada de modo integral.

O jovem torna-se “fora de fase” ao não criar a sua própria personalidade, pois não possui a preocupação sadia em conquistar seu autossustento, a própria autonomia e a sua liberdade de ação. É evidente uma preguiça para satisfazer esses pontos mencionados, e isso acaba sendo reforçado por pais que os criam debaixo de suas “asas”, sem ensinar o seu filho a desenvolver-se de maneira independente desde pequeno e, após o período da adolescência, ingenuamente, não colocam ou estimulam os seus filhos ao trabalho,

ou, quando o fazem, já é tarde. Fazem isso pensando em proteger os seus filhos do sofrimento ou sacrifício que passaram quando eram jovens, mas não percebem que, na realidade, os sacrifícios enfrentados fazem parte do processo natural para tornar-se grande segundo a especificidade da própria natureza, e acabam por tolher o dever da responsabilidade e da autoconstrução de seus filhos.

O jovem desenvolve, assim, um estilo de vida fútil, incoerente consigo mesmo, apenas imita, copia e repete sem saber operar funcionalmente para sociedade, não possui uma mentalidade de resultado, pois desconhece a psicologia do “fazer”. Não entendendo a lógica do trabalho, não sabe servir, vive em um mundo irreal, não aprendeu a fazer nada de modo concreto. Desconhece, assim, o termo reciprocidade, não possui um real escopo, uma ambição autêntica, demonstrando incapacidade, ausência de comprometimento, irresponsabilidade em ser coerente com a própria vida. Como consequência, é carente de autonomia econômica, de existência e maturidade afetiva. Apesar de possuir um potencial natural, não sabe construir a própria grandeza que possui dentro de si e está desqualificado para a sociedade, devido a não entregar resultados (pois não sabe fazer e não sabe servir), por isso não está apto a assumir a sua responsabilidade como pessoa e profissional na sociedade em que vive.

Diante dessa situação, faz-se necessário que o jovem seja responsabilizado pelos seus atos, fazendo-o iniciador das próprias ações, tornando-o responsável pela própria existência. O primeiro ponto é o jovem deixar de viver uma vida virtual (irreal), deixando de ser objeto da tecnologia ou do mercado. O segundo ponto é saber ser funcional, primeiro, para si e, depois, para a sociedade, ser provedor de resultados, entrar para o mundo do trabalho, construir um ofício. É através do trabalho e da descoberta de si que o jovem

constrói a sua grandeza, aprende realmente a saber fazer, a saber servir o cliente, desenvolve a sua própria autonomia financeira, o seu autossustento, cria responsabilidade perante a sociedade e torna-se protagonista da sua própria história.

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA.
Identidade Jovem: a formação humanista de jovens como garantia de sustentabilidade, identidade e protagonismo civil.
ABO: Recanto Maestro, 2011.

MENEGHETTI, A. *Antonio Meneghetti sobre... Jovens e Realidade Cotidiana.* Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

MENEGHETTI, A. *Do humanismo histórico ao humanismo perene.* Recanto Maestro. Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. *Os jovens e a ética ôntica.* Recanto Maestro. Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. *Pedagogia ontopsiológica.* 3. ed. Recanto Maestro. Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

ROCCO, V. Autossustento: o primeiro dever de um jovem. In: *Revista Nova Ontopsicologia*, ano XXIV, n. 1. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006.

A recuperação da informação-base da vida

*Natalia dos Santos Conceição*¹

Durante todo o mover-se da história, buscou-se responder os anseios da humanidade com a finalidade de alcançar um viver melhor para o homem. Todos os grandes pensadores encontraram-se diante do “problema dos problemas”: “Por que eu existo? E por que experimento o fato de existir como dor, como falta de algo que nem mesmo consigo definir? O que necessito procurar?”. Por trás das interrogações específicas para as quais cada ciência particular procurou dar resposta, na realidade, se esconde a necessidade de fundar o sentido de existir.

A ciência ontopsicológica nasceu da pesquisa do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti como hipótese resolutive ao problema crítico do conhecimento: o homem é capaz de conhecer o real? Indagando sobre os diversos porquês e incertezas do homem, já levantados por grandes mentes da história do conhecimento, Meneghetti descobriu que não é a natureza do homem que é limitada ou errada, mas o mediador do conhecimento, o mediador da realidade que nós usamos: a nossa consciência.

A Ontopsicologia retorna à tradição clássica e introduz uma dimensão ontológica na ciência contemporânea, identificando o

¹ Aluna do 3º módulo do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia na Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), colaboradora na Associação OntoArte como organizadora de eventos do projeto Orquestra Jovem Recanto Maestro.

princípio originário de todos os outros efeitos, através da análise científica, racional, que faz a revisão crítica da consciência. Para chegar à descoberta que o erro está na consciência e não na natureza do homem, o Professor Meneghetti utilizou tudo aquilo que existia antes dele, da descoberta do inconsciente de Freud à crise das ciências e da própria humanidade apontada por Edmund Husserl. Meneghetti foi adiante na pesquisa e descobriu que, na radicalidade do próprio inconsciente, existe um princípio que projeta, um princípio organísmico, mas também transcendente, uma informação-base que corresponde à lógica da vida e que, se executada, leva o homem à sua realização em qualquer momento e em qualquer situação. Essa informação-base da vida foi chamada de Em Si ôntico.

O Em Si ôntico representa o nexos ontológico entre cada individuação e o mundo-da-vida, a qual cada ser vivo pertence. Meneghetti identificou-o, isolou e descreveu cientificamente segundo os seus efeitos, apontou como age na psique humana e quais mecanismos racionais desviam ou defletem essa informação fazendo o indivíduo comportar-se contra o seu próprio bem-estar e o de outras pessoas.

O Em Si ôntico é a informação-base que escreve todo o resto: para estarmos bem, devemos continuar a composição e a evolução da nossa vida de maneira integral, como pessoa, como homem, como indivíduo. O sujeito não somente evolui na esfera biológica, social, econômica ou profissional, mas também no plano espiritual, metafísico.

O homem nasce da realidade da natureza, mas é formado pela incisão direta da sociedade que já preexiste segundo determinados parâmetros. Portanto, o sujeito aprende a si mesmo com base em uma lógica não coincidente com aquela da sua natureza, mas com base em uma lógica cultural, externa que, depois, é

interiorizada pelo sujeito e estrutura a sua personalidade. A partir disso, o sujeito condiciona o seu modo de enxergar a realidade e, sucessivamente, os seus modelos de comportamentos.

Por essa razão e por como a sociedade vem se desenvolvendo, a juventude contemporânea, em sua maioria, vive segundo uma lógica externa, instantânea e superficial. As coisas bastam pelo momento e não se pensa sobre o real sentido da vida. Os jovens vivem os seus dias em busca de uma aceitação externa, vivem buscando, nos meios de comunicação, no consumismo, nos vícios e nos estereótipos em geral, algo que satisfaça a carência interior que eles mesmos desconhecem de onde vem.

Quando o jovem estrutura a sua personalidade a partir do externo, passa a viver fora da lógica da vida, vegeta biologicamente no ciclo de estereótipos sem a conexão com o próprio real. O sujeito é de um modo e *se pensa* de outro. A sua consciência não reflete a informação real e os comportamentos não congruos com a própria identidade consomem a sua personalidade, distanciando-o cada vez mais da realização histórica do próprio potencial.

A Escola Ontopsicológica entende que cada ser humano, seja qual for o seu modo ou contexto em que esteja inserido, tem intrínseco o potencial de realizar a si mesmo. A metodologia científica formalizada por Antonio Meneghetti tem o escopo prático de educar o sujeito a saber a si mesmo, de modo que ele possa construir-se historicamente a partir da própria identidade, agindo com um protagonismo responsável.

Assim como não se planta sementes de eucalipto sob um terreno arenoso, também se deve saber escolher e preparar o próprio terreno, a fim de criar as condições necessárias para que o potencial que já somos por natureza possa aflorar e desenvolver-se nessa existência.

O jovem erra, portanto, em buscar no externo algo que deveria

buscar em si mesmo. O processo da própria construção é uma constante responsabilização, faz-se necessário que o jovem perceba que ao acusar fora (a família, a sociedade, o contexto etc.) pela sua insatisfação não chegará a nenhum resultado positivo para si mesmo. O jovem só cresce, de fato, quando decide responder pela sua vida em primeira pessoa, quando assume as suas responsabilidades e decide não desperdiçar a si mesmo em situações que não lhe geram ganho de existência.

Se deseja construir de maneira saudável a estrada da própria vida, o jovem deve buscar uma formação integral de si mesmo, desenvolvendo progressivamente um protagonismo responsável, em primeiro lugar, em relação à própria vida e, depois, para o contexto em que vive. Deve empenhar-se seriamente em função do seu crescimento, por meio do trabalho, do estudo e das experiências práticas, pois, desse modo, começa a construir as próprias autonomias que, depois, consentem ao jovem a realização em nível integral.

A primeira autonomia a ser conquistada é a autonomia psicológica. Primeiro, é preciso encontrar-se consigo mesmo e verificar se lhe é de agrado o que foi encontrado, caso não seja, é bom estudar-se, examinar-se, confrontar-se. Depois, é preciso entender os próprios medos ou angústias, compreender porque se escolheu determinada coisa e verificar se aquilo é verdadeiramente um bem para si, verificar se é síncrono consigo mesmo, se está em contato unitário e total com a própria individuação, isto é, se a sua consciência está dentro dos seus pés, das suas mãos, do seu cérebro, dos seus instintos, pois é a partir da via biológica, do critério organísmico, que podemos recuperar e verificar a informação-base da vida.

Temos também a autonomia legal e a autonomia social, que permitem ter sempre a liberdade civil de fazer escolhas, para

Isso, jamais deve-se ser superficial com a lei e desenvolver uma autonomia em relação a qualquer grupo ideológico. Em paralelo, o jovem deve desenvolver a sua autonomia econômica. O autossustento é um dos primeiros deveres de um jovem, pois a sua base econômica consente a liberdade, o direito de ser o que se é. Se, por exemplo, um jovem é acomodado, não trabalha e não tem o próprio dinheiro, não pode fazer as próprias escolhas de modo livre e permanece sempre à mercê de um outro. No início, pode-se começar trabalhando como garçom ou como jardineiro, o importante é que se comece a construir-se historicamente a partir do próprio esforço. O trabalho, além de iniciar a própria economia e dar liberdade de escolha ao sujeito, dá diretivas importantes sobre como gerir as próprias relações, como administrar os diversos estereótipos e como usá-los para salvaguardar a verdade última de si mesmo.

A juventude é o período em que mais possuímos coragem e vontade de viver e o jovem deve aproveitar esse momento em que tudo lhe é dado de forma mais fácil e absorver todos os instrumentos de progresso possíveis. Não se pode ter medo, nem perder tempo ao criticar externamente. É preciso, com muita humildade, empenhar-se e fazer o máximo possível dentro do seu próprio projeto. Constrói-se a própria grandeza a partir de cada escolha acertada, a partir de cada escolha coerente com o próprio real.

A verdadeira revolução, portanto, não é externa, mas interna. Ela começa quando decidimos construir a nossa própria história, independente do que aconteceu no passado, da melhor forma possível. Se hoje estou em determinado contexto, seja ele bom ou ruim, agradável ou não, é de inteira responsabilidade minha o fato de eu estar ali. É decidir arcar com as consequências implícitas no livre arbítrio que temos perante a vida. É entender que o que eu

faço hoje, a cada momento, a cada escolha, condiciona e constrói o meu amanhã. É, sobretudo, uma atualização constante em busca daquilo que faz reverberar o que cada indivíduo é em verdade.

Referências bibliográficas

MENEGHETTI, A. *Antonio Meneghetti sobre... Jovens e Realidade Cotidiana*. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

MENEGHETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008.

MENEGHETTI, A. *Do humanismo histórico ao humanismo perene*. Recanto Maestro, Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. *Os jovens e a ética ôntica*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. *Pedagogia ontopsicológica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

Da construção de si mesmo à contribuição com a sociedade

Mireila Vieira Fagundes¹

Tudo é relativo, com exceção de nós mesmos e tudo aquilo que cada um, de fato, é. O ser humano é único, assim como cada individuação da vida. Porém, estamos infelizmente inseridos em uma geração que é formada e influenciada pelo mundo externo, pela realidade digital e virtual e por um consumismo que tende a uniformizar todos a objetos de mercado, conduzindo mais ao “ter” do que ao “ser”.

Como alternativa a essa formação e desenvolvimento da juventude de hoje, a escola ontopsicológica traz contribuições fundamentais. O Acad. Prof. Antonio Meneghetti criou uma metodologia de formação que permite ao jovem reconhecer e desenvolver a própria identidade. O conceito-base que sustenta a sua pedagogia é o da responsabilidade em relação a essa identidade, ou seja, desenvolver e atuar as próprias potencialidades inatas. A responsabilidade implica assumir o dever de criar um modo de manter-se e crescer sem pretender a própria solução por meio dos outros.

Além da responsabilidade, outro conceito importante é o do protagonismo. Na condução de uma obra ou de um projeto, o protagonista é aquela pessoa de destaque, o agente principal, o

¹ Aluna do 5º semestre do Curso de Administração da Antonio Meneghetti Faculdade (AMF) e Auxiliar Administrativa no Hotel Capo Zorial (HCZ) no Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro.

responsável por projetar as várias funções de trabalho e gerenciar os vários recursos para o sucesso e o êxito do todo. Juntando esses dois conceitos, temos o protagonismo responsável. Assumindo essa posição, o jovem deixa de ser objeto para se tornar sujeito da própria vida.

Para chegar a isso, é necessário fazermos uma revolução, sendo ela primordialmente interna. Primeiro, é preciso entender a si mesmo, para, então, aprender o outro. Formar-se, compreender-se, autoconhecer-se são as diretrizes essenciais que podem levar, em um futuro, à “sala de comando”. Nela, sim, será possível propor mudanças que beneficiem toda uma sociedade.

Tornar-se e ser um líder não é tão simples, no entanto, é possível. Os líderes são aqueles que consideram a sua vida com preciosidade, portanto aqueles que se querem bem, estimam a si e aqueles que o cercam são dignos em relação à própria existência. São aqueles que sabem melhor servir o seu contexto, aqueles que dominam e sabem tudo relacionado ao seu projeto, aqueles que sabem fazer funcionar com o propósito de atingir o escopo máximo de si mesmos e da sociedade.

Para chegar à liderança, um jovem deve, primeiro, desenvolver duas capacidades: saber fazer e saber servir. Quando jovens, devemos nos experimentar e dar o nosso melhor em tudo aquilo que fazemos, não importa qual seja a atividade, pois, através dela, aprende-se e desenvolve-se a própria dignidade. O líder é também aquele que melhor sabe servir e, para tornar-se patrão, antes, é preciso servir outros diversos padrões. Devemos ser criativamente pró-ativos, ou seja, devemos estar em constante ação e contribuição. Para nos tornarmos grandes, é preciso passar também por muitas escolas, por muitos padrões e, com cada um deles, aprendemos uma parte da nossa própria escola de vida. O jovem que busca essa estrada tem também sempre sede e nunca

para de aprender, está em constante evolução (*life long learning*).

Nesse processo, os jovens, aos poucos, identificam e reforçam o próprio *core business*, desenvolvem a própria vocação e isso é alcançado através de estudo, empenho e sacrifício. Tudo aquilo que semeamos hoje é frutos que colhemos num amanhã, isto é, tudo que fizermos para atingir um escopo aqui e agora, pode trazer grandes resultados no futuro. Contudo, é muito importante nos prepararmos para aquilo que, de fato, identificamos e sentimos ser o nosso melhor.

Na Antonio Meneghetti Faculdade somos estimulados e impulsionados nessa direção através de uma formação diferenciada, que busca desenvolver uma nova inteligência empreendedora, individuada, reforçada e focalizada na ação prática do sucesso, humanamente superior e socialmente correta. Para isso, somos sustentados por cinco importantes pilares que nos permitem uma formação integral voltada ao desenvolvimento do protagonismo responsável.

Essas cinco dimensões compreendem:

- o *estudo*, que aliando a teoria à prática, através da formação com grandes professores, profissionais e empresários, busca também desenvolver uma *forma mentis* empreendedora e de liderança através das disciplinas FOIL (Formação Ontopsicológica Interdisciplinar Liderística);

- o *trabalho*, através do qual desenvolvemos a competência competitiva, a capacidade, o saber fazer, o saber servir, proporcionando, assim, a construção da nossa base econômica;

- a *alta moralidade* como estilo de vida, em razão da disciplina, ordem, limpeza, estética e organização, tanto de nós mesmos quanto do ambiente em que estamos inseridos;

- a *ciência*, que permite, por meio da metodologia ontopsiológica e seus instrumentos, a construção global e

integral de nós mesmos;

- e a *internacionalidade*, devido ao contato com diversas culturas, que nos permitem relativizar estereótipos, instigam a aprender novidades e ampliar nossos horizontes.

Com esse tipo de formação, o jovem, que, por natureza, possui um grande potencial, pode desenvolver-se a cada dia, reconhecendo e tornando concreta a própria grandeza. E, depois da dimensão individual, existe a sociedade e seus sistemas, necessitamos dela para aprender as regras para jogar o jogo. Devemos, com inteligência, observar os esquemas propostos e impostos, aprender como jogar, para, em um futuro, se entendermos que algo não está bom ou pode ser melhorado, termos competência de chegar à “sala de comando” e, de modo responsável, propor as mudanças e gerarmos progresso social.

Meneghetti sustenta que o jovem é a garantia do futuro, é o fundamento do amanhã, é a continuidade de saber amar com valor a vida. Para tanto, essa formação, essa pedagogia nos dá diretivas que nos garantem um primado, antes de tudo para nós mesmos, mas, sobretudo, nos permitem criar um legado maior em prol do desenvolvimento da humanidade, uma resposta de maior amplitude a partir da capacidade individual de ser, saber e fazer, a partir da fundamental evidência: “Eu sou!”.

Aos que alcançam essa capacidade, constata-se que encontram o verdadeiro de si mesmos e, quando se realizam através do seu próprio potencial, a experiência que vivem é aquela de sentirem-se junto, dentro do mundo de todos. Quando chegarmos nesse estágio, nasce o ato de abertura, de comunicar, de abrir-se para fazer-se ler e compreender também pelos outros. Torna-se, então, belo espalhar algo a mais que cada um possa pegar, tornar-se, alcançar e encontrar, assim, o sentido de si mesmo.

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA.
*Identidade jovem: a formação humanista de jovens como
garantia de sustentabilidade, identidade e protagonismo civil.*
ABO: Recanto Maestro, 2011.

FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI. Posicionamento
Institucional. *Anais II Cong. Int. Uma Nova Pedagogia para
a Sociedade Futura.* Recanto Maestro: Fundação Antonio
Meneghetti, 2016.

MENEGHETTI, A. *Antonio Meneghetti sobre... Jovens e
Realidade Cotidiana.* Recanto Maestro: Fundação Antonio
Meneghetti, 2017.

MENEGHETTI, A. *Aprendiz Líder.* São Paulo: FOIL, 2011.

MENEGHETTI, A. *Os jovens e a ética ôntica.* Recanto Maestro.
Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. *Pedagogia ontopsiológica.* 3. ed. Recanto
Maestro. Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. *Psicologia Empresarial.* São Paulo, SP:
FOIL, 2013.

SCHAEFER, R. Formação integral para o protagonismo
responsável: as dimensões da formação do jovem no Recanto
Maestro. *Revista Saber Humano*, v. 7, n. 10, p. 32-52, jul./dez.
2017.

“RESPONDER” ÀS OCASIÕES DA ESCOLA, DA SOCIEDADE, DA VIDA

*Ricardo Schaefer*¹

Vivemos, hoje, uma crise do humano neste planeta e – como vimos nos capítulos precedentes – a juventude tem sido usada como combustível e motor nesse processo. Valores e referências clássicas do humanismo estão cada vez menos presentes e a internet está se consolidando como a nova bíblia por meio de potentes “divindades” da cultura digital, como google, wikipedia, facebook etc. Nessa web que conecta, nessa rede ou teia que amarra todos, os jovens passaram a *escrever* a sociedade de hoje. Eles blogam, eles postam, eles fotografam e filmam, eles curtem e compartilham e se faz a história. Estamos nos endereçando a uma civilização robótica nas mãos de grandes crianças que não sabem quem são, não sabem quem é o homem e, portanto, não possuem qualquer ambição ou desejo de construir e restituir ao homem e a si mesmas a própria e genuína grandeza.

Essa “juventude do iPod”, hipergratificada e hiperprotegida, assistida pela cultura do *direito*, que pouco conhece a

¹ Graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Pós-graduação em Gestão de Negócios pela Universidade Cidade São Paulo (Unicid) e em Ontopsicologia pela Universidade Estatal de São Petersburgo (Rússia), Mestrado em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Doutorando em Administração pela UFSM. Editor da Revista Performance Líder e Coordenador FOIL (Formação Ontopsicológica Interdisciplinar Liderística) da Antonio Meneghetti Faculdade (AMF).

responsabilidade e a reciprocidade do *dever*, vive dentro de uma matrix e perdeu o contato consigo mesma, com o próprio corpo e seus instintos primários. Essa juventude “fora de fase” perdeu também o contato com o mundo real, concreto, à sua volta, vive de imagens, plugada de modo ininterrupto em uma realidade virtual. Sem contato com a própria dimensão interior e sem contato com a realidade física externa e natural, a ideia e a experiência de terem um avatar, de ter um personagem criado nos mais variados universos dos games, de criar uma *second life* passaram a constituir-se, na verdade, como a sua *first and only life*.

Diante dessa realidade que já vivemos e progressivamente experimentamos, Antonio Meneghetti abriu o seu pronunciamento na cerimônia de inauguração da Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), em 2008, com um profundo questionamento: “Existe um ponto fundamental que interessa a todos: a nossa juventude... Para onde está caminhando hoje? Que potencial possui? E o que estamos fazendo para os nossos melhores jovens?” (2015a, p. 83). Nessa ocasião, o patrono da instituição de ensino que leva o seu nome faz uma chamada à formação à responsabilidade: “Esta escola, este projeto, quer dar uma possibilidade de responsabilidade. Isso é, chamarmos novamente, recordarmos desta palavra: responsabilidade” (MENEGETTI, 2015, p. 84).

Como proposta de resposta concreta a essa crise do homem e da juventude exposta anteriormente, a formação integral dos jovens realizada no Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro, alicerçada na pedagogia ontopsicológica e no desenvolvimento sinérgico e complementar do estudo, trabalho, alta moralidade, ciência e internacionalidade (SCHAEFER, 2017), tem mostrado que é possível formar uma nova geração baseada no protagonismo responsável, capaz de responder à própria vocação e projeto de natureza, em conformidade com contato

real e sinergia com as demandas, problemáticas e oportunidades do contexto ambiental, econômico, social em que vive.

O conceito-chave que sustenta essa pedagogia é o da responsabilidade em relação à própria identidade, ou seja, desenvolver e atuar as próprias potencialidades inatas. Ser responsável não é uma escolha, mas um fato que não pode ser eliminado a partir do momento em que se existe. “Para tanto, faz-se necessária uma pedagogia que leve o jovem a conhecer a si mesmo e a adquirir os instrumentos técnico-práticos e racionais para historicizar sua liderança e proporcionar o desenvolvimento humanista no contexto social em que atua” (BAZZO et al., 2011, p. 12). Temos, desse modo, o protagonismo responsável.

Na condução de uma obra, o protagonista é a pessoa de destaque, o agente principal, responsável por projetar as inúmeras funções de trabalho para o sucesso e o êxito do todo. A responsabilidade, por sua vez, implica assumir o dever de criar um modo de manter-se e crescer sem pretender a própria solução por meio dos outros. A responsabilidade primária refere-se à própria vida: primeiro, tenho que responder às exigências que constroem meu valor como pessoa. Em primeiro lugar, há o dever de responder de modo excelente à provocação de construir a si mesmo. Protagonista responsável é, portanto, aquele que sabe, na relação humana, estabelecer a ordem de funções para cultivar o crescimento das pessoas sem impedir a autonomia pessoal (FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI, 2016, p. 22).

A visão ontopsiológica, portanto, reconhece que cada ser humano tem intrínseca uma capacidade de autorrealização, independentemente de sua idade, posição social ou contexto. Cada indivíduo tem inata a possibilidade de construir historicamente o seu projeto de natureza, como protagonista de suas escolhas,

conquistas e resultados. Cada indivíduo “é capaz de agir de modo criativo na existência, atuando o potencial que o especifica e o distingue de todos os outros, segundo o modo como foi previsto pela natureza. A realização de si mesmo é a principal tarefa existencial de cada indivíduo” (FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI, 2016, p. 21).

A partir dessa construção e realização individual, como pessoa, pode-se, depois, contribuir com o contexto em que se vive como vetor de evolução, melhoria, desenvolvimento humano. O escopo prático da pedagogia ontopsicológica é “educar o sujeito a fazer e a saber a si mesmo: fazer uma pedagogia de si mesmo como pessoa líder no mundo, educar um Eu lógico-histórico com capacidades e condutas vencedoras” (MENEGHETTI, 2014, p.14). A pedagogia ontopsicológica tem, assim, o objetivo de formar o homem pessoa na função social.

Um jovem que acolha o próprio apelo ôntico, que construa a sua trajetória a partir do seu projeto de natureza, pode, depois, chegar a uma função de liderança no seu micro ou macro contexto, acessar à “sala de comando”, conduzindo e construindo de modo *responsável* uma real transformação na sociedade.

A liderança é sempre o resultado da escolha contínua e da ação responsável de cada indivíduo, em coerência com seu próprio potencial. Cada ação acertada concretiza os horizontes amplificados, que, depois, tornam-se providência aos próximos. Providência em sentido prático, útil e funcional, seja na arte, na política, na jurisprudência ou na alta tecnologia. Essa estrada pedagógica, que se aprende cotidianamente, deve ser recolocada no interno dos nossos sistemas educativos, ensinando a cada indivíduo como construir a própria dignidade (FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI, 2016, p. 22).

Esse é o ponto, conforme enfatiza Meneghetti na sua fala de inauguração da AMF: “criar uma escola de formação superior, significa que no futuro estes jovens deverão dar também testemunho de vida sadia, em sentido biológico, racional, em sentido social” (MENEGETTI, 2015, p. 85). O Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro, por meio dos seus inúmeros projetos epicentrados na Antonio Meneghetti Faculdade, busca recolocar o homem no centro de todas as coisas, como quer que seja a racionalidade do nosso sistema. “Este é o verdadeiro movente, e é um verdadeiro grande prazer investir arte, vida, dinheiro, e o que servir, para ser genitores, mestres de espírito, a grandes que terão orgulho de se terem feitos sozinhos, de terem merecido sozinhos, grandes que souberam *responder* às ocasiões da vida, da sociedade e da escola” (MENEGETTI, 2015, p. 85).

A Antonio Meneghetti Faculdade, como coração do Recanto Maestro, tem construído dia a dia essa missão, levando adiante esse grande projeto humanista idealizado e deixado pelo seu fundador, a fim de que o “projeto homem” possa ser resgatado e realizado não apenas no Brasil, mas também em todo o planeta.

Somos hóspedes responsáveis neste planeta Terra, nem os únicos nem absolutos, mas um componente do grande projeto da vida. É importante compreender qual é a arte de nascer e crescer neste planeta. É necessário encontrar uma sintonia, uma convergência, entre o projeto da vida e a pequena realidade de cada homem, em particular, a realidade das crianças e dos jovens. Eles são, de fato, o amanhã de cada ser humano. O homem viverá no tempo e na história se os jovens tiverem aprendido alguma coisa pela qual serem grandes por si mesmos. Na medida em que os jovens forem grandes, capazes, também os outros seres humanos estarão junto com eles no futuro do tempo neste planeta (MENEGETTI, 2014, p. 194).

Referências bibliográficas

BAZZO, P.; ROCKENBACH, G.; SCHAEFER, R.; SCHUTEL, S. *Identidade Jovem: il progetto che coinvolge i giovani nel promuovere gli obiettivi del millennio (MDGs)*. In: *Revista Nuova Ontopsicologia*, ano XXIX, n. 1. Roma: Psicologica Editrice, 2011.

FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI. Posicionamento Institucional. *Anais II Cong. Int. Uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura*. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2016. Disponível em: < <https://reciprocidade.emnuvens.com.br/novapedagogia/article/view/132/153>>.

MENEGHETTI, A. Formação à responsabilidade. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA. *Cultura & Educação: uma nova pedagogia para a sociedade futura*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, A. *Pedagogia ontopsiológica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

SCHAEFER, R. Formação integral para o protagonismo responsável: as dimensões da formação do jovem no Recanto Maestro. *Revista Saber Humano*, v. 7, n. 10, p. 32-52, jul./dez. 2017.